Ada C. Machado da Silveira
Clarissa Schwartz
(Orgs.)

MIDIATIZAÇÃO DA TRAGÉDIA DE SANTA MARIA

A construção de relatos em meio ao caos

Volume II

Santa Maria
FACOS-UFSM
2017

Este trabalho está licenciado sob uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional. Para ver uma cópia desta licença, visite https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/.

M629 Midiatização da tragédia de Santa Maria : a construção de relatos em meio ao caos / Ada C. Machado da Silveira, Clarissa Schwartz, (orgs.). – Santa Maria, RS : FACOS-UFSM, 2018.
v. 2 : il. ; 21 cm

ISBN 978-85-8384-040-4

1. Comunicação 2. Mídia 3. Tragédia – Santa Maria, RS 4. Boate Kiss – Tragédia – Santa Maria, RS 5. Midiatização I. Silveira, Ada Cristina Machado da II. Schwartz, Clarissa

CDU 316.774

Ficha catalográfica elaborada por Alenir Goularte - CRB 10/990
Biblioteca Central - UFSM

ISBN 978-85-8384-040-4

Apoio:

SUMARIO

Prefácio **07**
Marcelo Canellas
Apresentação **13**
Ada C. Machado da Silveira (UFSM), Clarissa Schwartz
1. Fernando Ramos e Lizie Antonello **29**
Clarissa Schwartz e Renata Franciele Grzegorek
2. Nilson Vargas **55**
Anelise Schutz Dias
3. Germano Rorato **71**
Clarissa Schwartz e Renata Franciele Grzegorek
4. Tiago Baltz e Deivid Rodrigues Dutra **91**
Clarissa Schwartz e Renata Franciele Grzegorek
5. Vilceu Godoy e Antônio Augusto Rodrigues Maia **91**
Clarissa Schwartz e Renata Franciele Grzegorek
6. Juliana Motta e Oneide Moura **91**
Clarissa Schwartz e Renata Franciele Grzegorek
7. Alcides Zappe **91**
Clarissa Schwartz e Renata Franciele Grzegorek
8. Ananda Müller **91**
Clarissa Schwartz e Renata Franciele Grzegorek
Posfácio **405**
Associação dos Familiares das Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria AFVTSM
Sobre os autores **409**

Prefácio

A preservação da memória se torna cada vez mais onipresente na atualidade. Mas quando se trata de uma memória dolorosa para muitas famílias e impactante para uma sociedade inteira, se torna imprescindível a luta para que ela não seja esquecida. As famílias santamarienses e gaúchas ganharam atenção do país e do mundo: durante dias e meses, todos conheceram aqueles que seriam os "futuros promissores" e seus sonhos, que foram arrancados de forma brusca na Kiss. Além da luta para que não se caia no esquecimento, a busca por Justiça se torna cada vez mais presente, por vezes desesperançosa, com manobras e ações colocadas em prol das famílias na tentativa da indução à desistência.

Seja nos quatro anos passados do sinistro, seja no dia 27 de Janeiro de 2013, muitas experiências foram e ainda são compartilhadas por familiares, amigos, sobreviventes, voluntários, psicólogos, profissionais da imprensa e de outras tantas áreas que se envolveram de uma forma ou de outra. As Associações e Movimentos de luta formados após a tragédia sofreram grandes críticas de parte da imprensa local e de determinados profissionais inseridos nela. Apesar disso, é inegável ressaltar a grande importância do trabalho jornalístico para manter a memória pública do ocorrido, assim como os desdobramentos realizados pelos profissionais da área para a realização da cobertura da tragédia.

O vazio em cada família, junto de todas as informações, relatos, dificuldades de logística e trabalho, fotos estampadas em impressos e notícias veiculadas, fazem parte da nossa história. Fernando Pessoa já disse que "A memória é a consciência inserida no tempo". Estejamos nós, conscientes de nosso papel na sociedade, sendo ele um profissional na busca por informações com integridade, sendo ele um cidadão cobrando e exigindo respostas justas em um sinistro de dimensões imensuráveis.

Marcelo Canellas

Apresentação

Esse livro é uma tentativa de preservar uma memória que, apesar de muito dolorosa, não pode ser esquecida. A proposta desta obra surgiu a partir da realização de uma oficina com profissionais da imprensa de Santa Maria que atuaram na cobertura da tragédia da boate Kiss. A oficina "Midiatização da tragédia de Santa Maria" aconteceu em julho de 2014 durante a Feira Estadual do Cooperativismo e abriu espaço para os profissionais compartilharem a experiência de atuar na cobertura jornalística mais difícil de suas vidas. Uma cobertura para a qual ninguém estava preparado. Uma cobertura em que não havia respostas. Às vezes, diante de tanta dor, faltavam até as perguntas aos jornalistas. Mesmo diante de uma situação inexplicável, os profissionais de imprensa de Santa Maria se esforçaram para levar informação ao público do município, do estado, do país... Uma tragédia que logo ganhou a atenção do mundo inteiro: 242 vidas se perderam. Na cidade universitária, jovens saíram de casa para se divertir e não retornaram. Uma dor imensurável para as famílias, que até hoje, quatro anos depois do incêndio, lutam por justiça.

Reunimos neste livro entrevistas com doze profissionais de jornais, emissoras de televisão e de rádio que atuaram diretamente na cobertura da tragédia ainda na madrugada de 27 de janeiro de 2013. São repórteres, editores e fotógrafos que testemunharam, incrédulos, o resgate das vítimas, o combate ao incêndio, a retiradas dos corpos, a identificação dos mortos, os velórios, enterros... A maior parte dos entrevistados atua até hoje na cobertura sobre a tragédia. Outros deixaram Santa Maria ou o trabalho diário de reportagem. Mas nenhum deles permaneceu o mesmo após essa cobertura.

O livro está organizado em oito capítulos. Os quatro capítulos iniciais referem-se ao trabalho realizado por jornais em versões impressas e online. No capítulo 1, o fotógrafo Fernando Ramos e a repórter Lizie Antonello contam os detalhes da cobertura realizada para o jornal Diário de Santa Maria; no capítulo 2, entrevistamos o editor-chefe de Zero Hora, Nilson Vargas, que estava em Santa Maria na madrugada da tragédia; no capítulo 3, o entrevistado é Germano Rorato, fotógrafo - na época *freelancer* - que teve suas fotos estampadas em vários jornais pelo mundo e no capítulo 4, o fotógrafo

Deivid Dutra e o repórter Tiago Baltz relatam a cobertura realizada para o jornal A Razão.

O quinto e o sexto capítulo são dedicados à cobertura realizada pelas duas emissoras de televisão aberta de Santa Maria. No capítulo 5, o chefe de produção Vilceu Godoy e o cinegrafista Antônio Augusto Rodrigues Maia relatam o trabalho realizado na TV Pampa e Rede TV e no sexto capítulo, a repórter Juliana Motta e o repórter cinematográfico Oneide Moura contam os detalhes da cobertura para a RBS TV, Rede Globo e Globo News.

Os últimos capítulos são dedicados ao radiojornalismo. No capítulo 7, entrevistamos Alcides Zappe, diretor-superintendente da Rádio Imembuí, que atuou como repórter na cobertura da tragédia e no capítulo 8, a jornalista Ananda Müller relata o trabalho desenvolvido para a Rádio Gaúcha de Santa Maria.

Entre os temas, os entrevistados contam como receberam as primeiras informações sobre o incêndio; relatam a situação que testemunharam em frente à boate; compartilham como foi a realizada a cobertura logo após o incêndio e com o passar do tempo; elencam quais as prioridades e as principais dificuldades do trabalho; comentam o papel da imprensa para evitar novas tragédias e deixam mensagens aos futuros jornalistas.

Agradecemos aos profissionais que compartilharam conosco essa experiência. Buscamos, com isso, mostrar a importância da imprensa local que, mesmo diante de uma tragédia de dimensões inexplicáveis, atuou com integridade e segue até hoje ciente de seu papel na cobertura da tragédia da boate Kiss.

Ada Cristina Machado da Silveira
Clarissa Schwartz

Fernando Ramos e Lizie Antonello

Formado pela Unicruz (2000), o jornalista Fernando Ramos, 53 anos, atuou na cobertura como editor de fotografia do Jornal Diário de Santa Maria. Em sua carreira, Ramos também foi cinegrafista da RBS TV por 18 anos. Ele está aposentado desde junho de 2015

Formada pela UFSM (1999), a jornalista Lizie Antonello, 40 anos, trabalhou na cobertura como repórter do Jornal Diário de Santa Maria. Lizie está na equipe do DSM desde 2009 e já atuou nos veículos de comunicação A Cidade, A Razão e TV Pampa

As primeiras informações

FERNANDO - Eu acho que eu fui a primeira pessoa do nosso grupo [Grupo RBS] a ser avisada. Tinha o Maurício [Barbosa Pereira], fazia foto pra nós eventualmente, ele me ligou às duas e quarenta e sete da madrugada. Eu estava em Formigueiro dormindo. Ele disse:

- Fernando, eu segui o caminhão dos Bombeiros que passou na Venâncio [rua Venâncio Aires].

Ele estava de moto e seguiu.

- Tem um incêndio na Kiss.

- Tu estás com máquina?

- Não, estou com o celular.

- Tá, então segura umas fotos de celular pra nós, que daí a gente vê o que acontece.

Imaginava que fosse só um princípio de incêndio, sei lá, que fosse sair todo mundo pra fora e não ia dar nada.

Ele chegando lá disse:

- Fernando, é grande a coisa. Não vai dar pra segurar com o celular.

- Bom, então vou mandar um fotógrafo.

Daí eu comecei, liguei pro Germano [Germano Roratto, fotógrafo] que estava no CDM [Centro Desportivo Municipal] fazendo [a cobertura] da rainha de carnaval. Ele tinha ficado até uma hora e pouco, desde as nove da noite. Eu ligo pro Germano e digo:

- E aí Germano, como é que estás, está cansado?

- Estou entrando em casa agora, estou cansado.

- Deu um incêndio na Kiss, dizem que é grande a coisa, tem um cara com celular lá, não vai segurar.

- Não, eu posso ir lá ver pra ti.

- Então vai indo. Chega lá e me conta.

Ele chegou lá e me ligou:

- É grande, dizem que tem uma pessoa morta.

Aí eu pego o telefone e ligo pra Lizie pra dizer:

- Olha tem um incêndio. O Germano está lá, vou pedir pro Luciano [motorista] te pegar.

Aí eu comecei a me preocupar em ligar para os outros veículos do grupo. Site agora só o da Zero Hora. Eu ligo pra Zero Hora, para o *online* da Zero. A moça que atendeu:

- Está fora do ar que a gente está em manutenção.

Daí tentei ligar para a TV, não consegui a TV, não consegui ninguém da Rádio Gaúcha. Daí eu liguei para o guarda [vigilante da empresa em Santa Maria] e disse:

- Tenta achar alguém da TV e da Rádio Gaúcha.

Nesse meio tempo o Germano tinha ligado e dito:

- Tem quatro mortos na garagem do [supermercado] Carrefour.

Absurdo. Eu comecei a enlouquecer pra tentar avisar as pessoas. Daqui a pouco, o Germano liga dizendo que está sendo hostilizado pelas pessoas.

- Olha está complicado aqui, estou sendo hostilizado, está muito tenso aqui.

- Então sai. Vai pra [avenida] Rio Branco. Já tem foto?

- Já tenho foto.

Tinha aquele cara correndo com aquela pessoa no colo e outras fotos. A partir daí, estava todo mundo avisado. Eu achei: está resolvido, mas eu imaginava quatro mortos. Daqui a pouco o Germano:

- Veio um PM aqui com a máquina dele na corda, lá onde ele estava no isolamento, tem uma pilha de mortos na máquina, ele entrou lá dentro, tem mais de cem mortos.

Daí eu liguei o *notebook* e ali estava dando. Oficialmente a [Rádio] Gaúcha eu sei que estava colocando sempre menos, dez, quinze [vítimas]. Mas no *Facebook* a galera postando foto: 70, 80, 90 [vítimas].

LIZIE - É que nós tínhamos a informação inicial só dos corpos que já tinham sido retirados que estavam no [supermercado] Carrefour. Então por isso esse número inicial era bem baixo. Foi só o que eles precisavam tirar da entrada para conseguir entrar na boate. Então nós que estávamos lá não tínhamos acesso ao que estava lá dentro. Como esse policial tinha entrado, já tinha visto, tinham feito fotos lá dentro. Então nós não sabíamos o tamanho ainda do que tinha acontecido.

FERNANDO - A gente começou a ligar para os sobrinhos para ver se estava tudo bem. Tenho duas sobrinhas em idade de ir, que saem à noite. Tudo bem, graças a Deus! Ninguém tinha saído, estavam em casa. Eu comecei a me preocupar como vir para Santa Maria porque eu estava em Formigueiro, minha mulher estava lá, meu sogro estava doente, paralisado e à noite a gente pousava junto com ele, todo sábado pra cuidar. Cheguei às seis da manhã aqui. A gente foi escutando o rádio e aqueles números só foram aumentando, a gravidade só foi piorando. A gente chegou aqui, já estava todo o jornal mobilizado. Tinha os três motoristas, mais os dois táxis à disposição para o dia inteiro e vieram mais três carros de Porto Alegre. Começou a chover de gente. A partir daí, o meu trabalho, fiquei para gerenciar. Ficaram três equipes de Porto Alegre, mais três fotógrafos "frelas" que eu não sabia nem o nome, nem telefone. Tinha repórteres que ligavam e pediam:

- Estou em frente a uma padaria.

Eu tinha que achar, mandar um motorista que nem conhecia o fotógrafo. Eu atendia de manhã enlouquecido: Folha de São Paulo, Estadão, toda a imprensa do Rio [de Janeiro]. O Nilson Vargas [editor-chefe de Zero Hora] também estava em Santa Maria, coincidentemente, e essa menina de Porto Alegre que eu avisei [a telefonista] avisou ele e ele estava aqui também. Começaram a vir coisas no *Facebook,* imagens, e eu tinha que ir atrás dessas imagens, para saber se podia publicar.

Nesse dia [no domingo] eu fui lá a partir das dez da manhã. Eu fui no "Farrezão" [Centro Desportivo Municipal] buscar cartões [das câmeras fotográficas] porque os guris não podiam sair de lá. Comecei a fazer um serviço de logística quase. O Germano, por exemplo, que tinha passado a noite no "Farrezão", ele só saiu às três da tarde da Kiss. Então tinha que levar lanche, almoço. Eles mesmos não queriam sair. Porque tu estás em uma cobertura que tu iniciastes, a gente quer continuar, enfim é natural. Nesse meio tempo,

ligaram de Porto Alegre dizendo que era para contratar um helicóptero. E não tinha helicóptero. Consegui com o aeroclube um avião para sobrevoar o local da Kiss porque se imaginava que tivesse fogo em cima. Às dez e meia da manhã eu consegui sobrevoar e só tinha duas manchas no teto. A gente fez foto da rua interrompida lá de cima, essa região do "Farrezão" que estava completamente tomada de gente e carros. Até uma coisa que me chamou a atenção: quando a gente estava indo para o aeroclube, a gente parou na [avenida] Presidente Vargas com a [rua Serafim] Valandro. Enquanto a sinaleira abria, em todos os carros que dobravam da Valandro tinha gente chorando. Todos os carros. Motorista, passageiros dos carros, o carro dobrava, mulher chorando, homem chorando, ou familiar, ou conhecia alguém, estava todo mundo descendo para o "Farrezão" pra saber notícias. Esse foi o primeiro choque da manhã. Depois a gente começou a ter outras situações de repórter que chegava muito chocado com a hostilidade das pessoas, às vezes, nem familiares das pessoas, chamavam de urubu, o que vocês querem aqui? Tem que trabalhar, um trabalho que as pessoas comuns têm dificuldade de entender esse serviço que tu fazes. Todo mundo relatava coisas tristes no [Hospital de] Caridade, de mostrar uma sandália de uma pessoa para os pais para ver se alguém reconhecia, um objeto, um celular, um PM mostrando uma jaqueta, um casaco.

A gente editou naquela manhã eu acho que mais de cinco mil fotos. Cada fotógrafo chegava com 300 fotos, 400 [fotos]. Tudo rápido. Joga na agência [Agência RBS]. Todo mundo queria comprar as fotos. Tu sais de uma situação de um jornal pequeno, interior, tu trabalhas com três fotógrafos, conhece todo mundo e de repente tu tens dez fotógrafos, tu triplicas essa tua gestão.

LIZIE- Eu lembro que eu estava dormindo, também estava em casa e eu era a jornalista que estava de plantão naquele final de semana. E eu fui acionada, quem me ligou primeiro foi o Germano e disse assim:

- Lizie, me avisaram que tem um princípio de incêndio na Kiss.

O que a gente se preocupa sempre, em checar, porque tu não vais mobilizar toda uma equipe antes de saber se realmente é.

- Vou ligar pros Bombeiros e já te retorno.

Foi o que eu fiz. Liguei e tinha um conhecido lá nos Bombeiros naquela noite, que falou:

- Lizie, eu só vou te dizer o seguinte: está todo mundo lá, está Unimed, estão Bombeiros, todas as empresas de saúde de Santa Maria estão lá. Não preciso te dizer mais nada.

Falei com o Germano de novo:

- Então tu combinas com o Luciano, que é o nosso motorista, vai pra lá e então o Luciano vem e me busca.

Geralmente a gente faz isso em uma situação que é bem rápida e que é factual. O fotógrafo tem que ir antes, pra pegar imagens e a gente pode ir depois, não tem problema. Foi o que a gente fez. Eu não tenho certeza, mas eu cheguei lá antes das três [da manhã]. A gente veio pela [avenida] Rio Branco e quando a gente chegou na [avenida] Rio Branco quase esquina com a [rua dos] Andradas era aquele mar de gente subindo e tinha muita gente na calçada, sentada, jovens assim, que pensei: - Meu Deus, estavam lá dentro! Dava pra ver que eles estavam, porque estavam com fuligem e com roupa meio rasgada, tu vias que eles estavam lá dentro. Eu disse:

- Vou tentar garantir depoimentos.

Porque a gente não tinha noção do que tinha acontecido. Foi um princípio de incêndio, teve tumulto, não sabia nem que tinha algum morto naquela altura. Então vou tentar garantir o depoimento das pessoas que estão aqui agora, neste momento, que estavam lá dentro, que viram, que viveram isso, para tentar saber delas o que houve, ter depoimentos, ter contatos telefônicos, que a gente sempre tenta se precisar repercutir depois, mas sem saber o que tinha acontecido de fato. Eu comecei a falar com as pessoas, chegar, indagar, muita gente chorando, muita gente sentada na calçada, enfim, sendo consolada. Eu vi aquela situação e cheguei para falar com os grupos e algumas pessoas falaram comigo:

- Foi incêndio, foi horrível, a gente tentou sair e não conseguia.

Aqueles relatos, tu vais criando uma tensão. Nossa, não é tão pouco, não é um princípio de incêndio apenas. Eu encontrei com o Germano e ele me falou que ele tinha sido hostilizado. A gente estava identificado, sempre sai com o crachá da empresa e algumas pessoas ali em cima já começaram a olhar meio estranho:

- Não queremos falar, a gente não quer falar com vocês.

Descemos e ele [fotógrafo] me deu a sugestão:

- Lizie, então quem sabe tu tiras o crachá pra descer.

E foi o que eu fiz. Tirei o crachá e desci a Andradas em direção à Kiss. Tu chegas e se depara com aquela situação toda, já estava a polícia lá, ainda tinha algumas ambulâncias subindo, carro de bombeiros estava mais lá embaixo, delegados [de polícia] ali na frente. Mas os corpos já tinham sido retirados - aqueles que estavam na entrada. Tu tentas saber com um ou com outro o que realmente aconteceu, qual a situação agora. As pessoas falavam pouco porque também tinham poucas informações. E na verdade, por mais experiência que eles tivessem e já soubessem de que aquilo era bem maior do que a gente imaginava, era muito incipiente, muito preliminar pra largar alguma informação na mídia. Em seguida começou a chegar pessoal de outros veículos [de imprensa]. Começamos a nos reunir todos perto da entrada

do [supermercado] Carrefour, bem próximo da onde estavam alguns corpos e tinham outros no estacionamento. Então as informações chegavam muito pingadas e ninguém confirmava nada, era difícil. Um tempo depois, que eu também não sei precisar quanto, que eles se deram por conta, que já tinham conseguido resgatar todas as pessoas, que era possível, enfim, e que agora nós temos que isolar isso aqui, porque era muita gente em torno. Isolaram a área e pediram que nós nos retirássemos. A gente teve mais dificuldade ainda porque ali [próximo do Carrefour] você ainda tinha o visual, tu estavas observando as coisas que estavam acontecendo, mas daí nós tínhamos que nos afastar um pouco e ficou mais difícil. Então era algum conhecido, o vereador que entrou, que chegou perto, ou sei lá, o policial que estava ali, o delegado que vai sair, vai transitar e a gente chama pra conseguir alguma informação. Às vezes o próprio pessoal da Brigada [Militar] que estava ali fazendo guarda, porque tinha Brigada, tinha Samu, tinha Bombeiros, tinha Polícia Civil, tinha Susepe, todo mundo ajudando, todo mundo foi pra lá. E a gente tentava com um conhecido saber alguma coisa. Então eu fiquei de plantão ali no local para ver toda aquela movimentação do que estava acontecendo e a Marilice [Daronco] e outros repórteres começaram a ir para os hospitais pra saber das listas dos feridos e ter essa outra dimensão que a gente não tinha também, de todo mundo que foi socorrido. Porque essa era nossa preocupação era de dar também a lista das pessoas, dos feridos, porque naquela altura não se sabia, nem nós, nem as famílias, quem havia morrido e quem tinha sido socorrido. Muitas pessoas chegavam perguntando pelos nomes:

- Tem nova lista de feridos?

A gente teve uma situação atípica inicial que o site da Zero [Jornal Zero Hora] estava fora do ar, como o Fernando falou. Então no início a gente não tinha nem como publicar, a gente não conseguia dar as notícias. Quando o *online* começou foi possível começar a publicar e o importante era dizer para as pessoas: a lista de feridos do pessoal que está no Hospital de Caridade, pessoal que foi levado pro HUSM [Hospital Universitário de Santa Maria], pessoal que está sendo levado pra Porto Alegre.

FERNANDO - Eu acho que às sete horas [da manhã] a gente já estava publicando no site as coisas, não lembro precisamente.

LIZIE - A gente tinha muita preocupação também - e uma das questões que o Fernando falou - desse rapaz que apareceu com essas fotos, era primeiro: da fonte dessas fotos; segundo: já aparece gente querendo vender fotos. E a preocupação muito grande também com as famílias porque era muito confuso, era muita informação desencontrada. Então se publicar uma imagem que também vai chocar tanto, sem saber se teu primo, teu parente, teu irmão, se teu filho se salvou, sem dar a lista, por exemplo, dos feridos antes, então era uma preocupação grande.

FERNANDO: Essas fotos do policial que entrou até antes, foi daqueles que primeiro chegaram, socorreram. O editor de fotografia [da Folha de São Paulo] ligou umas cinco vezes até às dez da manhã porque ele queria as fotos e eu não podia liberar essas fotos porque eram muito fortes. Chegou uma hora que eu disse:

- Nilson, a gente tem que bater o martelo.

- Nós não vamos usar essas fotos nunca, mas nós não vamos fornecer essas fotos pra ele. Se ele quiser, ele que entre em contato com quem fez.

O PM mandou as fotos pra ele e eu acho que uma hora depois ele [o editor de fotografia de São Paulo] me ligou pedindo desculpas.

- Tu tens razão, as fotos não dão pra publicar mesmo.

LIZIE: É uma decisão na hora. Tu tens que ter o sangue frio e ter essa tranquilidade de analisar, por mais tenso que fosse, por mais absurdo, irreal, era surreal aquilo, pra todo mundo, ninguém nunca imaginou. Então tu tens que ter essa postura de analisar, o que eu posso, até onde eu posso ir com a minha informação ou com a minha imagem, nesse momento em que as coisas estão muito confusas e que as pessoas estão muito em busca dessa informação, até onde eu posso ir, até onde essa informação pode chegar às pessoas, até onde vai ser bom e até onde não, nós vamos passar do limite, é bem difícil.

FERNANDO: Mas a gente teve tranquilidade. Eu estive completamente tranquilo, porque eu vi que as pessoas que estavam trabalhando eram bem sérias, bem competentes e experientes. Não se fazia nada sem conversar com todo mundo. Nesse caso das fotos, eu sabia que aquilo era uma coisa que não se podia publicar, a gente não publica em outros casos. Ao mesmo tempo, era uma coisa tão grande que tu não sabias, será que eu estou segurando uma coisa que deveria ser liberada? Tudo que eu vi que era forte no primeiro momento eu dizia que não. Quando tinha uma pessoa que era para socorrer, que estava em uma maca, que era ferido, se está vivo, daí a gente coloca, tudo bem, tem que mostrar também a gravidade da situação.

LIZIE: Muitas pessoas, até como aquela foto do Ezequiel que acabou sendo capa do *The New York Times*, ele socorrendo alguém naquela hora, naquele momento enfim, e, mesmo algum tempo depois, a gente não tinha como saber se aquela pessoa havia sobrevivido ou não, então no momento era um ferido sendo socorrido.

FERNANDO: Então esse foi o maior trabalho no meio de toda essa turbulência, porque a gente trabalha há anos, mas nunca nessa magnitude, poucos jornalistas trabalharam em uma situação dessas. A gente só pode raciocinar melhor de tarde, que a gente começou a sentar e rever aquelas fotos que a gente tinha, dar uma olhada nelas de novo, algumas que dá para colo-

car no arquivo. No dia seguinte, a Adriana Franciosi, repórter da Zero Hora, fotografou nove enterros e fora São Gabriel, Santiago, São Sepé que também pedimos para outros fotógrafos da região registrarem pra gente a comoção da cidade. O importante é esse cuidado que todo mundo teve, eu acho que o Diário, a gente não cometeu nenhum deslize, com risco de criar um fato para chocar mais a comunidade, as pessoas, os familiares. Esse cuidado eu acho que foi fundamental.

As prioridades da cobertura

LISIE: Era muito cuidado no que a gente ia dar de informação. Muito cuidado, era muita informação chegando, então a gente tentava se certificar, o que realmente eu tenho certeza que é isso e a gente largava. Como eu estava mais no ambiental e eu fiquei todo o tempo ali, na frente da Kiss, mesmo depois do isolamento, eu fiquei lá até sair o terceiro caminhão, quando eles já estavam removendo os corpos para o CDM [Centro Desportivo Municipal]. Eu passava informações do que eu estava vendo naquele momento, não tinha discordância, não tinha como ser diferente, era a minha impressão do que eu estava vendo. Aí também já ajudava as outras equipes, porque a gente já monitorava: está saindo daqui o primeiro caminhão com corpos, eles vão levar pro CDM, está confirmado. Então tinha outra equipe que foi pra lá pra esperar a chegada. Até as informações oficiais:

- Por favor, informem pras pessoas não virem pra cá [frente da boate]. Peçam pra que as famílias já se desloquem pro CDM, porque lá vai ser organizada aquela coordenação de crise. Lá que nós vamos levar os corpos, lá que as pessoas serão reconhecidas.

Então era uma prestação de serviço também, mas sempre tendo a certeza do que a gente estava dando, sempre foi pra mim prioridade porque era uma situação tão de caos, que qualquer coisa que tu desses que não fosse o real, o certo, ia causar mais transtorno.

FERNANDO: Ao mesmo tempo foi tão rápido esse processo porque da madrugada até às oito da manhã, nove horas, eu sei que estavam chegando os caminhões com os corpos no Farrezão.

LIZIE: Sete e pouco saiu o primeiro.

FERNANDO: Então é tão rápido que tu tens que noticiar o que aconteceu, mas, ao mesmo tempo, já evoluiu muito aquela situação, já estavam os corpos sendo identificados, tem os feridos. Daí só se começou a pensar em responsabilidades no dia seguinte. Era muita informação.

LIZIE: A gente trabalhava meio que em núcleos. Eu fiquei ali [em frente à boate] com o fotógrafo. Tinha núcleo nos hospitais, tinha núcleo no CDM. Os editores conseguiram se organizar de forma a ter equipes cobrindo tudo o que estava acontecendo naquele momento. Então a gente tinha uma

visão de cada parte, mesmo que eu não soubesse o que estava acontecendo lá no [Hospital de] Caridade, o jornal sabia tudo o que estava acontecendo e aqui [na redação] era o gerenciamento.

FERNANDO: Nesse meio tempo, a presidente Dilma [Rousseff] veio e o [governador] Tarso [Genro]. A gente tinha que cobrir também a presidente. Então, como se fosse ampliado o dia a dia nosso para uma situação maior.

As principais dificuldades

LIZIE: Nesse início, foi ter muitas informações e diferentes. Aquela questão das vítimas: tem dez, tem quinze, tem vinte, tem cinquenta e aquilo ia aumentando e a gente não tinha noção de quanto era. Então informações desencontradas são difíceis para o repórter. A gente vive isso todo dia, só que aquilo era macro, era ampliado mil vezes e a gente tinha essa preocupação muito maior também em dar a informação certa. Se em uma situação trivial, do dia a dia já preocupa quando tu tens duas versões do mesmo assunto, imagina quinze mil vezes maior.

FERNANDO: O meu problema foi administrar todas essas dez equipes quase na rua. A demanda de buscar repórter, levar repórter, pra mim foi o mais difícil. E saber a situação. Tinha gente trabalhando doze horas direto, tinha gente que não tinha almoçado, eu estou falando de logística mesmo. Sem falar claro, na parte emocional dos fotógrafos, de todo mundo. Então esse foi um dia que não terminou pra mim. Eu comecei às duas e quarenta e sete [da manhã] que foi a ligação que eu recebi e teve passeata à noite, eu acho que à meia noite daquele dia que a gente conseguiu dar uma organizada, começaram a se dar algumas diretrizes para o dia seguinte. E no outro dia de novo às seis da manhã aqui, então quatro horas de sono e já estava todo mundo de novo, tinha colegas novos chegando.

O momento mais marcante

LIZIE: É como se tu ligasses o automático quando tu vais trabalhar. Parece que algumas emoções rebatem em ti. A gente via tudo aquilo, ficava assombrado com tudo aquilo, tu sabias que estava ali para trabalhar, tu tinhas que cumprir o teu trabalho, então tu seguras até o momento que tu relaxas, que tu vais embora. Eu fiquei lá [em frente à boate] até o começo da manhã. Depois eu vim pra cá [redação] pra fazer os textos para o impresso do dia seguinte e não cheguei a pegar aquela parte mais da comoção que foi no lá CDM, que foi o reconhecimento, famílias chorando. Essa parte eu fiquei um pouco afastada, desde o começo na verdade. Só fui pra casa no final da tarde, depois que eu entreguei os textos. Tu tentas relaxar, mas tu não dormes. Eu dormi pouquíssimas horas aquela noite, porque não tem como, tu não consegues desligar.

FERNANDO - Eu fui pra frente da Kiss mesmo na terça-feira. Quando eu fui lá e constatei, que vi com meus olhos as imagens que eu tinha visto só nas fotos, é que me aliviou um pouco assim, estou entendendo o que está acontecendo, porque até então era só foto, imagens que parecia que estava falando uma coisa que estava distante. Aí quando eu fui lá, que deu tempo de raciocinar, que daí a gente começou a ter ideia. Meu Deus do céu, um negócio muito grande.

A imagem mais marcante

FERNANDO - Eu acho que a foto que mais me marcou e ela foi para o jornal - deram um desfoque ao redor dela - é uma que a [fotógrafa] Adriana Franciosi fez na porta pela fresta do "Farrezão": um legista, um médico em primeiro plano, eu acho que ele estava no foco e aquela fila de corpos com celular no peito e algum documento no peito, porque organizaram as fileiras dos corpos assim. Eu tinha visto outras fotos mais abertas que não dava para publicar também, mas a única que a gente publicou, aquelas fotos são muito fortes e a gente publicou algumas que não aparecia tanto, mas aquela fileira de jovens mortos com celulares no peito, para as pessoas passarem no meio, para reconhecerem quem é quem, aquilo é mais forte pra mim do que as próprias fotos de lá de dentro, essas que o PM fez. Porque ali está escancarado, duzentas e poucas pessoas mortas, para ver se alguém identifica, rosto queimado, chamuscado, para os pais ou familiares passarem no meio. Sempre quando eu lembro da tragédia, lembro mais dessa cena do que dos guris com a marreta batendo na parede ou outras imagens.

LIZIE: Quando tu estás fazendo uma reportagem tu tens que saber dividir: não existe uma parte menos importante ou uma parte mais importante. Eu acho que foi uma decisão super acertada dos editores, que eles tentaram me poupar dessa parte mais sentimental porque eu seguiria com essa história até hoje. Talvez se eu tivesse que ter passado por aquele momento todo de reconhecimento do Farrezão, que foi a parte mais doída dos velórios, dos sepultamentos, talvez eu não tivesse estrutura emocional pra continuar depois acompanhando a investigação, processos. Dois momentos que foram bem chocantes e que daí não foi o texto impresso, foi a impressão que a gente teve do que estava acontecendo: foi quando chegou o primeiro caminhão pra retirar as vítimas, tu ver um caminhão estacionando na frente da boate pra colocar corpos de pessoas, eu nunca tinha visto algo semelhante a isso. Não foi uma vez. Foram três viagens. Então isso é muito chocante e a cena anterior, que foi algo também que eu nunca vou esquecer da minha memória, foi no momento que eu cheguei lá, quando eu desci a Andradas e cheguei lá pra falar com as pessoas, que foi exatamente no momento em que o Ezequiel e outros meninos começaram a marretar as paredes para que a fumaça saísse. Então a gente pegou exatamente aquela cena ali, eles quebrando a parede.

Naquela hora tu não fazes a ligação que eles já estão envolvidos naquele processo, que eles têm conhecidos lá dentro e que eles estão tentando resgatar as pessoas. Mas eles estavam quebrando, fazendo os furos na parede pra sair aquela fumaça preta. Ninguém sabia se aquilo era tóxico, se não era. Tu vias que elas [as pessoas] estavam com o rosto meio encoberto, sem camisa, mas era aquele desespero. Era a imagem do desespero deles tentando salvar as pessoas. Aquilo é muito forte pra mim.

O trabalho em equipe

LIZIE: Essa questão dos repórteres que vieram de fora, a gente teve uma oportunidade, entre aspas, de trabalhar com pessoas que são extremamente mais experientes que nós, mas eles nos tratavam de forma igual. Isso foi o bacana da equipe. O [Humberto] Trezzi, o Carlos Wagner, eles chegavam e nos pediam as coisas porque nós éramos a equipe da casa. Eles nunca invadiram o nosso espaço, sempre nos consultavam e sabiam que a gente tinha os caminhos que podiam ajudar a tornar o trabalho melhor e mais fácil. Passavam toda aquela experiência, foi um aprendizado nesse aspecto profissional também muito grande. E todo mundo se respeitando, eu acho que foi um exemplo mesmo de cobertura, de como as pessoas podem trabalhar, de que pode ser feito em grupo, de que pode ser feito em equipe, que todo mundo vai ter no final um jornal, que vai ter uma informação melhor para o leitor, uma qualidade de trabalho e que não tem competição, não tem quem vai ficar com a melhor reportagem, que todo mundo tem que se ajudar naquele momento mesmo, porque o objetivo é o leitor.

O acompanhamento do assunto

LIZIE: A Kiss é um assunto da cidade, é um assunto importante pra cidade e a gente vai acompanhar até quando existir algo a se falar sobre isso.

Experiências anteriores

FERNANDO: Na ponte de Agudo [RSC-287], que morreram cinco pessoas, a gente teve também uma cobertura, uma agilidade, correria, equipe. Depois a gente acompanhou um ano até a ponte ser construída. A gente ficou todos os dias cobrindo aquilo. A gente teve dois episódios [dos acidentes] dos aviões da Tam e da Gol que, apesar de ser em outros lugares, tinha muita gente de Santa Maria, muitas pessoas também morreram da região. Um dos voos desses aviões, às sete da noite a gente ficou sabendo. O pessoal tem que processar muito rápido em duas horas e descobrir tudo o que era possível naquele dia. No meu caso, eu acho que ajudou, já tive a experiência de ir atrás do que se precisa nesta hora. Claro, bem menor, do que esse dia da Kiss, mas eu acho que isso ajudou, porque a gente já tinha passado, a gente vinha de uma série de tragédias, da ponte e dois voos. No meu caso, eu acho que isso ajudou a equipe a amadurecer, os editores principalmente.

LIZIE: Eu, na verdade, só peguei essa [cobertura] da ponte. A gente também deslocou direto pra lá. Mas foi também uma cobertura que a gente fez longa e essa questão da apuração, de descobrir quem são as vítimas. Mas eu não me lembro de outra, nenhuma semelhante assim. Eu acho que não existe. Pra mim nunca vai ter nada parecido com o que foi aquilo ali. Eu acho que a gente aprendeu muito com ela [a cobertura].

As mudanças depois da Kiss

LIZIE: Essa questão de ver o sofrimento dos outros em uma magnitude que a gente não tem noção, eu aprendi muito com isso, nesse sentido de valorizar as pessoas que tu conheces, os teus amigos, aproveitar a família, porque é uma situação tão surpreendente, era algo que nunca ninguém esperava que fosse acontecer, que tu passas a questionar tudo, tu passas a questionar, nossa, isso pode acontecer comigo a qualquer momento, isso pode acontecer com uma pessoa que eu conheço, podia ser meu parente, podia ser meu irmão, tu dás outro valor pra vida. Até então tu vives, tu vais levando a tua vida do jeito que tu achas que está certo, com as coisas que tu achas que são importantes pra ti naquele momento, mas tu não pensas muito no tamanho do que tu podes perder ou na importância que as pessoas têm pra ti. E da notícia, é até meio constrangedor pra gente falar nisso, foi algo que deu projeção pro meu trabalho. A gente sabe que foi o fato de ser uma tragédia tão grande que acabou tendo toda essa repercussão, que bom que fosse uma coisa boa que tivesse te trazido esse ganho profissional, não foi, mas enfim, profissionalmente ganhei uma experiência assim também inigualável.

FERNANDO: Eu acho que os jornalistas de Santa Maria se firmaram, se consolidou a capacidade, o potencial das pessoas de agir em um momento desses, competência de trabalhar. Eu acho que as pessoas começaram a olhar a gente com outros olhos, mas isso porque as coisas saíram bem feitas, é porque houve competência no desenvolvimento desse trabalho. Era uma tragédia, uma crise, mas alguém tinha que cobrir isso, esse trabalho é nosso, então eu acho que isso foi um crescimento nosso. E no lado pessoal, a fragilidade que a vida é. A pessoa sai pra se divertir, o pai deixa em frente à boate e não vê mais o filho. Então tem que valorizar, está vivo, aproveita teus irmãos, tua família, teus amigos, brinca. Eu acho que esse é o legado pessoal da gente.

LIZIE: Uma coisa que é importante também, que esse fato da Kiss também mostrou de forma maior, é a questão do jornalismo enquanto questionador. É a cobertura que veio depois, passada a tragédia, passado aquele momento de dor, a dor e o lamento não vão passar nunca pras famílias, claro que não, mas aquele primeiro momento do impacto emocional, digamos da cidade toda, aí vem a questão da responsabilidade que a gente tem de acompanhar o caso, de não deixar que as pessoas esqueçam, por mais que muita gente tenha dito passados meses depois:

- Ah, vocês ainda estão falando nisso, vocês vão falar nisso todos os dias?

Sim, a gente vai falar nisso todos os dias, porque isso não pode ser esquecido da forma como ocorreu. Então a gente tem sim que cobrar, da autoridade, da Polícia, do Ministério Público, do Judiciário, de quem for, para que essa situação seja esgotada. Eu acho que é nosso dever enquanto imprensa não deixar que isso se esqueça, não deixar que isso fique sem uma resposta. Então de quem tiver que cobrar a gente vai cobrar, doa a quem doer, não interessa. Pra saber o que aconteceu afinal lá, quem era responsável, quem é que vai pagar a conta, porque elas [vítimas] não podem ter morrido, sem que nada de errado tivesse acontecido. Por bastidor ou oficial a gente sabe, foi um conjunto de irregularidades. Então eu acho que enquanto isso não se esgotar, enquanto as pessoas e todo mundo e nós, família e a população em geral, enfim, não soubermos exatamente o que aconteceu, o que levou àquilo, eu acho que o nosso papel não vai se esgotar, a gente vai ter trabalho e é esse o nosso trabalho. A cobertura do jornal é diária, é ronda, é saber exatamente em que fase que está o processo, é saber o que vem adiante, estar monitorando tudo o que vai acontecer, enfim, ouvir as pessoas, acompanhar toda essa parte de investigação.

O papel da imprensa para evitar novas tragédias

LIZIE: A gente já fez muito pra isso, eu acho. Todo aquele acompanhamento da força tarefa nas casas noturnas, como está atuando os Bombeiros, como está atuando a Prefeitura, o que mudou na legislação. Eu acho que a imprensa ajudou muito porque pressiona os órgãos a se mexerem e eles sabiam que estavam sendo vistos, que os olhos estavam voltados pra eles, e eu acho que ainda tem caminho, é estar sempre acompanhando, sempre cobrando e vendo de repente onde é que está a falha e ouvindo as pessoas que estão diretamente ligadas também.

As mudanças em Santa Maria após a tragédia

LIZIE: A gente teve um período que mudou bastante que foi logo em seguida. A gente teve todo aquele um mês de luto. Daí as boates começaram a reabrir, outras já não reabriram porque estavam com alguma pendência. Naquele momento, logo em seguida da reabertura, as pessoas começaram a sair muito menos e era bem mais cedo, houve uma mudança de comportamento noturno na cidade, foi visível. Aos poucos, as pessoas começaram a sair em maior número, só que da mesma forma continuam saindo mais cedo. Tu vês longas filas na frente para entrar, mas é cedo, chega até um ponto que a casa entende ou que é oficialmente dada como lotação, eles barram e não entra mais.

FERNANDO: As pessoas estão preocupadas. Já entram em um lugar, qualquer pessoa vai se preocupar, por onde que eu saio? Eu acho que a gente fica com aquilo na cabeça, mesmo que não fique toda hora pensando nisso,

mas o pessoal já observa, a porta está ali, tem outra porta lá, tem extintor. Depois se diverte, mas acho que essa preocupação existe nas pessoas.

LIZIE: E a gente tem parte nesse serviço também porque como a gente acompanha tudo isso. A gente foi nos lugares, a gente mostrou como é que ficou, tem esse serviço também pra comunidade, qual casa agora está adequada, qual casa tem problema ainda.

Mensagem para os futuros jornalistas

LIZIE: Eu acho que o básico é o que a gente tem que ter sempre, independente do tamanho do fato ou do tamanho do acontecimento: é ter aquela responsabilidade de saber que tu estás passando uma informação pra muita gente, pra muitas pessoas, centenas, milhares de pessoas, dependendo do veículo que tu fores trabalhar. Mas que tu tenhas responsabilidade com a informação, que tu tens responsabilidade em dar da forma mais correta, de avaliar os riscos, de avaliar até onde tu podes ir, de checar sempre mil vezes se for preciso, quantas for necessário, de ouvir todo mundo, todos os envolvidos, porque sempre há mais de uma versão para o mesmo fato. A responsabilidade que a gente tem é muito grande. Essa tragédia ela só mostrou, evidenciou muito mais, porque na verdade era o mundo inteiro olhando pra nós, então a gente tinha uma responsabilidade muito maior. Mas a gente tem responsabilidade com qualquer fato, não é porque é um assalto na esquina que a nossa responsabilidade é menor, ou porque, enfim, um evento que tu estás cobrindo que a responsabilidade é menor. Tu sempre tens compromisso com a informação.

FERNANDO: Eu acho que o básico do jornalismo é ter critérios, responsabilidade. Eu acho que se tu tratas um caso pequeno, menor proporção, com responsabilidade, com critério, é o básico do jornalismo, só que em uma amplitude bem maior, tu tratas aquilo sério, com responsabilidade, sabendo que tu estás publicando, divulgando e tu te colocas no lugar: será que um familiar teu, tu irias expor nessa situação? Sempre a pessoa tem que ter aquela sensibilidade, quanto isso é importante mostrar, não aquela coisa de sensacionalismo, mostrar pra chocar, é mostrar pra informar, não pra chocar. Então eu acho que é essa responsabilidade que o estudante tem que ter. Mas se tu trabalhas nisso no início da carreira, depois tu vais adquirindo experiência com o passar dos anos, isso vai sair meio naturalmente. Se tu tratares desde a primeira matéria, de um buraco na rua, com responsabilidade, quem é o culpado, quem é o responsável por isso. Eu acho que isso que um estudante tem que manter na cabeça, no início da carreira, começar a trabalhar com responsabilidade vai sair ao natural porque o resto é experiência, o passar do tempo que vai desenvolver.

LIZIE: Uma coisa muito importante, não desista! Não desista da informação. Se alguém chegar pra ti, se tem uma informação mínima que seja, que tu não sabes muito sobre aquilo, vá atrás, busque. Se tu achas que vale a pena investir, invista e busque, não desista de procurar.

Nilson Vargas

Formado pela UFSM (1990), o jornalista Nilson Vargas, 50 anos, atuou na cobertura como editor-chefe do jornal Zero Hora, cargo que ocupa desde 2012. Vargas começou a carreira em Santa Maria no Jornal A Razão, Rádio Medianeira e Jornal O Expresso. Foi editor da revista Veja e do site veja.com. No Grupo RBS, ainda atuou como editor-chefe dos jornais Diário de Santa Maria, A Notícia e Diário Catarinense

As primeiras informações sobre a tragédia

Eu sou de Santa Maria. Então, com frequência eu visito a cidade. Tenho parentes lá e, nesse dia, eu estava na casa da minha ex-mulher, com meu filho. Fica perto do Itaimbé. A boate fica de um lado e o prédio fica do outro. Acho que eu fui acordado, talvez antes das quatro da manhã, pela repórter aqui [de Zero Hora] do plantão, porque ela estava com uma informação difusa, confusa, sobre um incêndio numa boate. Ela disse:

- É um incêndio. Às vezes a gente liga pra lá e os bombeiros dizem cinco mortos; às vezes dizem 50 mortos; às vezes eles dizem que é em uma boate no centro, às vezes eles dizem que não é, porque provavelmente todos os bombeiros estejam lá e está muito confuso.

Eu saí na sacada do prédio, olhei e vi:

- Já sei.

Ali foi o primeiro olhar que eu tive onde eu achei que era grave. A fumaça que eu enxerguei era uma coisa forte. Fui a pé até o local e vi a [rua dos]

Andradas. Na medida em que eu ia chegando perto, eu ia vendo o pânico crescendo. Eu vi pessoas que saíram correndo das suas casas, eu via carros andando muito rápido, eu via gente voltando já com cara de pânico.

- Que eu vou enxergar lá?

Quando eu cheguei ali perto... o barulho, o agito das pessoas, os gritos. Tinha gente deitada, tinha gente sentada, tinha gente desesperada, tinha gente bêbada andando por ali, tinha tudo. Era um caos total. E eu fui chegando, tentando me aproximar o máximo possível, acho que era umas cinco horas da manhã e comecei a perceber que era uma coisa grave. Comecei a ligar para algumas pessoas para saber se já estavam atentas. Para o pessoal do Diário de Santa Maria [DSM], aqui da ZH mesmo. Eu olhei para o estacionamento do [supermercado] Carrefour e tinha corpos cobertos. Aí já tinha pessoas de polícia e de bombeiros. Eu comecei a perguntar para as pessoas e diziam:

- Os mortos são aqueles ali.

Já era uma tragédia enorme. Tinha, sei lá, dez corpos.

Eu tentava identificar quem estava liderando o rescaldo e não identificava. Eu tentava achar pessoas que pudessem me dar uma informação um pouco mais forte e não conseguia encontrar. E aí comecei a encontrar os colegas da imprensa – o fotógrafo do jornal, a repórter da Rádio Gaúcha, os colegas do [jornal] A Razão, de outros veículos também. E, então, eu fui me fatiando entre uma pessoa muito impactada com aquela cena horrorosa e, ao mesmo tempo, já percebendo a missão que eu tinha de exercer um comando ali para começar a organizar.

Em algum momento eu tentei entrar na boate. Aí eu encontrei um conhecido do BOE [Batalhão de Operações Especiais], que disse:

- Não entra porque é o caos lá dentro, é um inferno lá dentro. Tem corpos, tu não vais conseguir nem passar.

- Tem corpos? Então tem mais mortes?

- Tem mais mortos.

- Quantos?

- Uns cinquenta.

E esse número foi crescendo ao longo do dia. Ali eu disse:

- É uma tragédia, é gigantesca, requer cobertura muito grande.

Liguei para as pessoas daqui que poderiam mobilizar pessoas dentro da redação. Falei:

- Tem que fazer a ponte da redação da ZH com a redação do DSM. Tem que ver se precisa vir gente de Porto Alegre pra cá.

Comecei já, tecnicamente, tentando me distanciar um pouco do choque, tentar atuar profissionalmente. Na segunda e na terça [feira], vamos

dizer assim, fiquei coordenando o campo lá, enquanto havia pessoas aqui na redação coordenando a base. Foi uma cobertura muito complexa, que já no primeiro dia requereu muita apuração, muitas entrevistas com especialistas, não só com gente de lá [de Santa Maria], mas especialistas nacionais nesses assuntos em entender o episódio. E a complexidade foi crescendo na medida em que o número de mortos ia crescendo.

Quando eu ouvi na rádio que estavam preparando o ginásio [CDM] e quando eu vi o caminhão estacionando, aí eu liguei A com B: são dezenas de mortos e tem uma coisa horrorosa que vai acontecer durante o dia, que vai ser a identificação. Já comecei a elaborar tudo na minha cabeça e à medida que isso ia acontecia, eu ia dando os alertas para os colegas aqui na ZH e na redação do DSM:

- Olha é muito grave. Toda a energia e o apoio que vocês precisarem. Chama todo mundo. Comecem a organizar. Organizem equipes. Tem que ter mais gente nas redações, tem que ter mais gente aqui [em frente à boate]. As pessoas que estão aqui estão muito cansadas, muito desgastadas, tem que trocar. Já tem que ter gente no Farrezão, porque ali que vai acontecer tudo. Vai ser o mais longo dos dias ali.

Quando saiu o primeiro caminhão eu fui atrás, a primeira informação de vítimas era 188. E o número não parou de crescer. Eu fui testemunha ocular de tudo praticamente. É incrível como eu me culpo até hoje por não ter chegado antes no local. Durante três dias eu fui testemunha de tudo. Desde o reconhecimento dos corpos, o velório coletivo, conversas entre as pessoas, a organização. Aquele misto de profunda dor e choque das pessoas com o sentido de responsabilidade que as pessoas criaram. Os médicos, os voluntários... A organização era uma coisa silenciosa. De manhã eles prepararam dentro do ginásio principal um local para acolher as famílias. Eu fiquei na arquibancada um tempo, à distância. Às vezes sem ouvir, eu pegava todo o ritual: as pessoas chegavam, elas tinham um primeiro contato com especialistas, psicólogos, tinham que entrar no ginásio e voltavam e iam para aquele local onde elas tinham uma acolhida. Era tudo muito repetitivo. Chegavam, tinham a notícia, desabavam, ficavam... se recompunham um pouco e iam junto com alguém... entravam no ginásio, reconheciam e saíam. Algumas saíam muito desesperadas, algumas revoltadas, outras destruídas, outras desmaiavam. E todos esses rituais eu fui acompanhando ao longo do dia. E foi sempre nessa dicotomia... ali eu encontrei amigos. Encontrei pessoas procurando gente. Foi um domingo pesado. É difícil falar disso.

As prioridades da cobertura

Toda a redação se envolveu nessa cobertura. A gente acabou de sair da Copa [do Mundo] e da eleição [presidencial] e nem na eleição nem na

Copa eu tive toda a redação envolvida. Naqueles dias, eu diria até o domingo seguinte, quando a gente mostrou a questão da falta de plano de combate a incêndio, qual era a relação entre os documentos, onde poderia ter havido negligência, toda a redação esteve envolvida. E foi essa capacidade de estabelecer a distinção. Foi muito chocante os relatos que eu tinha da redação quando eu ligava para as pessoas aqui. Eles diziam:

- Essa redação está irreconhecível, porque está todo mundo absurdamente focado no trabalho e todo mundo absurdamente triste e está tudo diferente.

Acho que a gente se imbuiu um pouquinho – sempre tem essa discussão, no jornalismo tem que ter neutralidade – acho que a gente conseguiu ser frio na organização, na destinação da equipe. A gente pegou pessoas pra fazer a parte investigativa, pra ver a questão de papelada, de documento, como é que estava o alvará, o que faltava, quais eram as responsabilidades de bombeiro, de polícia, etc. e, ao mesmo tempo, a questão humana e a questão da cidade. A gente foi organizando em núcleos. Então era o núcleo da investigação, da cobertura do fato, do impacto do fato para cidade, da repercussão nacional e internacional, a gente organizou as pessoas assim. A gente trouxe as melhores cabeças. Mesmo quem não foi ao local – o [Luís Fernando] Veríssimo, a Diana Corso, as pessoas que, a rigor, não são pessoas que teriam obrigação de escrever sobre isso – a gente trouxe todas elas para escrever sobre isso, que fosse pelo aspecto do sentimento que tiveram ou de alguma relação que tivessem com o fato, mas todos escreveram e a gente endereçou pessoas para Santa Maria: o David Coimbra, o Humberto Trezzi, o Moisés Mendes, a Adriana Franciosi, fotógrafa, o Lauro Alves, fotógrafo. A gente trouxe um reforço de Santa Catarina e a gente optou por trazer pessoas que tinham a ver com o Rio Grande do Sul, alguns de Santa Maria, outros do entorno ali. Isso nos deu essa robustez e, ao longo de todo, não só nos primeiros dias, mas durante muito tempo de investigação policial, ou por ter uma boa relação com fontes policiais, ou por a gente ter celeridade na busca de algumas coisas, que a gente até chegou um pouco antes da polícia, a gente deu uma contribuição muito forte, eu acho. Que eu acho que se sintetizou um ano depois no caderno que a gente fez, com 24 ou 28 páginas, que a gente chamou de "Kiss um ano", onde a gente dividiu de novo o fenômeno em blocos. A gente reconstituiu o dia, a gente falou da investigação, a gente falou das famílias, a gente falou da cidade, a gente falou de personagens. E é um trabalho muito profundo de jornalismo. É finalista do prêmio Esso, é finalista de vários prêmios de jornalismo. Eu credito a isso: a gente conseguiu, em meio ao impacto, ter frieza o suficiente para se organizar. A gente abraçou isso como uma coisa que só a imprensa local e a Zero Hora, com a responsabilidade que tem de ser o maior e o mais importante veículo de comunicação, poderia fazer. A Folha [de São Paulo] fez, mas logo desembarcou e foi para outras coisas. Outros jornais fizeram, mas não com o compromisso. Acho que, além

do jornalismo, a gente se imbuiu de um sentido de compromisso com esse episódio. De tentar ir até o fundo para ver responsabilidades, para ver se o poder público estava a fim mesmo de investigar, de julgar e a gente seguiu acompanhando. Acho que a nossa capacidade de separar a emoção da razão, do compromisso, o sentimento que a gente teve de que esse episódio para nós tinha um sentido maior do que para outros veículos de comunicação do país e a qualidade das pessoas que operaram, que estão operando neste assunto nos permitiram fazer uma cobertura que a gente acha que contribuiu. Não dá pra dizer orgulho, porque não tem como dizer orgulho num episódio como esse, mas a gente acha que deu uma contribuição muito boa, muito forte, para que o assunto continuasse e tivesse todo esse nível de investigação e de atenção que está tendo ainda.

A cobertura sobre as casas noturnas antes e depois da tragédia

Eu lembro de uma entrevista [antes da tragédia]... um pingue-pongue rápido que a gente publicou no Segundo Caderno do Diário de Santa Maria em que o Kiko [Elissandro Spohr], o dono, dizia que uma das provas do sucesso é que ela estava sempre superlotada. Na verdade, o repórter na hora não perguntou: tem PPCI? [Plano de Prevenção Contra Incêndios], porque não estava no radar, passou a estar no radar. Agora a gente tem cuidados com isso. Por exemplo, hoje tem um projeto, que vai ser aqui em Porto Alegre, que vão colocar pianos em locais públicos da cidade para as pessoas tomarem contato com o instrumento. É meio bizarro, mas uma das coisas que eu pedi na reunião de pauta agora:

- Confere na prefeitura se tem licença para botar os pianos em locais públicos. Ou seja, a um custo muito elevado, a gente teve um aprendizado de que, quando a gente está tratando de locais públicos, de locais de grande concentração, além do olhar específico para aquilo, se é um evento esportivo, seja lá o que for, a gente tem que ter outro olhar para as condições de segurança. É uma responsabilidade nossa. A Kiss, como outras coisas em Santa Maria na época, o vetor principal era barulho. Tanto que a Kiss passou por uma série de coisas com o MP [Ministério Público], teve TAC [Termo de Ajustamento de Conduta]. E, de fato, não estava no radar, nem das coberturas de coluna social nem de nada... ah, mas tem extintor? não tem extintor? Tem PPCI? Será que essa espuma.... Assim como ainda hoje eu me cobro por não ter chegado duas horas antes lá, eu me cobro como imprensa: precisou acontecer isso para agregar alguns outros questionamentos nas pautas? É, precisou.

Em Santa Maria aconteceram outros episódios. Lá no Clube Dores caiu o teto, mas, o repórter vai lá e é um guia de fim de semana:

- Neste domingo tem no Clube Dores o show não sei o que... ah... vamos olhar o teto.

É uma paranoia, eu não acho que a gente tenha que bater com a cabeça na parede por nunca ter pensado:

- A Kiss tem extintor? Mas essa espuma é não sei o quê?

Estava oficialmente funcionando, aberta, supostamente dentro de todas as regras e não era natural que a gente tivesse um viés tão paranoico:

- Será que as grades estão no lugar certo? Será que a energia...? Será que a porta...?

Nunca foi da nossa cultura esse tipo de cobertura. A partir de um determinado momento passou a ser. Talvez hoje até tenha havido um afrouxamento nisto, mas quando abrem locais novos, o próprio Beira Rio, teve todo um ritual com bombeiros, com órgãos de segurança, para ter alvará. A nossa editoria de esportes, por exemplo, nunca cobrou isso:

- Bombeiro, dá uma força, abre o Beira Rio de uma vez.

Não, a gente sempre tratou com tolerância isso. Na Copa teve a FIFA Fan Fest também, que teve uma fiscalização intensa e a gente noticiou. O carnaval aqui em Porto Alegre teve problemas sérios com segurança. Acho que mudou a atitude da imprensa em relação a esses cuidados. Há uma compreensão para esses cuidados que não havia antes. Não acho que a gente seja culpado, seja cúmplice disso, a menos que sei lá, que a Kiss fosse uma coisa absurdamente fora da lei, uma coisa completamente anormal... e não me parecia. Eu passava ali na frente, meu filho foi lá duas vezes. Não me parecia que era um problema. Mas é objeto de nossa autocrítica hoje. Bota novas perguntas na pauta, novas preocupações, muda a nossa forma de enxergar o papel do bombeiro, da secretaria de fiscalização... a gente muda. Toda essa batalha da Cidade Baixa [bairro boêmio de Porto Alegre] hoje a gente cobre com mais equilíbrio. Antigamente era muito:

- Caretice, estão fechando.

Hoje a gente cobre com mais equilíbrio, a gente consegue enxergar mais lados dessa história toda. Sim, foi objeto de autocrítica, não no sentido da gente se sentir culpado, mas mudaram alguns ingredientes das coberturas destes fatos.

A segurança nas festas

O episódio da Kiss foi um coquetel. O fogo de artifício errado, inadequado para aquele ambiente, que entrou em contato com uma espuma inadequada para aquele ambiente, que gerou um tumulto em um ambiente não preparado para esses episódios... as grades no lugar errado, a porta no lugar errado... Mas que, na origem, não me parece que tinha um crime coletivo ali, as pessoas estavam ali para se divertir. Pessoalmente, eu não tenho nenhuma predileção por festas que tenham fogos, luzes, palcos. Mas não consigo de ofício, de origem, culpar as pessoas que têm. Se o vetor dessas pessoas é di-

versão, as pessoas não vão lá para incendiar um lugar. Aí tu tens que ter todo um aparato público de fiscalização, de regulação, que é falho.

Tteve esse episódio nessa boate aqui no [bairro] Santana, foram 100 tiros dentro da boate. É uma coisa incrível que tenha só dezesseis feridos e um morto. São 100 tiros na escuridão. A minha premissa [sobre a Kiss] é de que ninguém foi para aquele lugar para provocar aquilo. Talvez nem os donos. A culpa dos donos pode ser talvez involuntária. A culpa dos músicos é involuntária. A culpa dos agentes de fiscalização... sei lá. Por mais que pudesse ter havido algum episódio de pequeno delito ou de negligência na fiscalização ou de tolerância excessiva, e houve, a gente mostrou isso, as nossas matérias mostraram, acho que tudo isso entra numa categoria de rever parâmetros. Mas, na origem, eu não acho que ninguém seja de ofício culpado; de raiz, agente, porque ninguém quis que aquilo acontecesse. Ninguém desejou, ninguém operou. Foi um conjunto de omissões, que chama atenção para a responsabilidade dos agentes públicos, dos donos desses estabelecimentos, que eles têm que dosar a ambição deles pelo lucro com a responsabilidade que eles têm de, ao chamar pessoas ali para dentro, eles são responsáveis por aquelas pessoas. A responsabilidade das pessoas que organizam os eventos, o papel das pessoas que vão aos eventos.

Eu acho que foi muito importante a gente ter mostrado as coisas, ter mostrado uma sucessão de erros no episódio, uma sucessão de erros anteriores ao episódio, alvarás sem a documentação, esculhambação na prefeitura, áreas diferentes dando indicações diferentes para o local, uma vetando, outra autorizando. Falta de critério dos fiscais, que iam lá e multavam, entregavam o relatório e a chefia deixava assim mesmo. Uma certa complacência que pode ser gerada por alguma amizade que existia entre as pessoas. Acho super importante isso [a cobertura]. Isso é responsabilidade civil, criminal das pessoas.

O jornalista e o cidadão

Eu me pergunto muito por que aconteceu em Santa Maria. Dentre outras coisas, eu perdi pessoas. Tenho amigos que perderam filhos. Tenho uma afilhada que perdeu três amigas. É ruim. É uma coisa muito rudimentar, é quase bobo isso, mas eu costumo me questionar sobre isso [ter sido em Santa Maria].

Eu me preocupo muito com a resposta da cidade a esse episódio, entende? Santa Maria, na minha opinião, sempre foi uma cidade que dependeu muito do poder público. Santa Maria sempre teve uma solução. Ou era a cooperativa ou era a rede ferroviária ou era o exército, que dá emprego e não atrasa salário, a universidade, alguém sempre resolveu os problemas da cidade. A cidade não desenvolveu uma vocação, não desenvolveu uma capacidade de defesa para essas coisas assim. E isso, às vezes, é ruim, eu acho. É uma cidade que reclama muito, mas nem sempre age para resolver os problemas.

E acho que esse episódio, a resposta da cidade, seja no sentido de mudar seu jeito de encarar a segurança individual das pessoas, seja a resposta no sentido da apuração dos fatos, seja na capacidade de encarar se houve, eventualmente, negligência, favorecimento, se na origem tinha algum esquema. A cidade não está conseguindo fazer isso. Ela está sofrendo muito com isso e não está conseguindo. Acho que a capacidade de tolerância da cidade com as pessoas que perderam alguém e que querem justiça e que querem que a cidade não esqueça isso, essa capacidade que me parece que não está muito boa.

Eu tenho um temor sobre a reação da cidade a esse fato. É, ao mesmo tempo, uma cidade que antes desse episódio já tinha muitos problemas. Ela não pode largar esses problemas, ela não pode esquecer esses problemas. O modelo econômico é frágil. Ela não desenvolveu vocação que gere, é uma exportadora de mão-de-obra qualificada, mas não sei se isso é ruim, talvez fosse bom, talvez ela devesse construir sua imagem em cima disso e não reclamar, porque ela não vai conseguir reter todas as pessoas que ela forma. Ponto. Isso é um fato.

A minha reflexão sobre esse episódio se mistura a minha reflexão sobre Santa Maria, sobre a cidade. Mas, ao mesmo tempo, é uma cidade muito legal. É uma cidade que acolhe e que continua muito acordada à noite, que tem muito jovem, que tem essa mistura da população mais madura com a população mais jovem e isso é bom. Isso diferencia positivamente.

Na minha dimensão de jornalista, a minha presença nessa equipe da Zero Hora, dos jornais do Grupo RBS naquele dia e nesse episódio, acho que eu fiz muito. Se eu tivesse em outro lugar do planeta terra, a Zero Hora teria todo o empenho que teve. Mas ajudei no sentido de criar alguns atalhos, de entender a compreensão da cidade, da organização no dia que foi muito importante eu estar lá. Eu poderia não estar lá. Eu costumo ir uma vez por mês a Santa Maria. Foi uma coincidência.

E acho que a gente deixou uma contribuição muito grande para a reflexão, para a cidade buscar caminhos, para a busca de justiça, de punição para os culpados. Uma coisa é tu teres certeza de que ninguém maquinou um incêndio com 242 mortos. Isso é uma coisa. Não acredito que alguém tenha maquinado isso, mas sei que, mesmo involuntariamente, por omissão ou por excesso de egoísmo, por querer lucrar, por não entender sua responsabilidade como agente público, por uma série de coisas, tem que culpados. Se é doloso ou culposo, se é para 30 ou para dois anos, se é para absolvição, aí a Justiça está vendo, mas que tem, tem.

E acho que a gente contribuiu. Eu, como jornalista, o grupo RBS, todos os veículos de comunicação têm uma contribuição em fazer as pessoas entenderem todo esse episódio e até a ajudar as pessoas a se posicionarem. Trazer os agentes desse episódio para dentro dessa discussão... o bombeiro...

é muito difícil fazer matéria sobre bombeiro, até que o mundo tenha provas do contrário, o bombeiro está ali para salvar, mas pode ter havido negligência do bombeiro, em todas as instâncias, desde a questão fiscalizatória até o momento ali, o comportamento, a atitude, a presença ou não de maior efetivo, a presença ou não de maior condição de equipamento, deixar as pessoas leigas entrarem, enfim... isso tudo está sendo apurado. E a gente tem um papel nisso. A gente mostrou, jogou luz sobre essas coisas.

Então, eu continuo quase como se eu continuasse subindo a [rua dos] Andradas, quase dividido. Eu continuo na minha dimensão pessoal de morador da cidade, de amigo de pessoas que tiveram perdas, de sentir uma melancolia na cidade, de sentir uma nostalgia... Algumas vezes eu parei ali naquela esquina e eu vi como as pessoas passam e olham para baixo. É como se a cidade tivesse sempre olhando para aquele lugar.

De um lado eu tenho esse sentimento, essa melancolia, essa tristeza que as pessoas têm pelo que aconteceu. E, de outro, como jornalista, eu entendo que a gente continua a fazer o papel da gente, de não esquecer o episódio, de acompanhar o trabalho da Justiça e da Polícia. Na medida do possível, ver se a sociedade teve aprendizados com isso. Houve leis aprovadas mas a gente sabe que a fiscalização é ridícula, para não dizer quase inexistente. O cumprimento das leis é uma coisa difícil.

Tanto na minha dimensão pessoal como profissional me sinto ligado a esse fato. E, acima de todos os sentimentos, compromissos, tem uma tristeza muito grande por isso ter acontecido. E é uma tristeza que a gente administra. Não é: aperta um botão, parou de ficar triste. Não é. Às vezes eu estou aqui, navegando no *Facebook*, e tem o *post* de uma mãe falando da saudade dela. Voltou a Kiss para o meu radar, entende? Eu acho que estou muito fortemente ligado a esse episódio como gente, como profissional, e de todos os sentimentos que eu tenho sobre isso, é muito triste, muito, muito, muito.

Germano Rorato

Germano Rorato, atuou na cobertura como fotógrafo freelancer pelo jornal Diário de Santa Maria. Suas fotos foram capa de vários jornais pelo mundo. Rorato cursa jornalismo no Centro Universitário Franciscano, trabalhou nos Jornais A Notícia, Notícias do Dia e desde 2015 integra a equipe de fotógrafos do Diário de Santa Maria

As primeiras informações sobre a tragédia

GERMANO: Eu trabalhava como freelancer na época do Diário de Santa Maria e, naquela noite, tinha a escolha da rainha de carnaval de Santa Maria, estava acontecendo ali no Farrezão [Centro Desportivo Municipal]. Eu acho que saí dali era em torno de umas duas horas da madrugada, quando acabou o evento, e fui para casa. E como eu era "frela", eu sempre estava de plantão, 24 horas, acontecia alguma coisa e eles me chamavam. Aquela noite eu recebi uma ligação de um amigo, o nome dele é Luciano, ele é fotógrafo aqui em Santa Maria também, e ele me falou:

- Está rolando um incêndio aqui na Kiss cara, parece que está bem séria a coisa.

Ele estava passando na frente... No início, eu não acreditei, porque ele tinha me passado um trote uma vez, de brincadeira, e eu desloquei toda uma equipe para ir em um acidente que não existia. Eu falei:

- Luciano, aquela vez aconteceu isso cara, não é brincadeira, eu aviso o pessoal do jornal, eles deslocam uma equipe para ir no local, e aquele dia lá tu me deixou na mão.

-Não cara, é muito sério!

Acho que isso era passado das duas horas, em torno de umas duas e meia da madrugada eu acho. Eu liguei para o Fernando Ramos, que era o editor de fotografia [Ramos recém tinha recebido informações sobre o incêndio e tentava contato com Rorato], e falei:

- Fernando, parece que tem um incêndio lá na Kiss, está rolando um incêndio lá, acho que vale a pena conferir.

-Tá, daqui a dez minutos o carro está passando na tua casa, daí vocês vão para lá.

Aquela noite quem estava comigo no plantão era a Lizie Antonello, então deu esse tempo de eu me preparar e o carro chegou, me pegou e a gente chegou lá. Precisamente não sei te dizer [o horário], mas foi entre vinte para às três e três horas da madrugada, mais ou menos, que eu cheguei lá, por volta desse horário.

Incêndio não é normalmente uma coisa muito grave, normalmente nem tem vítimas fatais, pelo menos incêndios que a gente fazia cobertura aqui em Santa Maria. Então quando a gente saiu de casa, eu estava pensando: deve ser mais um incêndio comum, sem vítimas, vamos lá fazer um registro e voltar para casa. Mas subindo a [rua] Venâncio Aires em direção ao centro e quando chegou na Avenida Rio Branco, a fumaça estava bem grande, muita fumaça e já comecei a ver que tinha gente correndo para todo lado e eu comentei com o Luciano, que era o nosso motorista:

- Acho que a coisa não é tão simples assim.

Ele logo já estacionou antes da esquina da [rua dos] Andradas e eu desci ali. No que eu desci, já tinha gente subindo a Andradas, esquina com a Rio Branco, carregando pessoas desmaiadas, aí eu tomei um choque, não é um simples incêndio assim. Eu já comecei a fazer alguns registros, eu olhei para baixo... aquele monte de gente... aquela fumaça... Eu lembro muito bem, foi chocante, foi ali que caiu a ficha, e eu falei: nossa, é uma coisa muita séria que está acontecendo!

Aquelas pessoas correndo, carregando outras pessoas... mas eu não imaginava até então que iriam ter tantos mortos. Eu nem imaginava que iria ter mortos, mas depois eu fui descendo a rua... Aquela foto que eu fiz, que foi capa de um monte de jornais internacionais, inclusive do The New York Times, aquela foto foi logo na chegada, foi uma das primeiras fotos que eu fiz. Eu desci a Andradas e vi o policial carregando aquele cara enorme nos braços. Eu me posicionei e fiz a foto, tentei enquadrar a boate de fundo, o carro dos Bombeiros, foi uma das primeiras fotos que eu fiz.

Eu fui ficando cada vez mais apavorado. Quando eu cheguei na frente da boate, no estacionamento do Carrefour já tinham alguns corpos, tinha uns cinco, seis corpos de homens e mulheres. Eu liguei de novo para o Fernando:

- Fernando, vou te dar um retorno porque a coisa está muito séria, o incêndio é gravíssimo, está aqui na minha frente, tem seis pessoas mortas já.

- Sério?

-Sério Fernando. E eu acho que vai ter muito mais, porque não para de sair gente desmaiada de lá de dentro, está muito sério, eu acho que tem que avisar todo mundo, deslocar mais equipes para cá, porque a coisa vai ser muito séria.

Passaram alguns minutos, eu fiquei circulando, fotografando, olhando e registrando as coisas e quando eu voltei para esse mesmo lugar já tinha três vezes mais corpos do que quando eu cheguei. Eu liguei de novo pro Fernando:

- Cara, está horrível! Já tem mais de 20 mortos aqui!

Ele foi avisando todo mundo e daí começou a chamar todo mundo, inclusive pessoas que estavam de férias. Eu fiquei registrando todos os momentos, acho que eu fiquei lá até umas onze horas da manhã.

A hora em que eu cheguei tinha um caminhão dos Bombeiros, os Bombeiros já estavam lá e os feridos estavam sendo levados por ambulâncias, por táxis, por viaturas da Polícia Militar, por carros civis... Era todo mundo, eles pegavam as pessoas e colocavam no carro que estivesse ali e levavam embora. O socorro estava sendo feito por todo mundo e era muito, muito confuso, ninguém sabia ao certo o que estava acontecendo, ninguém estava acreditando naquilo, estava um desespero generalizado, o descontrole das pessoas, apavoradas, os parentes das vítimas chegando, foi bem complicado.

Os momentos mais marcantes

GERMANO: Todas as cenas, na realidade, me marcaram muito, tanto que as fotos que eu tenho - foram mais de duas mil fotos que eu tirei lá - eu não passei os olhos nessas fotos de novo. Eu olho somente o que tem publicado, porque é muito difícil, a gente é de Santa Maria e ter que trabalhar, ver muita gente conhecida ali... Mas o que me marcou mesmo, me marcou muito ... os pais, pessoas vindo até mim, porque me viam com o crachá da empresa e perguntavam:

- Tu não viu tal pessoa, assim, assim e assado?

- Desculpa, mas eu não vi.

As pessoas vinham pedir se eu tinha enxergado os parentes, os filhos, os primos, isso me marcou muito, e ver assim, só gurizada, isso foi muito marcante mesmo. Teve um momento que ficou na minha cabeça, que tinha uns guris carregando outra pessoa, outro guri, e as pessoas saíam molhadas lá de dentro, porque os bombeiros jogavam água e estava tudo muito molhado, eles estavam carregando, cada um segurando em um membro da pessoa, e daí essa pessoa, quando eles foram chegar próximo à entrada do estacionamento, essa pessoa

resvalou e caiu muito forte no chão com a cabeça. Eu comecei a notar que, no desespero, as pessoas estavam tentando fazer coisas e estavam fazendo coisas erradas talvez e aquilo me marcou muito.

As prioridades da cobertura

GERMANO: Eu sempre tomei muito cuidado quando eu chegava em uma situação de risco, acidentes, toda situação que envolvesse morte. Como eu trabalhava como *freelancer*, praticamente eu trabalhava só em acidentes e em casos policiais, porque normalmente acontece de noite ou na madrugada e como eu era "frela", eu era o único habilitado para sair nesses horários, porque os que são realmente contratados pelo jornal, eles têm que cumprir certo horário. Eu sempre tomava muito cuidado em ser discreto porque é um momento muito chato fotografar a morte e sempre tem parentes, então eu tentava ser discreto, praticamente não usava flash, para não chamar a atenção, e sempre fazia uma varredura do local para ver os riscos que eu estava correndo ali. Tive oportunidade de entrar dentro da boate, mas não entrei porque eu sabia que estava muito perigoso entrar lá, até eu nem pensava na fumaça tóxica porque ninguém sabia naquele momento, que a fumaça era tóxica ou não, mas eu estava mais preocupado com o desabamento das paredes e do teto. O bombeiro ainda falou: -- Quer entrar?

-Não, não vou entrar.

Acho que foi uma atitude certa que eu fiz. Teve uma situação de risco ali, as pessoas começaram a se revoltar comigo porque eu estava fotografando. Eles enxergam o crachá da RBS, eles ficam mais revoltados ainda, vieram pra cima de mim, quase me envolvi na confusão, mas daí eu saí fora, subi, dei um tempo e depois retornei. Então tomo sempre um cuidado em ser muito discreto, em respeitar o que está acontecendo. Tem uma visão distorcida - chamam a gente de urubu - mas eu tenho que fazer isso. Tento ser o mais discreto e respeitoso possível, sempre me identificando, me apresentando, estar caracterizado como um fotógrafo, isso também é importante, daí as pessoas não te enxergam só como um curioso tirando fotos, te enxergam como um profissional, então eu tento sempre me caracterizar como um fotógrafo, usando colete, identificação, isso ajuda bastante.

As principais dificuldades da cobertura

GERMANO: A maior dificuldade pra mim, com certeza, foi a situação em si, e as pessoas se sentirem incomodadas comigo. Teve um momento que eu parei e pensei: o que eu estou fazendo aqui? Será que eu devo continuar o que eu estou fazendo? Ou devo largar a minha câmera e ir ajudar? Isso realmente passou na minha cabeça. Talvez se eu tivesse ido ajudar, eu poderia até ter atrapalhado ou até ter morrido. Mas daí a gente reza, pede ajuda. Falei:

não, vou fazer o meu trabalho e o que está acontecendo e o que vai acontecer não vai ter influência nenhuma na minha ação, a não ser a ação do registro que ficou registrado. Foi a melhor ação que eu fiz lá, eu acho.

A repercussão internacional

GERMANO: É um sentimento confuso, porque quem trabalha com jornalismo sempre tem a vontade de ter alguma matéria, uma foto, um vídeo com uma repercussão grande, que seja reconhecida, que seja publicada em vários jornais e, infelizmente, as tragédias dão mais repercussão. Eu sabia que iria dar uma repercussão nacional no mínimo, mas eu nunca imaginava que ia dar a repercussão que deu. Quando eu cheguei na redação, eu estava muito cansado, eu fui para casa, para tentar descansar, mas cheguei em casa e não conseguia ficar, eu tinha que vir para a redação. Eu levantei, me vesti e a minha tia me ligou:

- Gê, a gente estava aqui olhando na internet, e a tua foto está na capa do site do *The New York Times*.

- Nossa, não acredito nisso.

Só da foto sair no site do *The New York Times* eu já fiquei paralisado. E fica uma mistura de sentimentos, é difícil falar, infelizmente por uma tragédia, mas, profissionalmente, aquilo foi muito bom para mim, aquela coisa, estar na hora certa e no lugar certo. Quando que um fotógrafo do interior do Rio Grande do Sul vai conseguir alguma coisa assim? Só uma tragédia, infelizmente. Eu vinha já de uma trajetória, desde A Razão, e eu vim parar aqui na RBS como "frela" pelo meu trabalho, sempre desenvolvendo um trabalho de regular para bom, pelos cuidados que eu sempre tive, em respeito com a foto, com o que está sendo fotografado. Eu vejo, por exemplo, fotógrafos com quarenta anos de carreira, que, talvez, em toda essa carreira maravilhosa que tiveram, não tiveram um destaque assim. Foi uma coisa que aconteceu pra mim e que, profissionalmente, abriu as portas. Foi onde saiu também a contratação pra mim para a RBS. Infelizmente um sentimento muito triste, de ver pessoas - a faixa etária de idade das pessoas não era mais da minha galera - mas todos os meus amigos perderam irmãos, a maioria, foi muito, muito difícil, muito difícil mesmo..

A dificuldade em seguir trabalhando

GERMANO: Foi esse momento que eu me perguntei para mim mesmo se eu deveria continuar trabalhando ou se eu deveria ajudar. Esse foi o momento que me deu um colapso mental. Foi onde vi que o que estava acontecendo era muito sério, muito sério. Foi esse momento que eu fiquei em dois lados: eu parei, eu saí dali, eu sentei no meio fio, pensei no que estava acontecendo e decidi voltar a fotografar. Acho que não iria trazer resultado

nenhum a minha atitude de talvez ir ajudar. A coisa estava muito confusa, as pessoas tentavam ajudar, mas, de alguma forma, estavam ajudando errado e atrapalhando o trabalho dos profissionais.

As imagens mais marcantes

GERMANO: Essa foto [capa do *The New York Times*], ela foi marcada pela repercussão que teve, foi a foto mais usada. Segundo comentários que eu recebi da agência da RBS, essa foto e as minhas outras fotos, nunca teve uma venda tão grande dentro da agência RBS. Foram 86 capas de jornais internacionais, *The New York Times*, *The Times*, *The Washington Post*, até *Al Jazeera*, usou a foto. Não só aquela foto do policial carregando a vítima, mas outras fotos também.

Tem uma foto muito marcante que eu tenho - e que ela não foi publicada - que são fotos dos corpos. Eu nem botei disponível essa foto, achei que não era uma foto publicável. A foto que foi usada na capa do Diário de Santa Maria, dentro da entrada do estacionamento do Carrefour de frente para a Kiss, mostra completamente como estava aquela situação de confusão, carregando gente para todos os lados, uma cena de desordem total, essa foto também foi bem marcante. Eu tenho fotos também que aparece o Kiko [Spohr]. Tem uma hora que ele está com as mãos na cabeça desesperado olhando os corpos e aquela confusão toda e o amigo dele chega e fala:

-Cara, tu tem que ir embora daqui, o pessoal vai te reconhecer daqui a pouco. Ele estava desesperado lá também.

A cobertura

GERMANO: Naquele dia eu trabalhei até às 11 [horas da manhã] na frente da boate. Daí eu retornei para a redação, baixei o que tinha de fotos, fui para casa, tentei descansar, não consegui ficar em casa e liguei para o Fernando:

-Fernando, estou retornando para a redação porque não tem condições de ficar em casa.

-Então vem, porque aqui realmente estamos precisando de gente.

Voltei e fui fazer a cobertura dos parentes para reconhecimento dos corpos ali no Farrezão e no fim da tarde a gente se encaminhou para os velórios. Uma equipe foi para o Farrezão, o velório coletivo, e eu fui para o velório coletivo lá em Itaara, porque tinha mais de 20 pessoas que eram de Itaara. Foi outra cena muito marcante, que é o velório coletivo, é bem marcante mesmo, ver um ginásio cheio de caixões... mais marcante é que são só jovens, foram poucas pessoas com mais de 30 anos, as pessoas muito jovens.

Experiências anteriores

GERMANO: Desde quando começa a trabalhar no jornal, o fotógrafo não tem uma editoria específica, ele trabalha para todas as editorias, de social à página policial. Então todas as pautas com morte, cada vez tu vai ficando mais frio. Nas primeiras vezes que tu faz, tu encara com um pouco de medo e depois tu vai ficando frio com essas coisas. Eu sempre falo que eu chego, fotografo essas cenas às vezes sem olhar, eu só enquadro, tu está olhando e não está vendo. Então é mais ou menos isso... tu começa a ficar frio. Com certeza, todas as outras pautas que eu fiz, relacionadas com vítimas fatais, me auxiliaram muito naquele momento e eu tentei manter a cabeça no lugar, porque foi bem difícil, muita gente morta.

As mudanças após a tragédia

GERMANO: A gente se torna um pouco mais cauteloso com as coisas, porque a gente realmente faz coisas que não acontecem com a gente, mas eu já vi muitas coisas acontecerem com as outras pessoas, então a gente fica bem cauteloso, toma cuidado, tem medo de algumas coisas. Isso muda muito a vida da gente. Olhar as coisas com outros olhos. Tu observa mais as coisas de fora, tu te põe na situação dos outros com um olhar de fora.

Em relação à Kiss, o que mudou para mim... talvez eu seja mais observador, principalmente nas saídas à noite, isso muda muito, é difícil falar. Na realidade, todo o meu trabalho, desde quando eu comecei a trabalhar com jornalismo, a minha vida mudou muito, porque a gente vive no nosso mundo: família, amigos e a gente não vê outras realidades. Quando tu começa a trabalhar com essas coisas, tu vai por exemplo, lá naquela vila, onde é uma invasão, tu vê pessoas pobres passando dificuldades, tu vê o sofrimento de outras pessoas com a morte do ente querido, e isso vai te mostrando que aquele mundinho teu é muito bom. Profissionalmente, a Kiss assim me botou em outro patamar, com certeza. Fui pra Santa Catarina, contratado pelo Jornal A Notícia, lá tive outras ótimas oportunidades de trabalhar, fazendo Mundial de Vôlei, fiz dois UFC, e tu chega em um lugar que só tem fotógrafos reconhecidos e os caras olham para o teu crachá e falam, olha só o Germano, falam assim:

Cara, tu é o Rorato? Que prazer te conhecer.

Então isso profissionalmente foi muito bom.

As mudanças nas festas após a tragédia

GERMANO: Sinceramente eu acho que não mudou, principalmente, porque agora temos poucas opções. Eu fiquei três anos fora de Santa Maria, e eu vejo que, em questão de lotação, não mudou. A única coisa que mudou é que os estabelecimentos que ainda estão abertos, estão tendo uma fiscali-

zação muito forte em cima deles. Eu trabalhava em Joinville, muitas casas noturnas fecharam lá em função do acontecimento aqui de Santa Maria. Os lugares que eu vou estão sempre bem lotados, mas os que estão abertos, estão, sei lá, com a prevenção de incêndio correta, porque a fiscalização está sendo bem forte. Então eu acho que melhorou em questão de fiscalização, apesar de que eu acho que a fiscalização não é correta, acho que deveriam mudar o sistema, mas pelo menos está tendo uma fiscalização.

O trabalho da imprensa para evitar novas tragédias

GERMANO: A imprensa sempre tem uma influência grande no que acontece em uma comunidade, mas eu acho que mudanças em fatos assim não vão acontecer se o poder público não tomar atitudes realmente efetivas. Santa Maria, por ser uma cidade de uma rotatividade de jovens muito grande, precisa ter casas noturnas, realmente precisa ter lugares de lazer porque a galera precisa se divertir. Mas eu acho que as pessoas também tem que ter na cabeça que elas precisam observar o ambiente que elas estão, tomar certos cuidados. Eu acho que a imprensa, em geral, funciona mais como fiscalizadora, de apontar as coisas, mas se o poder público não tomar uma medida realmente efetiva sobre isso, no final das contas não vai estar solucionado.

Mensagem aos futuros jornalistas

GERMANO: Eu sempre trabalhei com fotografia, de hobby virou profissão. No início, trabalhei com eventos sociais e eu tive a chance de começar a conhecer o jornalismo no Jornal A Razão. É muito bom, é uma profissão que eu gosto, só que é uma coisa que você tem que lutar muito. Então o recado que eu deixo é que é uma profissão linda, gostosa de fazer e que dá bastante trabalho, muito trabalho, mas que é recompensador, pelo menos pessoalmente, é muito recompensador. Adoro fazer aquilo que eu faço.

Tiago Baltz e Deivid Rodrigues Dutra

O jornalista Tiago Baltz, 36 anos, atuou na cobertura como repórter pelo jornal A Razão. Baltz começou a trabalhar em Santa Maria um mês antes da tragédia

O fotógrafo Deivid Rodrigues Dutra, 35 anos, atuou na cobertura como fotógrafo pelo jornal A Razão. Dutra é fotógrafo do jornal A Razão desde 2012.

As primeiras informações sobre o incêndio

DEIVID: Eu estava chegando em casa. O incêndio ocorreu na noite de domingo, que era o término da rainha do carnaval daquele ano. A gente estava fazendo a cobertura da rainha do carnaval no Farrezão [Centro Desportivo Municipal]. Acabou [o evento] mais ou menos umas duas horas [da manhã]. Quando eu cheguei em casa, o nosso vigilante, que fica aqui [na empresa] a noite inteira, ligou dizendo que tinha um incêndio na Kiss. A princípio, a informação que tinham passado pra ele é que poderia ter uma ou duas pessoas feridas. Eu voltei para o centro - moro em Camobi - quando cheguei já tinha acontecido a tragédia toda. Caminhão de bombeiros, pessoas correndo na rua. Dos veículos [de imprensa] daqui, eu acho que estava eu, o Germano [Rorato], que era "*freela*" do Diário [de Santa Maria] na época e o Antônio, que é cinegrafista da [TV] Pampa. Nós três estávamos fazendo a cobertura da rainha do carnaval. Então a gente praticamente estava acordado. Os primeiros que chegaram fomos nós.

Não tinha informação. O que a gente sabia é que tinha começado um incêndio no palco. Não sabia por que também. E a gente sabia que tinha pessoas mortas porque estavam na calçada, tinha corpos na entrada do [supermercado] Carrefour. Tinha, eu acho, uns 15 corpos na entrada do Carrefour. O que tinha lá dentro a gente ainda não sabia. A gente ficou sabendo mesmo quando chegou o resto do efetivo da Brigada [Militar], do BOE [Batalhão de Operações Especiais] que eles isolaram a área, os bombeiros controlaram a fumaça e eles entraram. Uns 40 minutos depois saiu o coronel Vargas [tenente-coronel João Ricardo Vargas] e conversou com nós da imprensa. Foi quando a gente teve noção do que estava acontecendo lá dentro. Até então a gente não sabia.

TIAGO: Era meu primeiro fim de semana de folga. O meu pai me acordou. A gente morava no centro, na [rua] Floriano Peixoto, a duas quadras da Kiss. Meu pai me acordou por volta de sete e meia da manhã:

- Tiago, eu ouvi uma notícia agora que uma boate, parece que morreram pessoas, parece que morreram vinte e poucas pessoas em um incêndio.

- Nossa! Boate, incêndio! O que é isso?

- Uma tal de Kiss.

Eu já tinha ouvido falar, mas não conhecia a Kiss. Acho que nem sabia direito onde era, como estava há pouco tempo na cidade. Eu liguei para o jornal, pra portaria:

- Houve alguma coisa, algum incêndio?

- Sim, já estão lá.

Já estavam lá o fotógrafo e o repórter que estava no plantão, que era o Luiz Roese. E eu até perguntei [ao porteiro] onde era exatamente porque eu não tinha certeza.

- É na Rua dos Andradas.

- Ah, é perto aqui de casa.

Acabei saindo de casa mais ou menos com a roupa do corpo. Logo que eu subi em direção à [avenida] Rio Branco, vi aquela movimentação na esquina do [supermercado] Carrefour. Eu fui ouvindo rádio. A única coisa confirmada às sete e meia da manhã é que houve um incêndio com mortes. O primeiro número que eu ouvi foi na [rádio] Imembuí: pelo menos 22 pessoas mortas. O que eu lembro bem era que naquele instante estava saindo o primeiro caminhão [com as vítimas], veio um bombeiro e falou com o Roese:

- Saiu com 72 [corpos].

Eu perguntei o que era. Eram 72 corpos que saíram dali. Aquilo foi um baque. Morrer 20 [pessoas] já é uma coisa assustadora. Tinha chegado outro caminhão e eles começaram a tirar [os corpos]. Já tinham isolado a frente da

Kiss. A gente estava na esquina da [avenida] Rio Branco, mas, mesmo com o isolamento, dava pra ver que eles estavam tirando corpos. Começaram a tirar, tirar, tirar... Acabou saindo um segundo caminhão. Era por volta das nove da manhã e chegou um terceiro. Quando chegou o terceiro:

- Quantas pessoas vão sair?

Nesse meio tempo a gente começou a tentar falar com algumas pessoas. Informações naquele momento estavam muito desencontradas. O que a gente sabia naquele instante, sete e meia da manhã era isso: que já tinha mais ou menos 100 pessoas mortas e que havia mais de 200 feridos espalhados pelos hospitais. Vamos tentar nos organizar, o que cada um pode fazer. O Deivid, já estava no local, o outro fotógrafo foi para o CDM [Centro Desportivo Municipal] que era pra onde estavam sendo levados os corpos. O editor começou a ligar para distribuir [as funções]. Cada um vai pra um lugar. Eu lembro que a primeira senhora que eu falei era uma senhora que, ali na frente da Kiss, estava atrás da filha dela. Faleceu inclusive. A filha tinha substituído ela no trabalho [na Kiss]. Ela era funcionária, naquele final de semana ficou doente. Foi a primeira pessoa que eu consegui fazer algum relato. Na verdade, foi mais um desabafo. Nessa hora é muito difícil entrevistar as pessoas, falar com as pessoas e ela estava ali, num canto, e começou a falar, a gente perguntando:

- A senhora está procurando alguém?

- A minha filha.

E ela contou que a filha veio substituir ela. E ela fez um relato, quase um desabafo. Depois até não vi mais a senhora. Vi ela só um mês depois e a gente já sabia que ela tinha perdido a filha. Fiquei na frente da Kiss quase até às dez da manhã, quando viemos aqui para o jornal e daí, mais ou menos, foram distribuídas as tarefas. No meu caso, eu fui pro CDM pra onde estavam indo os corpos. Cheguei ao CDM um pouco antes das 11 da manhã. Tinha mil pessoas, não tinham aberto ainda, e eu lembro que eu cheguei, pensei:

- E agora, o que eu faço?

Como tu fazes pra entrevistar alguém que não sabe nem se o filho está vivo? Naquela hora não tinha saído nenhuma lista, nada. Então a maioria das pessoas não sabia. Tinha pais, mães tentando ligar para os filhos. Pessoas chorando, pessoas mais nervosas, mais calmas. E na faculdade tu aprendes muita coisa, mas é muito difícil chegar e perguntar. Como tu fazes entrevista com alguém assim? Tenta ouvir. Mas o que tu vai perguntar? Você está procurando seu filho? Mas se ele morreu? Não tem o que falar naquele momento. Era muito difícil. A gente pegou pequenos relatos, mas eu confesso que, no dia em si, com familiares, eu, pessoalmente, acho que não consegui fazer nenhuma entrevista. Peguei pequenos relatos. Eu chegava na pessoa, via que ela estava disposta a falar alguma coisa e fazia uma ou duas perguntas no máximo, mas algo muito básico. Não consegui sentar com alguém, conversar

com alguém ou realmente fazer uma entrevista jornalística. Era muito difícil. Naquele instante era muito difícil.

As prioridades da cobertura

DEIVID: Não nessa ordem, mas as principais eram pegar boas fotos e não atrapalhar o serviço dos bombeiros, enfermeiros, ambulâncias que estavam ali. Tentar ficar o máximo possível longe da linha de ação deles, mas conseguir registrar o máximo de situações possíveis.

TIAGO: Uma coisa que eu me preocupava muito era tentar dar a informação exata. Num momento desses, tu não podes falhar. Uma tragédia imensa, que abala toda a cidade, o estado. A minha preocupação era dar a informação mais exata possível. Não tentar, por exemplo, entrar em algum boletim de rádio e dar alguma especulação. Porque fica aquela ansiedade de dar a informação logo, todo mundo quer saber, estava o mundo inteiro querendo saber aquilo - mas, às vezes, tentar guardar alguma coisa e confirmar a informação, principalmente nomes, dados. Porque é muito difícil, você não pode errar. Acho que a minha maior preocupação naquela hora: eu não posso dar nenhuma informação errada sobre isso porque tem pessoas procurando familiares, tem pessoas querendo saber exatamente o que aconteceu. Eu acho que a pior coisa que pode acontecer é tu dares alguma informação que leve ao erro, ou de repente, por causa da tua informação alguma pessoa acabe achando que: ou seu familiar está vivo ou seu familiar está morto.

As principais dificuldades

DEIVID: Depois do fato ali da boate, foi, por exemplo, quando a gente teve que ir lá pro Farrezão, pra onde estavam indo os corpos. É tu teres que chegar e fazer fotos com os parentes desesperados, procurando pessoas. E alguns se revoltavam com a imprensa, compreensível. Eu acho que essa é a pior parte, a parte mais estressante. Era estressante a gente ter que estar ali naquele momento. Eu acho que foi a parte mais complicada naquele dia, naquela semana. A ficha foi cair mesmo umas duas semanas depois, que foi dar aquele baque do que tinha acontecido. Naquela semana era mesmo só o trabalho, respeitar ao máximo os parentes e trabalhar. A gente chegava sete e meia, oito horas [da manhã] e saía dez, onze horas da noite, todo dia. Não tinha estresse, não tinha tempo ruim. Se tinha que fazer, vamos fazer. Se tem que tocar, vamos tocar.

Eu praticamente fiquei acompanhando os enterros e o outro colega acompanhava a situação no Farrezão e vítimas que ainda estavam hospitalizadas, que era mais tranquilo, digamos assim. O outro fotógrafo da época estava de férias e a gente estava com um substituto. A gente botou o substituto pra acompanhar essa parte mais *light* e eu ia com um rapaz mais experiente também pra questão de velório, que era mais tensa, tinha lugares em que a

gente chegava e não queriam deixar a gente fotografar, ou conversar, era meio estressante. Teve um pai que agrediu um fotógrafo da [agência] Reuters que estava fazendo a cobertura.

TIAGO: Acho que foi organizar exatamente o que cada um ia fazer, isso falando do trabalho jornalístico mesmo. Porque, por exemplo, você chega ao CDM, tem 500 pessoas ali, várias autoridades e você tem que saber o que você vai fazer, senão vai ficar rodando por lá e não vai sair com nada. A gente tentou minimamente organizar:

- Fulano, a presidente Dilma está vindo aqui. Você fica tentando falar com os assessores dela, essa cobertura oficial, o que ela vai dizer, o que o governador vai dizer, você tenta falar com pessoas, pegar *cases* de familiares.

Quando eu fui pro CDM a tarefa era essa: pegar *cases* com familiares, tentar falar com alguém, o que estava acontecendo ali e depois eu fiquei com a tarefa de confirmar a lista de mortos, quantas pessoas tinha, quantos feridos e quantos mortos tinha lá no CDM e qual seria o procedimento, o sepultamento de tantas pessoas, como seria feito isso. Eu acabei focando nisso, ficando atrás para tentar confirmar esse número, conseguir essa lista de pessoas e tentar passar o número de feridos.

Vou confessar pra você que no primeiro dia eu senti alguma coisa muito forte. Foi lá no CDM, por volta das oito da noite, quando eles começaram a colocar os caixões para o velório coletivo. Eu já tinha visto os corpos no CDM. Como eu fiquei dentro do CDM para falar com as pessoas, para ver número de mortos, eu acabei sendo um dos poucos repórteres que entrou no CDM onde estavam os corpos. Eu entrei muito rapidamente, que eles estavam sendo colocados um do lado do outro e iam formar uma fila, onde os familiares passariam para tentar identificar. Eu entrei, passei por cinco, seis jovens e saí. Era muito forte, mas aquilo não me impactou tanto. Eu estava tão absorvido na hora que eu não fiquei tão impactado com aquilo. O que me impactou foi às oito horas [da noite] quando botaram aquela fila de caixões. Sentei em uma cadeira num canto para escrever alguma coisa e vi aquela fila de caixões. Quase vieram lágrimas nos meus olhos e eu tentei segurar porque eu estava trabalhando. Até então tinha trabalhado normal, não tinha sentido alguma coisa ainda, estava meio que no automático fazendo as coisas. Naquele momento eu sentei e quando eu vi aquilo, veio uma emoção forte e eu logo vim para o jornal, eu saí de lá. Foi o meu limite naquele dia. Eu tive que vir para o jornal. O jornal fechou aquele dia eu acho que à meia-noite. Normalmente domingo fecha às oito da noite.

As cenas mais marcantes

TIAGO: Acho que eu não consigo destacar um texto em especial. Uma foto talvez. Foi nos dias seguintes. Eu estava com um colega meu, que não

está mais em A Razão agora, o fotógrafo Yuri Weber. Saiu na capa, eu acho que da Folha de São Paulo, aqui em A Razão também. Foi o dia em que o delegado [Marcelo] Arigony, em uma coletiva de imprensa, chegou com a espuma:

- Isso aqui foi a causa da morte.

Quando ele disse isso, ele se emocionou. E o fotógrafo pegou aquele momento dele segurando a espuma e com a cara emocionada. Foi uma foto relativamente simples - só ele mostrando um pedaço de espuma - mas que tinha muito significado. E a frase que ele disse na hora: isso aqui causou a morte de tantos jovens.

DEIVID: Tem várias coisas. Por exemplo, em termos de agilidade da Polícia Civil, em transferir os corpos, arrumar um espaço. Foi bem rápido. Uma coisa de menos de horas já tinha local, já estava uma equipe preparada para atender aos familiares. Isso chamou bastante a atenção porque, às vezes, a gente vê em países de primeiro mundo, não é tão rápida assim a assistência. Em termos mais particulares, aquela senhora [Elaine Gonçalves] que ganhou até uma casa do Celso Portiolli. Pra mim, foi um fato bem interessante porque ela perdeu dois filhos na boate e ela lidou com aquilo de uma maneira que muitas pessoas que perderam, de repente, um filho ou amigos não conseguiram lidar. Não sei se ela consegue guardar a dor pra ela ou ela não expressava a dor. Ela estava mais tranquila em relação ao que estava acontecendo do que outras pessoas e aquilo pra mim chamou bem a atenção.

Pra ser bem sincero, eu não li nenhuma matéria sobre o ocorrido na época. Fotos eu vi algumas que fiz, depois eu nunca mais olhei também. Mas tem uma foto de quando eu cheguei, eles estavam retirando um corpo e tinha um taxista. O taxista estava com um cara no banco de trás e eles estavam vindo com outro corpo. A ambulância estava lotada e ele abriu o porta-malas pra botar o cara no porta-malas pra levar para o hospital. Quando eles estavam botando o cara no porta-malas chegou um médico, foi ver e o cara já estava morto. Depois que eu descobri que o cara estava morto, senão eu acho que eu nem tinha feito [o registro]. E essa foto, se eu não me engano, foi capa em quatro jornais na Europa. Eu acho que foi a foto mais marcante minha. O Germano [Rorato], nosso colega, foi capa do *The New York Times*, que foi [a fotografia] do Ezequiel carregando um amigo dele. E o Ezequiel é meu vizinho. Aquela [fotografia] também marcou bastante a gente.

A cobertura depois da tragédia

TIAGO: Especificamente eu e o [repórter] Luiz Roese ficamos com a parte policial, investigação, quais seriam os desdobramentos de toda a investigação. Eu, particularmente, foquei nisso: ia todos os dias pra frente da delegacia e ficava quase o dia inteiro na frente da delegacia. Pra falar com

advogados, falar com delegados. Duas, três pessoas ficaram focadas em fazer a repercussão com as famílias, uma pessoa ficou designada para atualizar sempre o número de feridos, quantas pessoas estão no hospital, tentar falar com as pessoas, com alguns sobreviventes. Acompanhei todo o processo de investigação policial, o inquérito policial, depois o processo na Justiça e fico responsável por essas matérias até hoje.

Naquela primeira semana, eu acho que até quinta-feira, o jornal foi quase exclusivamente Kiss, ou 95 por cento só Kiss. Passou algum tempo, foi diminuindo isso. O que a gente tenta focar, por exemplo, são datas específicas: mês a mês, dia 27; quando fez um ano fizemos um caderno especial e agora quando fez dois anos fizemos algumas reportagens especiais, o que aconteceu e como está todo o processo, mas a cobertura é isso, é em datas, completa um ano, um ano e meio, dois anos, o jornal faz alguma coisa um pouco maior, especial, ou o dia a dia. No meu caso, como eu acompanho o processo judicial, quando tem alguma novidade a gente faz uma matéria. Todas as audiências da Kiss saiu alguma notícia, ou nem que seja uma notinha. Nem que seja o mínimo, mas sempre saiu. E eu acho importante que saia também. Uma repercussão que vai ter pra sempre, um assunto que vai ser sempre da cidade, infelizmente, mas isso é até uma obrigação do jornalista falar sobre isso, não deixar esquecer, para que não se repita algo assim.

DEIVID: A gente trabalha em regime de plantão, faz um revezamento de horário e dependendo do horário que está acontecendo o evento, o fotógrafo que estiver no horário de plantão vai. Mas a gente sempre faz [a cobertura], se sai alguma notícia nova, na Polícia ou no Ministério [Público]. Se tem audiência, se tem eventos dos familiares a gente sempre vai.

Experiências anteriores

DEIVID: Acidentes eu já tinha feito vários. Uns tempos atrás, um caminhão passou por cima de um carro na [rodovia] 287. Era um casal que tinha se casado no sábado e no domingo a avó da menina, se eu não meu engano estava no hospital, eles foram buscar ela pra levar embora. Eles estavam voltando para casa e uma carreta se perdeu e matou todo mundo. Aquilo foi bem chocante pela situação. Eles usaram o vestido [de noiva] para tapar a avó na beira [da estrada]. Foi bem chocante, mas, nessa magnitude, eu nunca tinha participado de nada. Mas é que a gente aprende, com o tempo tu vais aprendendo a lidar com a situação. Cada situação é uma situação. Cada caso é um caso.

TIAGO: Fiz [editoria de] polícia durante um ano no Correio de Gravataí, região metropolitana. Fazendo polícia acaba cobrindo pequenos desastres automobilísticos, assassinatos, alguma coisa que te dá alguma experiência, em abordar pessoas em momentos, assim, mais difíceis, às vezes tem que ligar para familiares. Dá alguma experiência, mas no caso da Kiss, especifica-

mente, eu acho que poucas coisas te preparam para isso. Por mais experiência que você tenha, aquilo é algo que foge do comum. Por isso até que eu disse: o mais importante pra mim era não errar. Mas eu acho que nada te prepara para aquilo, para aquele tamanho de tragédia tu não tens uma preparação: nem na faculdade e mesmo com experiência. Eu acho que mesmo 20, 30 anos de jornalismo dificilmente vão te preparar para algo tão grande. Tu podes ter alguma experiência em tragédia, mas nada te prepara para aquilo. Tem que seguir o teu feeling, o teu coração e tentar obter a informação sempre mais precisa possível.

Os reflexos da tragédia na vida pessoal e profissional

TIAGO: É questão emotiva mesmo, de até onde o jornalista pode se envolver porque uma tragédia desse tipo bate em você. Bateu comigo, que, por exemplo, conhecia poucas pessoas. Eu acho que conhecia uma pessoa e, mais de vista, que faleceu na Kiss. Eu imagino para pessoas que são daqui, tinham amigos ali, quase todo mundo que é daqui tinha algum amigo, conhecia alguém. Você não fica imune, você tenta ser imparcial, mas eu acho que você tem que deixar transparecer um pouco dessa emoção. Porque eu acho que isso deixa o texto mais sincero. Foi uma coisa que eu aprendi é não tentar esconder muito. Fala-se muito de jornalismo imparcial, isso é uma busca sempre, isso é o básico, mas o que eu aprendi: às vezes você pode se emocionar. Você está ali trabalhando, mas também está sentindo aquilo e eu acho que o leitor, ou quem ouve você também pode perceber que você sente aquilo. Acho que se você conseguir escrever assim vai chegar mais próximo e as pessoas vão entender mais o que você quer passar.

DEIVID: O que eu mais procuro aprender é como lidar com a outra pessoa numa situação dessas. Acontece um acidente, tu vais registrar e a vítima se sente ofendida com aquilo, ela acha que tu és um urubu. A gente tem que aprender a lidar com cada emoção no momento em que está acontecendo e isso eu aprendi bastante naquele dia. O lado pessoal, uma coisa que eu posso dizer, é que depois daquilo ali eu penso 50 vezes antes de entrar em uma boate. Eu já não gostava antes. Agora eu gosto menos ainda. Na Kiss eu fui uma vez. Eu fiquei das duas até umas quatro e meia da manhã sem conseguir ir ao banheiro, de tanta gente que tinha. Eu disse que nunca mais iria lá e nunca mais fui. E em outras boates, se eu chegar e tiver muita gente, eu volto e não entro. Pode ser medo. Pode ser o que for, mas eu não entro. Podem ter 50 mil extintores. Então eu nunca mais fui à boate em Santa Maria e acho que não vou mais.

As mudanças nas casas noturnas

DEIVID: Eu acho que nos três primeiros meses mudou. Depois já não mudou mais. É da natureza humana. Pessoa que vai para uma festa quer estar

onde tem bastante gente. Se tu queres ir onde tem pouca gente, tu vais pra um restaurante então, não vai pra uma festa.

TIAGO: Mudou um pouco a mentalidade, mas é uma opinião pessoal minha, não tanto como deveria pelo tamanho da tragédia. Há uma maior preocupação hoje quando você chega a algum lugar, você está vendo que está lotado, onde tem uma saída de emergência. As pessoas se preocupam um pouco mais com isso, mas eu acho que não tanto quanto deveriam. Eu acho que o jovem em si, na hora, ele não pensa tanto, e eu acho que isso seria uma preocupação das autoridades, dos donos das boates, de músicos, enfim, pessoal que trabalha na noite, orientar melhor quem está ali. Eu acho que isso, apesar de tudo que aconteceu, ainda é falho, por parte de quem trabalha na noite, por parte das autoridades em si, não conseguindo transmitir isso pra população, conscientizar a população de uma forma melhor sobre isso.

O papel da imprensa para evitar novas tragédias

TIAGO: Acho que um dos principais trabalhos nossos é vigilância. É cobrar das autoridades, cobrar de donos de boates as mudanças, a gente tem que fazer isso. Cobrar dos bombeiros. Os bombeiros não tinham equipamentos adequados para aquela situação. Mas por que não tinham? Por que ainda não têm? Por que o orçamento não é aumentado? Por que não tem dinheiro pra isso? Ir sempre atrás, ficar cobrando isso, por mais chato que seja, às vezes, é necessário e é função do jornalismo isso, cobrar sempre. Mesmo que você tenha sempre as mesmas respostas, mesmo que as autoridades digam sempre a mesma coisa, faça as perguntas, vá atrás e cobre sempre. Entre outras funções primordiais do jornalismo é vigilância e cobrança. Principalmente de autoridades. O jornal que não faz isso, a rádio, a TV que não faz isso, que não vai atrás, que não cobra, está falhando na sua missão. Porque é função do jornalismo cobrar as autoridades, cobrar proprietários, enfim, fazer essa cobrança para que se evite esse tipo de coisa.

DEIVID: Eu acho que o nosso trabalho é mostrar como está a situação de certos lugares, por exemplo, tem denúncia de boates super lotadas. Quem vai evitar uma tragédia, no meu ponto de vista, em primeiro lugar é cada um mesmo. Tu chegares a um lugar, tu veres que está superlotado e que não tem segurança: ser consciente, de não entrar e sair. A partir do momento que a população, cidadão começar a pensar assim, daí começa a mudar. No caso da Kiss mesmo, uma semana ou duas antes, o extintor que ficava ao lado do palco, um "gurizão" achou divertido esvaziar no meio da galera, esvaziou e pronto. No outro dia o cara podia ter ido lá e reposto aquele extintor. Não repôs, foi uma imprudência, mas por que o cara esvaziou pra brincar? Então uma coisa leva a outra. Eu acho que parte de cada um. Cada um tem que ser consciente de mudar, de fazer a situação mudar. Não achar que o dono vai fazer e eu vou estar seguro. Não é assim que funciona.

Mensagem para os futuros jornalistas

DEIVID: Focar no que gosta de fazer e respeitar sempre o outro, o outro lado da notícia, o outro lado da informação. No meu caso é o principal, é o básico pra ti ser um bom profissional no que tu fazes: é gostar do que faz e respeitar sempre a outra pessoa.

TIAGO: É uma profissão muito difícil, muito estressante, você trabalha muito, mas é muito gratificante. Você trabalha sempre com a verdade e buscar a verdade nem sempre é tão fácil como as pessoas imaginam. Porque a gente sempre ouve:

- Jornalismo tem dois lados, tem que ouvir sempre os dois lados.

No fundo, jornalismo tem um lado, que é a verdade. Você ouve os dois lados, que é para buscar uma verdade e você tem que encontrar. Sempre ouvir o máximo de pessoas possíveis, em todas as situações. Às vezes, de onde você menos espera vem a informação. Não ficar só em informações oficiais. Nunca dê uma informação que você não tenha certeza: se você está em dúvida, não vá atrás do furo, que é uma obsessão do jornalismo. Hoje em dia o furo é muito instantâneo, alguém dá uma notícia online, uma hora depois todo mundo, todo o país está sabendo. Então, na minha opinião, hoje em dia o furo não é tão importante. Dê uma informação melhor, mesmo que tu não sejas o primeiro. Lógico que é legal, conseguiu uma informação exclusiva, dê primeiro. Ótimo, seu trabalho foi 100 por cento, mas se você não tem 100 por cento de certeza, segure, mesmo que algum colega dê a informação primeiro que você, que você perca o furo. E mesmo que esteja correto, mas você não tinha certeza, é melhor esperar e dar 100 por cento seguro. A informação sempre tem que ser segura.

Vilceu Godoy e Antônio Augusto Rodrigues Maia

O jornalista Vilceu Godoy, 48 anos, atuou como repórter na cobertura pela TV Pampa/Rede TV. Desde 2012, Godoy é coordenador de jornalismo da TV Pampa Centro, de Santa Maria, emissora integrante da Rede Pampa de Comunicação. Em 29 anos de atuação na imprensa de Santa Maria, Vilceu Godoy desempenhou atividades em grupos de comunicação como RBS e Rede Transamérica. Há 14 anos também é produtor e apresentador do Programa de variedades "Mídia Mix", exibido atualmente pelo Canal 19 da Net - TV SM.

O operador de câmera Antonio Maia, 27 anos, atuou na cobertura da tragédia como cinegrafista pela TV Pampa/Rede TV. Maia é cinegrafista da TV Pampa Centro de Santa Maria desde 2012.

As primeiras informações sobre a tragédia

VILCEU: Eu não sei se foi por uma questão do destino, eu estava em um evento e acabei parando no local da tragédia por acaso, até porque nem era o meu caminho exatamente de casa. Naquela noite do dia 27 eu estava apresentando um evento. Era um evento grande que, normalmente, movimenta uma boa parcela da cidade: era o concurso Rainha do Carnaval. Eu estava apresentando este evento lá no Farrezão, no Centro Desportivo Municipal. Terminou por volta de três horas [da manhã] o concurso. Logicamente, a gente fica um pouco desgastado, voz, cansaço - normal num evento grande assim - e eu acabei decidindo ir embora. Tinha outras pessoas, colegas meus da TV Pampa também lá. Saí do Centro Desportivo Municipal

por um trajeto um pouco diferente do meu, que foi a rua André Marques. Quando eu cheguei à esquina da Rua dos Andradas, eu olhei para cima - eu acho até que eu iria subir ali aquela rua - e vi que ela estava meio tumultuada, que alguma coisa estava acontecendo porque eu já visualizei na subida muito movimento, carros, pessoas. O que eu fiz? Estacionei na André Marques, logo que passa da Andradas, desci rápido naquele instinto de saber o que estava acontecendo e vi que era uma coisa anormal. Tinha, eu acho que era um guarda de trânsito, na André Marques com a Andradas, que me disse que se tratava de um incêndio, que a boate Kiss tinha incendiado, estava pegando fogo. Naquele momento não tinha nenhum tipo de isolamento, era acesso livre naquela rua, nas proximidades. Eu lembro que eu comecei a subir a Andradas e em uma casa, acredito que logo ao lado da AABB, da Associação Atlética do Banco do Brasil, tinha um grupo de pessoas e eu perguntei quanto tempo fazia [desde o início do incêndio] e eles me disseram que fazia aproximadamente uns 15 minutos que tinha começado [o fogo]. Eu olhei o meu relógio, eram três e 35 da madrugada. Para ser mais exato: três e 34 quando eu olhei no meu relógio. Então, foi desta forma que eu tomei conhecimento. A notícia nem tinha corrido ainda pela cidade. Imediatamente, eu subi correndo a Andradas e quando eu cheguei, já praticamente na frente da boate, era um cenário de terror, era um cenário de guerra, na verdade. Tinha alguns bombeiros, mas poucos. O que tinha bastante, que eu lembro, eram táxis, motoristas de táxis chegando. As pessoas que já estavam sendo retiradas lá de dentro eram colocadas nesses táxis e também [estavam] começando a chegar algumas ambulâncias. No momento em que eu cheguei quase em frente à boate, eu já vi jovens, alguns que eu conhecia, até pelo fato de eu ter um programa que trabalha a questão de concurso de beleza, meninas que concorrem e que, logicamente pela idade, eram frequentadoras do local. Então eu vi algumas pessoas já conhecidas, teve uns [jovens] que vieram porque eu já cheguei perguntando o que tinha acontecido. Uma curiosidade: todos eles sem camisa, só com a calça jeans e tênis porque eles usaram muito a camisa para tapar o rosto, para se proteger, tapar o nariz porque a fumaça era intensa. Eles em pânico, apavorados. Isso foi uma característica de todos que vieram falar comigo. Eles me disseram que a boate tinha pegado fogo, que estava pegando fogo, que tinha muita gente lá dentro ainda. Eu lembro bem de uma menina, que é a Patrícia Kopp, ela foi primeira princesa inclusive do [concurso] Garota Verão e eu já conhecia ela de outros concursos. Eu olhei para o lado, ela estava encostada na parede do [supermercado] Carrefour e também em desespero. Eu lembro que ela chorava muito, ela se abaixou, foi se abaixando, eu até me abaixei na frente dela, tentei acalmá-la um pouco. Eu lembro que tinha outra senhora - que eu não sei quem era, talvez vizinha - que junto comigo chegou tentando acalmar essa menina. O tumulto era muito. Eu lembro que eu falei rapidamente com ela e eu já comecei a prestar

atenção, enfim, era muito tumulto, muita confusão na hora, era realmente um cenário que eu nunca imaginei que eu fosse presenciar um dia. Parecia que tu estavas em outro lugar, em outro mundo, porque era um verdadeiro cenário de guerra mesmo, de terror. Ninguém se entendia, muito tumulto, os bombeiros tentando apagar um fogo que praticamente não existia. Porque eu sempre digo: foi um incêndio sem fogo porque o que eu menos vi foi fogo. Muita fumaça! Muita, muita, em excesso. Muita fumaça saindo de dentro da boate pela porta única, principal. Então aquela fumaça vinha pra onde nós estávamos, ia em direção à Avenida Rio Branco, subindo a Andradas. Era muito tumultuado, era muita confusão, muito desencontro, muita gente correndo. Uma coisa que também chamou bastante a atenção foi que os rapazes entravam e saíam com algumas pessoas no colo. Justamente por isso que eles usavam as camisetas para tapar o nariz, se proteger. Então eu vi muitos entrando e saindo com outras pessoas, algumas já desmaiadas, outras ainda um pouco conscientes e acredito que a maioria, no momento que chegavam ali na rua, onde eram colocadas, elas, se ainda estavam conscientes, perdiam o sentido, desmaiavam. Todo mundo tentava ajudar. Embora o desespero, quem conseguiu sair tentava, mesmo assim, ajudar. Tentando socorrer, fazer massagem, tentavam de tudo para ajudar.

O que eu fiz? Imediatamente, depois de assimilar um pouco aquela situação, eu liguei para o meu câmera da TV Pampa [Antônio Maia], que estava comigo no concurso um pouquinho antes e disse o que estava acontecendo. Quando ele estava chegando em casa, eu liguei e ele já saiu de volta. Foi para a emissora, pegou a câmera e foi pra lá. Daquele momento em diante eu passei a fazer a cobertura. Eu comentei em outras oportunidades e sempre que eu comento isso eu não falo como forma de usar como alguma vantagem, mas eu acredito que eu tenha sido o primeiro jornalista e eu posso dizer - até porque teve uma repercussão mundial - do mundo que chegou ao local da tragédia. Logicamente depois, eu não sei precisar quanto tempo depois, que a gente perde um pouco a noção, eu já vi a primeira colega da imprensa chegando, eu acredito que tenha sido a Lizie [Antonello] do Diário de Santa Maria, e depois outros. A notícia começou a correr muito rápido. Eu fiquei ali acompanhando toda essa situação, presenciando tudo aquilo até o clarear do dia, até as primeiras horas do domingo.

ANTÔNIO: Eu estava trabalhando na escolha da rainha do carnaval. Eu já tinha me liberado e fui entregar o carro na TV. Passei por umas ambulâncias e o chefe de jornalismo me ligou dizendo que tinha incêndio na Kiss. De primeira mão, eu achei que não era nada grande. Voltei na TV, peguei o carro e fui em direção à boate. Vi uma movimentação toda, vi muita ambulância. Eu estacionei o carro na frente da AABB e subi [a rua dos Andradas]. A hora que eu cheguei, tinha chegado só eu e o Germano [Rorato] do Diário de Santa Maria e daí o Vilceu já chegou. Eu já vi que estava um cenário de

guerra. Era muita gente gritando, saindo. Os bombeiros estavam chegando bem na hora, não tinham nem isolado a rua ainda. Mas foi horrível. Eu fiquei sem saber o que fazer. Eu fui ver o que tinha acontecido realmente. Até quando eu encontrei o Germano eu falei com ele:

- O que aconteceu?

- Já deu ali que morreram três pessoas.

- Três pessoas!

Eu já me apavorei, comecei a fazer umas imagens, mas bem perdido, não sabia o que eu fazia, se eu ajudava, se eu fazia as imagens, fiquei na hora bem perdido. Daí o Germano veio, o Germano tem mais experiência, mais tempo de jornalismo.

- Faz o teu trabalho que pessoa para ajudar tem bastante.

Eu comecei a gravar, chegou o Oneide [Moura] da RBS. Conversei com ele, ele pegou algumas informações comigo, eu peguei umas [informações] com ele e daí a gente foi direto na cobertura.

As cenas mais marcantes

VILCEU: Teve alguns momentos que marcaram como, por exemplo, quando eu vi algumas pessoas, jovens, uma fileira de jovens no estacionamento do Carrefour. Eu vi todos no chão e achei, por um momento, que eles estivessem desmaiados. Eu perguntei para um dos guardas se não iriam atender, socorrer e ele disse que não, que aqueles tinham entrado em óbito. Foi uma cena bem chocante, bem marcante porque eles ainda não estavam cobertos. Eles estavam lado a lado, eu acho que umas três fileiras, talvez quase 20 [vítimas]. Depois de certo tempo, eles isolaram [a área]. Basicamente quem ficou próximo, em frente à boate acompanhando todo aquele processo, foram a imprensa, policiais, bombeiros e voluntários. Ainda na madrugada começaram a chegar pais, familiares, as pessoas que estavam nas suas casas, querendo saber, querendo procurar seu filho, sua filha, pessoa da família que estava lá dentro. O desespero também era imenso, era grande.

Um fato que eu acho que ninguém gostaria de ter presenciado. Uma coisa muito triste que eu tenho certeza, assim como todo mundo, que abalou e muito a cidade. É uma marca que ficou e vai ficar. Eu acho que é impossível esquecer o que aconteceu porque foram 242 vidas. É uma marca que vai ficar para sempre. Eu, particularmente, falo ainda na tragédia todos os dias. Confesso que sempre que eu tenho que falar sobre a tragédia, de forma mais particular, mais específica, relatando o que eu vi, o que eu vivi, como é o caso agora e já em outras duas oportunidades, eu fico um pouco abalado, nervoso. Mas eu falo na tragédia ainda praticamente todos os dias em função do trabalho. Naquela manhã do dia 27 eu acredito também que o veículo em que eu

trabalho, a TV Pampa, tenha sido a primeira emissora a entrar ao vivo com as informações que nós tínhamos naquele momento, porque eu fiquei ali até o clarear do dia. Faltava eu acho que um minuto para as sete da manhã quando eles começaram a retirar os corpos lá de dentro. Eles tiraram a imprensa dali, nós fomos um pouco mais afastados, próximo da Rio Branco. Embora a polícia e o caminhão que levou os corpos tenham sido colocados de forma a bloquear a porta da Kiss, a gente conseguia enxergar. São imagens que a gente tem hoje, que logicamente não mostramos, acho que em um primeiro momento só, nesse início da transmissão ao vivo a gente mostrou, depois não mais, porque são cenas bem fortes que a gente captou. Depois fomos lá para o CDM, onde era um caos completo porque os pais, os familiares, era muita gente querendo informações porque os corpos também já estavam chegando lá. Foi quando o Major [Cleberson] Bastianello do BOE [Batalhão de Operações Especiais] deu a primeira coletiva para a imprensa na [rua] Appel, quase em frente ao portão principal do CDM. Naquele momento ele falava em 180 mortos, 180 e alguma coisa, porque tudo era muito desencontrado. Quando eu cheguei, 15 minutos após o incêndio, eu achei, num primeiro momento, que as pessoas que estavam lá dentro tinham saído, tinham conseguido sair e que eles estavam somente apagando o incêndio, porque tinha muitas pessoas lá fora, mas o que eu não sabia é que lá dentro tinha muito, muito mais do que ali fora. Mesmo ainda no clarear do dia, nas primeiras horas da manhã, ainda não tinham informações certas, informações precisas.

Depois que eu saí dali, eu fui direto para a emissora e nós imediatamente, já com Porto Alegre sabendo, onde fica a nossa sede, eles imediatamente decidiram que eu entraria no ar ao vivo para todo o estado. Junto comigo, no estúdio da TV Pampa em Santa Maria, entrou ao vivo o Jones Machado, que é o nosso colega da TV Pampa de Porto Alegre. O Jones me ajudou porque eu já estava com a voz desgastada do concurso que eu estava apresentando na noite anterior, mas consegui conduzir o trabalho. Nós entramos no ar, eu acho que por volta das 11 horas e meia da manhã e ficamos até às três e meia [da tarde] direto ao vivo com as imagens que nós tínhamos captado de toda a madrugada até a manhã de domingo e, logicamente, com informações que chegavam, a nossa produção nos ajudando. Mas como falei e repito: tudo ainda muito desencontrado, tanto que, quando nós entramos no ar ao vivo pra todo o estado, nós falávamos em 245 mortes, sendo que, na verdade, não foi isso. Com o passar dos dias, dos meses, foram acontecendo mais mortes até que a gente chegou a essas 242 [mortes]. Mas conseguimos fazer a cobertura, saímos do ar aqui em Santa Maria e as colegas lá em Porto Alegre seguiram também com a mesma cobertura direto dos estúdios de Porto Alegre. Nós já tivemos condições de mandar outros materiais.

No decorrer dos dias foi um trabalho intenso. Eu só fui dormir da segunda pra terça-feira. Fora tudo isso, morreram pessoas na Boate Kiss, co-

nhecidos, não só meus, mas também da minha filha que faz faculdade aqui na UFSM. Morreram colegas dela do curso de Zootecnia, de Agronomia, muitas pessoas conhecidas, filhos de amigos meus, em especial, o menino que namorava a minha filha. Ele e o irmão, os dois perderam a vida, eles estavam lá. Eu tive que também ser muito forte para poder passar por essa questão mais particular. Depois que eu trabalhei intensamente, já na metade da tarde de domingo, consegui ir para casa atender a minha filha, a minha mulher, dar uma atenção pra elas e, imediatamente, a gente se dirigiu para o Cemitério Santa Rita, onde já estavam sendo velados os corpos dos dois irmãos, do Pedro Salla e do Marcelo. O Pedro que era o namorado da minha filha. Uma situação muito difícil, que, como eu falei, vai ficar marcada para sempre, não tem como ser diferente.

A gente seguiu acompanhando porque, no passar dos dias, a Polícia começou a investigação, os dois sócios da boate mais os dois [integrantes] da banda foram presos preventivamente. Foi um trabalho muito intenso. Eu não parei um minuto. A nossa equipe não parou um minuto na busca da informação. O nosso material foi exibido não só no estado como também em rede nacional. Já na segunda-feira na nossa emissora aqui em Santa Maria tinha duas equipes, fora as nossas equipes aqui de Santa Maria. Tivemos um reforço com mais duas equipes da TV Pampa de Porto Alegre, vieram colegas de lá, câmeras, dois produtores, dois repórteres também, pelo que eu lembro, e a gente passou a fazer um trabalho intenso. A Rede TV, nossa afiliada nacional, também enviou equipes para que fizessem a cobertura, logicamente um trabalho em conjunto, apoiado por nós, um ajudando o outro. Então foi uma estrutura muito grande montada para a cobertura. Assim como os demais veículos, nós também tivemos essa situação de atender e poder fazer um trabalho para um fato dessa dimensão, que, de certa forma, ninguém estava preparado, emocionalmente, operacionalmente, tecnicamente, porque tudo ainda era pouco para noticiar, para trabalhar o acontecido, pela dimensão que teve a tragédia. Então eu acho que, em vários aspectos, em diversas áreas, foi um aprendizado. Não deixou de ser um aprendizado para todos, como profissionais, principalmente como pessoas.

ANTÔNIO: O que mais marcou pra mim foi quando eu vi o pessoal retirando as pessoas lá de dentro e o próprio pessoal do resgate: eles tiravam o pulso, tentavam fazer alguma coisa e os que já não davam, eles já iam pra outros. Muito ligeiro. Tentavam reanimar, não dava, faziam o que podiam, não dava, eles já iam pra outros, porque era muita gente, muita gente, muitas pessoas ali.

No momento da retirada dos corpos, que eu vi a quantidade de pessoas mesmo que estavam lá dentro, eu praticamente parei. Foi mais ou menos ali que começou a bater um pouco de desespero, porque eram muitas pessoas saindo de lá. Foi bem chocante a parte dos pais. Eu não tenho filhos ainda, mas imagino a minha mãe me procurando. É de cortar o coração da gente, é bem pesado.

Tive até dificuldade de trabalhar, porque tinha muitos conhecidos também na boate. Fazia recém dois anos que estava na área do jornalismo. E a gente largar a emoção para o trabalho. É bem difícil, foi bem complicado, mas foi uma coisa bem marcante.

Eu trabalhei até umas seis da tarde e eu, até então, não estava acreditando no que tinha acontecido. Fui a uns velórios no CDM, não estava caindo a ficha ainda, não conseguia acreditar no que estava acontecendo. No outro dia é que eu fui me dar conta, porque a cidade estava praticamente deserta, a gente saía na rua e não via ninguém. Depois que teve os enterros, a cidade estava parada, praticamente parou no tempo e foi aí que começou a cair a ficha. Porque como a gente trabalha ali no jornalismo, a gente vai direto trabalhando e acaba nem parando pra raciocinar direito o que tinha mesmo acontecido. E o cansaço também... Quando a gente para, olha e vê a gravidade do que aconteceu... eu fiquei bem chocado. Eu até depois tive dificuldades para dormir, mais pelo fato de ver muitos pais chorando. A maioria do pessoal era da mesma faixa etária que a minha. E eu fiquei até me imaginando... porque eu frequentei algumas vezes a boate, nunca imaginei que poderia ter acontecido um fato desses.

As prioridades da cobertura

VILCEU: A prioridade nossa foi justamente a busca da informação e da informação, na medida do possível, precisa, porque nas primeiras horas, nós tínhamos pessoas ligando para a emissora, pessoas desesperadas, pais, familiares, familiares de outras cidades. Como nós sabemos, tem muitos estudantes de fora que vêm para cá estudar e boa parte não vive com a família, divide apartamento com colegas. As famílias, algumas moram em cidades próximas de Santa Maria, outras nem tanto. Então a nossa prioridade foi tentar buscar a informação dentro daquela situação o mais precisa possível e tentando, na medida do possível, também tranquilizar e acalmar. O que era muito difícil. Isso se viu de forma muito marcante nas proximidades do Farrezão, no momento em que os corpos já estavam lá, ou ainda estavam sendo levados para lá. Foi uma situação bem complicada porque se reuniu muita gente, muitas famílias, muitos pais e o desespero tomou conta. O que a gente buscava era, sem sensacionalismo, mas, logicamente abordando o fato, tentando deixar as pessoas informadas e conscientes da gravidade, mas com aquele cuidado. Até as próprias imagens que nós tínhamos, a gente teve que ter essa sensibilidade de mostrar o que a gente podia mostrar daquilo que foi captado, deixando de lado e reservando imagens mais fortes e que, com certeza, iriam agredir os familiares. Mas a nossa prioridade foi essa: trabalhar, tentar fazer o melhor possível dentro daquela situação.

ANTÔNIO: A prioridade era ver se eu podia ajudar e como eu vi que já tinha bastante táxi, carro, daí a minha prioridade foi tentar fazer o máximo

de imagens possíveis para que ajudasse no meu trabalho e adiante alguma coisa para esclarecer, alguma coisa que eu pudesse mostrar mesmo o que estava acontecendo no momento. A gente teve que mostrar bem a emoção dos pais, teve muitos pais que foram lá na hora, apavorados, os próprios amigos desesperados. Aquela imagem que também não sai da cabeça é o pessoal quebrando a parede da Kiss. A minha prioridade foi tentar mostrar ao máximo a gravidade do que estava acontecendo. Só que, ao mesmo tempo, eu estava perdido, sem saber o que acontecia.

As principais dificuldades

VILCEU: A maior dificuldade nas primeiras horas foi justamente a questão da informação. Não tínhamos informação, tudo era muito confuso. Então para o nosso trabalho, eu acredito que a maior dificuldade foi realmente a busca pela informação certa, pela informação mais precisa porque é o nosso papel informar e informar de maneira imparcial, correta e certa. A situação em si e a dimensão de tudo não nos possibilitavam muito isso. Só que nós tínhamos que trabalhar, tínhamos que falar, tínhamos que dar a informação. Então se trabalhou muito, foi muita correria mesmo em busca da informação, da melhor informação, da informação mais certa, mais exata.

ANTÔNIO: É separar a parte emocional da profissional. Foi bem pesado isso porque, ao mesmo tempo em que eu estava ali trabalhando, por dentro da câmera eu estava enxergando, é uma visão totalmente diferente, tu consegues ver o que está ali acontecendo e tu te emocionas. A emoção das outras pessoas, muitas vezes, eu estava gravando, quando eu via, eu estava chorando, eu tremia bastante, [estava] bem nervoso com o que estava acontecendo. A maior dificuldade foi essa: largar a parte emocional do profissional, poder fazer o trabalho direito. Ao mesmo tempo, eu acho que, na verdade, todos os colegas que estavam ali estavam apavorados, estavam chocados. Nós, os cinegrafistas, estávamos bem apavorados com a questão de emoção e tudo. A gente olhava um para o outro e via a tristeza no rosto, os colegas chorando também. Tu imaginas... muitos jovens.

Experiências anteriores

ANTÔNIO: Eu já tinha vindo de umas quantas ocorrências que eu já tinha feito com questão de morte, mas nunca de tantas pessoas. A [cobertura] que mais me chocou foi um acidente em uma cidade vizinha, Paraíso do Sul, em que morreram quatro pessoas, entre elas uma criança de nove meses. Aquilo foi o que mais me chocou, uma criança de nem um ano de vida. Aquilo foi bem pesado, mas comparado com o que aconteceu, não teve.

VILCEU: Nada se compara a isso.

O trabalho em equipe

VILCEU: Muito importante porque se não fosse a colaboração, o apoio, a união dos colegas na busca dessa informação, na investigação, eu acho que nós não teríamos como trabalhar. Essa própria questão do colega que me ajudou no momento em que eu entrei ao vivo para todo o estado naquelas primeiras horas do domingo. Se não fosse a ajuda desse colega, logicamente eu teria feito o possível e o impossível para ficar sozinho, mas a ajuda foi muito importante. Ele estava em Santa Maria porque ele era jurado do concurso do carnaval, veio como convidado pela prefeitura, mas como sendo um profissional de imprensa, da TV, logicamente ele não se furtou em me ajudar, inclusive ele esteve já nas primeiras horas da madrugada, quando eu vi ele estava do meu lado já lá no local. Então a importância foi imensa, foi uma união de todos os profissionais para que a gente pudesse conduzir, fazer o trabalho da melhor maneira. Então eu acho que a importância se deu justamente nesta questão do apoio, como colega, como profissional, como pessoa, o apoio emocional e não só me referindo aos colegas do veículo, mas de toda a imprensa. Todos sempre estiveram muito juntos, os colegas do meio sempre estiveram muito juntos em situações que surgiram depois. Veio o sétimo dia, as celebrações, o primeiro mês com todas aquelas atividades, que até hoje acontecem. Mas em todas essas situações, a imprensa, os profissionais sempre se ajudaram muito. Então eu acho que aí que está a importância, o apoio mesmo, a união de todos.

As mudanças pessoais e profissionais após a tragédia

VILCEU: Não só na questão profissional, mas eu acho que também como pessoa todos nós aprendemos e muito. Aprendemos a ter mais sensibilidade, a entender mais a importância da vida, das pessoas, a importância de um filho, de uma filha. Eu acho que a grande mudança está nessa conscientização e nessa questão de que a gente deve valorizar todos os momentos da vida, valorizar as pessoas. E também a questão da fiscalização, do ter mais cuidado. Vai abrir uma casa [noturna], vai abrir um estabelecimento, mas vamos ver se tem segurança, se é próprio para que se frequente aquele local, para que muitas pessoas entrem ali. Então eu acho que a mudança foi geral em todas essas questões, mas, logicamente, que a gente aprende muito como profissional e como ser humano.

ANTÔNIO: Foi uma grande experiência de trabalho, porém [como experiência] pessoal eu não queria nem um pouco ter passado por isso, pelo que eu passei. Ao mesmo tempo, a gente viu o quanto a amizade vale. Eu digo agora após a tragédia, a gente mesmo da imprensa, a gente se dá com todos os pais praticamente. O pessoal da Associação [dos Familiares de Vítimas e Sobreviventes da Tragédia de Santa Maria] tem um carinho pela gente, um acolhimento, e nós com eles. A gente fala: o Tio Flávio [Flávio da Silva,

dirigente da Associação], a gente fala com eles como se fossem da nossa família, porque o convívio foi tanto, que fez com que, não só nós, mas toda Santa Maria teve uma questão de solidariedade, de todo mundo numa causa só. Aquilo me marcou bastante, o pessoal, a arrecadação de alimentos e água para o pessoal que estava ajudando também, os próprios voluntários largaram tudo o que estavam fazendo para ir ajudar, aquilo ali marcou bastante. Em questão profissional, foi uma cobertura que todo o mundo praticamente ficou sabendo sobre a tragédia, marcou muito o mundo inteiro. Então questão profissional foi bem grande, mas, como eu disse, se pudesse não ter acontecido, seria muito melhor pra todo mundo, porque ficaram mais marcas totalmente negativas na vida da gente do que positivas.

As mudanças nas festas após a tragédia

VILCEU: Eu acho que mudou justamente foi essa questão dessa mentalidade de que todo mundo precisa ter mais cuidado. Eu vejo que hoje os jovens estão mais conscientes de que eles precisam ter mais cuidado, eles precisam se informar mais. Por um bom tempo pós- tragédia, muitos deixaram de sair na noite, então eu acho que isso mudou bastante, essa mentalidade do maior cuidado. Normalmente, o que as casas [noturnas] sempre costumavam fazer e fazem é segurar aquela fila lá na frente para dar movimento e achar que lá dentro está lotado e juntar mais gente. Eu acho que isso não existe, não significa que, porque está lotado é o melhor. Daqui a pouco tu estás em um local bacana, com a capacidade adequada e pode estar muito bem, a festa pode estar muito boa. Mas eu acho que essa consciência hoje ela é muito maior. Essa questão de que é necessário o cuidado, uma informação maior, é necessário chegar, conhecer e ver onde é a saída, se tem uma saída de emergência, se não tem, essa consciência aflorou muito mais. Eu acho que hoje ela é muito maior nas pessoas, sobretudo nos jovens.

O papel da imprensa para evitar novas tragédias

VILCEU: Eu acho que o papel da imprensa sempre foi e sempre vai ser fundamental em todos os campos, em todas as áreas, mas, principalmente, nessa questão da tragédia como forma de alertar e de mostrar que é necessário e que é preciso uma nova visão para essa questão das festas, dos eventos.

ANTÔNIO: Com certeza, o trabalho da imprensa é muito importante. Até para mostrar o quanto foi, o desastre que teve, porque agora a imprensa em cima, mostrando os erros, ajuda o pessoal a se prevenir. Porque antes estava praticamente tudo largado, ninguém dava bola, ninguém fazia isso. Agora sim, agora a imprensa mostrando, divulgando, batendo em cima, agora eu vejo totalmente diferente, o pessoal procura olhar mais, ver mais, se informar mais. Antes eu achava que estava muito largado. A imprensa tem uma visão totalmente mais ampla para mostrar para a população.

A cobertura após a tragédia

VILCEU: Por mais de um ano, literalmente, nós falávamos todos os dias [sobre a tragédia] porque a todo o momento tinha novas informações, novos fatos. Hoje nós continuamos falando, um pouco menos, mas sempre que surge um fato novo, sempre que surgem novos depoimentos, sempre que são retomados os depoimentos, nós destinamos um espaço nos telejornais da emissora, não só no horário local, mas também estadual e nacional, para tratar do assunto. É um espaço que sempre vai ter porque é um assunto de relevância, de extrema importância.

ANTÔNIO: Até hoje a gente trabalha muito sobre a tragédia, todos os meses a gente faz as matérias, a gente vai atrás da Associação, vai atrás do Tio Flávio, das mães também que têm a [ONG] Para Sempre Cinderelas. A gente sempre procura ajudar, porque eles têm os projetos deles de auxílio às pessoas, a gente sempre faz a cobertura.

Mensagem para os futuros jornalistas

ANTÔNIO: Eu acho que é uma profissão bem pesada pelo que a gente vê diariamente. Cada dia é um dia. Tu vais para o teu trabalho e tu não sabes o que vai acontecer. Não é aquela rotina. Tem que ir cada dia preparado, tem que ir sempre com a autoestima lá em cima para poder realizar o melhor trabalho. Tem que estar preparado para tudo o que pode acontecer.

VILCEU: Que eles estejam preparados sempre para todas as situações, mesmo aquelas que nunca imaginam que um dia vão passar. E que tentem sempre se superar porque o jornalista é também um cidadão, é uma pessoa, ele tem sentimentos, mas a nossa força tem que ser muito grande para que a gente, em situações atípicas como essa, possa buscar força onde a gente nem imagina, para que a gente possa manter a nossa postura, conduzir o trabalho da melhor maneira possível, para que a gente possa contar essa história da maneira mais limpa, mais clara, mais precisa possível. Que eles tenham sempre essa noção de que esse é um trabalho importantíssimo. Uma paixão que só quem é jornalista, quem gosta do jornalismo sabe, a paixão pela profissão tem que ser muito grande. Essa paixão que faz nós termos condições de superar todas as situações e conduzir o nosso trabalho da melhor forma possível. Até mesmo em situações como essa onde 242 jovens perderam a vida.

Juliana Motta e Oneide Moura

Formada pela UFSM (2005), a jornalista Juliana Motta, 35 anos, trabalhou na cobertura principalmente em entradas ao vivo na RBS TV, Rede Globo e Globo News. Juliana trabalhou por 10 anos como repórter e atualmente faz Doutorado em Comunicação na UFSM

O repórter cinematográfico Oneide Moura, 57 anos, atuou na cobertura pela RBS TV Santa Maria. Moura trabalha há 33 anos na RBS TV Santa Maria

As primeiras informações sobre o incêndio

ONEIDE: Eu estava em casa jogando vídeo game com meu filho e meu sobrinho. Por volta de duas e vinte da manhã eu disse:

- Já estou cansado. Chega de vocês ganharem de mim! Vou dormir.

Acho que eram quinze pras três da manhã, tocou o telefone. O Eduardo [Luís Eduardo Silva, coordenador de telejornalismo da RBS TV Santa Maria] disse:

- Oneide, dá uma olhada na Kiss. Parece que deu um incêndio lá e alguém se machucou. Parece que tem um morto.

Eu vim pra TV e no caminho eu via muito movimento de carro, a guarda civil e ambulância. Quando eu peguei o carro, subi pela Venâncio [Aires], ali na Unimed tinha muito movimento. Quando eu cheguei na Venâncio [Aires] com a Avenida [Rio Branco] tinha cavaletes, já estava interrompido e aí era uma "muvuca" de pessoas. Estacionei o carro bem na esquina da Avenida [Rio Branco] com a [Rua dos] Andradas, não tinha os

cavaletes ali, não estava sinalizado ainda. Era muito corre corre, era muita gente desesperada. Era gente que estava desatinada. Eu chego na frente da boate, olho pro estacionamento do [supermercado] Carrefour e tem uma lona amarela. Alguém diz:

- Aqui tem dezenove corpos.

Eu vejo que os bombeiros estão jogando água nas paredes e eu tive a sensação de entrar na boate. Nesse momento, respinga água na lente da câmera, eu pego a camiseta, enxugo a lente, aí eu vi que alguém entrava abaixado [dentro da boate] que tinha uma cortina de fumaça. Lembro que tinha alguns jovens com as camisas enroladas no rosto e entravam na boate e de lá traziam gente para fora. Neste meio tempo, eu subo em cima de um caminhão - aquele pessoal quebrando a parede com uma marreta. Eu pensei:

- Vou entrar.

Alguém diz:

- Não, está muito escuro lá dentro!

- Como assim está escuro?

- Faltou luz.

- Mas e as luzes de emergência?

Sai um camarada com um telefone, ele pegou uma foto e mostrou:

- Olha, no canto de cá, bem na frente que são os banheiros, tem uma pilha! Pilha de jovens empilhados.

Nesse meio tempo, eu liguei pro Eduardo.

- Eduardo, é muito mais grave do que a gente imagina!

Nunca passou na cabeça da gente que Santa Maria iria ter uma tragédia deste tamanho. Eu lembro que tinha um senhor que chegou pra mim e disse:

- Era uma hora da manhã eu larguei os meus dois filhos ali na porta!

- Muita gurizada já saiu! Estão na casa de alguém posando!

- Mas eu já liguei pros meus dois filhos, eles estão lá dentro!

Aquela choradeira, as pessoas vinham correndo e queriam entrar. Muito horrível aquele dia. De tudo o que eu já fiz na TV, já estou me aposentando, foi uma das piores coisas que eu fiz. Agora, de tudo isso aí que eu vivenciei durante esses dias, duas coisas me chamaram a atenção: eu estava esperando pra gente entrar ao vivo, eu e a Juliana [Motta]. Chega uma senhora, ela estava doente em casa e a filha foi substituir ela. Aquilo me doeu, porque a gente sentia que tinham arrancado um pedaço daquela mulher. Aquela mulher gritava desesperada na frente, ela queria depositar uma flor no quadro da filha dela. Quando ela depositou na frente da foto da filha dela, ela deu uns dois passos e caiu. Caiu e um policial militar ajudou ela.

JULIANA: Essa senhora também me marcou muito porque a gente estava esperando para entrar ao vivo. Aí quando ela apareceu na esquina da [Avenida] Rio Branco com a [Rua dos] Andradas ela veio aos berros, chorando e dizendo o nome da filha.

ONEIDE: Outro negócio que marcou muito, a gente iria entrar ao vivo pra [Rede] Globo no sétimo dia ali na praça [Saldanha Marinho]. Eu acho que às oito horas da manhã, o pessoal ia buzinar, ia ter manifestação. Uma menina da [Rede] Record e um cinegrafista da Band [Bandeirantes] choravam. Você via que aquela dor não era só nas pessoas que tinham familiares. Eu lembro que teve um cinegrafista, acho que foi da [Rede] Globo, que estava junto. Ele disse:

- Me derreti chorando.

Não tem como a pessoa ficar forte em uma hora dessas. É muito complicado. Em minha opinião, Santa Maria nunca vai ser igual como antes. Claro que, com o tempo, a dor das pessoas vai diminuindo. Mas às vezes, eu vou fazer umas imagens na avenida, dou uma olhada pra boate, tu vês que tem sempre gente tirando fotografia, sempre as pessoas olham pra lá, parece que tem uma energia. Afinal de contas, eram muitos jovens que morreram com toda a vida pela frente. Então eu acho que Santa Maria vai descansar quando houver justiça. Se alguém já participou de um júri, sempre as pessoas dizem:

- Agora eu vou descansar porque teve justiça.

Então os familiares e Santa Maria em si, só vão descansar quando houver justiça.

JULIANA: Eu estava em casa dormindo. Acho que umas quinze para as cinco [da manhã] o meu telefone tocou. Era o Eduardo:

- Ju, vem pra Kiss porque é um incêndio.

A primeira reação quando a gente é acordada com uma informação dessas é perguntar:

- Mas quem confirmou isso? Já ligou pros bombeiros?

- Não, eu estou aqui na frente. São pelo menos quarenta mortos.

- Tu estás louco Eduardo!

- Vem pra cá, que são de quarenta mortos pra mais.

Eu me arrumei e fui ouvindo a [Rádio] Gaúcha com aquela sensação de que aquilo não poderia estar acontecendo. Quando peguei a [rua] Venâncio Aires, comecei a ver grupos de jovens pelas calçadas chorando. Pessoas desesperadas andando na rua, chorando abraçadas. Ali que eu fui tendo a ideia de que realmente era uma coisa grave. Quando eu cheguei na avenida Rio Branco já estava tudo interrompido, tinha muita gente, isso era um pouquinho

antes das seis [da manhã]. Liguei para o Oneide pra ele ir me buscar. Quando eu cheguei em frente [da boate] e conversei com o Eduardo, ele me disse a situação. Eu fiquei em estado de choque porque eu, como repórter, sou muito organizada. Saio da redação e já tenho ideia com quem vou conversar, mais ou menos o texto que eu vou fazer, eu já tenho um esboço, uma ideia. E quando eu cheguei ali, eu olhei aquilo tudo e eu não sabia o que eu iria fazer, eu não tinha ideia do que eu ia fazer. Acho que a gente perde a noção de tempo, mas eu imagino que sejam cinco, dez minutos que eu fiquei paralisada, pensando: Meu Deus, o que eu vou fazer aqui? O Eduardo me disse que tinha a entrevista do segurança, do Rodrigo Moura, que explicava que um dos integrantes da banda tinha colocado a mão pra cima, saído uma faísca e tinha pego fogo no teto e tinha a entrevista com mais alguns sobreviventes.

As primeiras informações

JULIANA: Confirmada, a única coisa que a gente tinha era a partir dessa entrevista do Rodrigo Moura, foi ele quem começou a esclarecer a tragédia. Tinha essa ideia, 40, 50 mortos. Pensei, vou entrevistar todo mundo que estiver na frente, depois a gente pensa o que vai fazer, porque na hora eu pensei, provavelmente o Teledomingo [telejornal exibido no domingo à noite na época] vai querer alguma coisa. Imagina, não tinha ideia da tragédia. Nisso, a gente chegou à conclusão que tinha que passar essa informação o quanto antes, que era domingo, não poderia esperar para dar essa informação. Gravei um stand-up [boletim] e fui confirmar com o Sandro Meinerz [delegado de polícia] qual era o número de mortos. Ele me passou 60 mortos. Eu gravei o stand-up e depois me encontrei com ele de novo, ele me passou setenta [vítimas]. Eu regravei o stand-up. Quando eu falei setenta, ele já tinha nos dito que passaria de cento e vinte [vítimas], mas que não era pra gente divulgar ainda, porque não era oficial e numa situação de tragédia tem muito boato, se falava tudo na frente daquela boate. Outra coisa que me marcou muito, foi um pai que me pegou pelo braço, eu só lembro do olho dele, não lembro do rosto, me pegou pelo braço e disse:

- Me dá a lista de mortos!

- Eu não tenho a lista de mortos!

- Me dá a lista. Eu deixei meus dois filhos na frente da boate!

- Não, eles devem estar posando na casa de algum amigo.

- Não, tu não estás entendendo. Eu deixei os meus dois filhos na porta da boate. Eles entraram.

Eu acho que foi o primeiro choque que eu tive. É uma tragédia mesmo. A gente gravou esse stand up, fiz entrevistas com pais, com pessoas que estavam chorando por ali. É uma situação terrível tu enxergares alguém chorando e ter de perguntar. Eu pedia desculpas:

- Desculpe eu ter que conversar contigo, mas é minha profissão. O que é que tu estás fazendo aqui? O que houve?

Ia chegando com muito jeito para falar com as pessoas porque estava todo mundo em estado de choque. E já comecei a fazer as entradas ao vivo por telefone pra Globo News. A gente estava saindo da frente da boate e eu fui falando com a Globo News, contando o que eu tinha mais ou menos até ali, que era praticamente nada, era mais dando um ambiental da quantidade de gente que estava ali na frente, que estava isolado, que os caminhões da Brigada Militar já estavam retirando os corpos, que a informação era setenta [vítimas] e depois passou para noventa [vítimas]. A gente foi conversando com a Globo News por telefone da frente da boate até o CDM [Centro Desportivo Municipal]. No carro eu ia explicando:

- Nesse momento a gente está andando de carro indo para o Centro Desportivo Municipal pra onde estão sendo levados os corpos. No caminho a gente vê muito movimento, vê pessoas chorando na rua.

Narrando aquela nossa ida. Eu falei mais um pouco o que estava acontecendo ali e na frente do CDM e disse:

- Tenho que desligar o telefone senão eu não vou conseguir apurar nada do que está acontecendo aqui.

A gente desceu no CDM. Estava fechado ainda porque eles estavam largando os corpos. Tinha familiares muito revoltados. Alguns querendo invadir o CDM. Alguns já tinham brigado com repórteres porque, em uma situação como essa é difícil, algumas pessoas não têm essa ideia de que o repórter está ali fazendo o trabalho dele e que alguém tem que documentar e tem que mostrar aquilo ali. Então estava um clima bem hostil.

Veio uma decisão que era para a gente voltar para a TV porque a gente iria começar a entrar ao vivo. O Eduardo já tinha avisado Porto Alegre, ainda de madrugada, e começou a se articular a vinda de uma unidade móvel para conseguir entrar ao vivo de qualquer lugar, mas esse carro não tinha chegado ainda, então por isso a gente veio aqui para a TV. Então começamos a fazer os "ao vivo" daqui. Entrei primeiro pra Globo News, não lembro quantas entradas.

ONEIDE: Enquanto a gente fazia os vivos daqui da TV, tinha outra equipe nossa montando um link para fazer a entrada ao vivo do CDM.

JULIANA: E tinham equipes no HUSM [Hospital Universitário de Santa Maria], no [Hospital de] Caridade, no próprio CDM. A essa altura, já estava praticamente toda a equipe mobilizada. A gente fez os vivos da Globo News daqui [da emissora em Santa Maria] com entrevista com o coronel Guido [Pedroso Melo, comandante geral dos Bombeiros]. Foi a primeira entrevista ao vivo com uma autoridade falando sobre o que tinha acontecido. A gente não tem pauta, também não tinha tempo, eu podia ficar o tempo que

fosse ali. A gente desligava com a Globo News para entrar com a Globo no Esporte Espetacular. Nisso a gente ficou até o meio dia e trinta. Depois eu fui para o CDM e começaram as rodadas de vivo da frente do CDM e de lá foi basicamente falando da movimentação.

ONEIDE: Que eram filas e filas de gente lá.

JULIANA: Muita gente, muita gente desesperada.

ONEIDE: Tinha gente que desmaiava na fila. Eles montaram uns postos de saúde com água que era muito quente.

JULIANA: A gente fez entradas ao vivo pedindo que as pessoas doassem água, medicamentos. No CDM, eu fazia muita entrada ao vivo pra Globo News, muitas também pra Globo e Globo Notícia. A RBS TV estava com um programa especial ancorado por Porto Alegre e comigo ao vivo daqui. E essa comunicação era feita por telefone celular. Eu desligava uma ligação para entrar com outra. Teve um momento que a gente ficou num impasse porque era a Globo News e a RBS. Eu estava plugada com a RBS e a Globo News no celular:

- Não desliga, tu vais entrar.

- Gente, eu tenho que entrar pra Porto Alegre.

- Não, tu vais entrar pra gente.

- Sou só uma repórter. Vocês decidam, não sou eu quem vou decidir isso aqui.

Aí eu desliguei o telefone e entrei para a RBS. Depois na outra entrada ele disse:

- Tu não desligas mais o telefone.

- Olha, tu não sabes o que a gente está passando aqui.

Foi direto. Globo Notícia, depois [Domingão do] Faustão e era assim. Não tinha tempo para tomar água entre uma entrada e outra. E sempre com aquele problema da falta de informação. A gente tinha que entrar muitas vezes ao vivo, o que, de certa forma, é compreensível porque só se falava naquilo. Todo mundo queria algum tipo de informação, mas a gente não tinha informações novas para passar. Então eu sempre recuperava as informações que eu já tinha dado, salientava que algumas não eram confirmadas e mostrava o que estava acontecendo ali naquele momento: tem fila dos familiares para tentar reconhecer os corpos; todos já foram reconhecidos; um ainda não foi reconhecido. A gente foi jogando com várias informações daquela descrição do ambiental e o que as autoridades iam falando. Às vezes nos passavam informações equivocadas também. Número de mortos: primeiro se divulgou 245 [vítimas], depois baixou para 231. Essa foi uma informação que foi passada na coletiva de imprensa. Depois eles justificaram que tinham contado alguns nomes a mais. No "ao vivo" a gente tem que sempre salientar:

não é confirmado ainda. E ter muito bom senso também porque são muitos boatos na hora. O próprio número de mortos: a gente sabia, informalmente, que eram 120 porque uma pessoa saiu lá da frente, um político, e nos disse que tinha uma parede de corpos que parecia uma parede de sacos de arroz na saída do banheiro. Parecia um monte de sacos de arroz e eram corpos.

ONEIDE: E essa foto que o cara me mostrou.

JULIANA: Então a gente sabia que chegaria provavelmente aos 120 [mortos], mas a gente optou por um bom senso muito rápido, sem muito tempo para pensar, que não iria divulgar aquilo, poderia gerar muito pânico numa hora que não se tinha quase informação.

As principais dificuldades

JULIANA: No primeiro dia, eu acho que trabalhei todo em estado de choque porque várias pessoas me contam que conversaram comigo e eu não lembro que conversei com aquela pessoa. Não lembro nem sequer de ter visto. Eu acho que quando tu entras em um estado de choque, acho que, por um lado, me ajudou, porque eu não sei como eu fiquei calma. Eu acho que era tanto volume de trabalho que eu não consegui pensar, ter a dimensão do que estava acontecendo e, dessa forma, eu não me emocionei, digamos assim, no domingo porque era muito trabalho. Eu não pensava que eram tantos mortos e que essas pessoas tinham família e tinham vida, eu não tinha essa dimensão. Só pensava que eu tinha que trabalhar. Então, por um lado, esse choque eu acho que me ajudou, porque se eu tivesse essa dimensão, se eu começasse a pensar em todas estas pessoas, eu acho que eu iria desabar. Eu acho que eu desabei realmente foi na missa de sétimo dia. Ali foi horrível, um dos piores momentos pra eu trabalhar foi naquela missa porque todo mundo já tinha dimensão, já tinha aquele sofrimento de uma semana, a gente já conhecia os pais de tanto que a gente entrevistava e convivia no mesmo ambiente, CDM, frente do [Hopital de] Caridade, boate. Então a gente já tinha uma relação com aqueles pais. Teve uma das entradas que eu engasguei e encerrei porque eu ia chorar no ar. Então, pra mim, o pior foi a missa, mas a dificuldade eu acho que é realmente tu conseguir separar essa parte emocional. No domingo, eu não me abalei, mas segunda, terça, tu vais pensando. Eu enxerguei a Carina, uma das mães, chorando na frente da boate, e ela gritava assim:

- A minha filha queria ser cientista social para acabar com as desigualdades, lutar pelos direitos humanos e agora ela está morta dentro da boate.

Aquela entrevista acabou comigo. Ali eu decidi que eu não ia mais assistir reportagem e não ia assistir entrevista porque eu estava só no "ao vivo". Então trabalhava das cinco e pouco da manhã até às cinco e pouco da tarde. Não ficava na redação. Só ficava no "ao vivo". Então muita reportagem eu não vi e não li jornal também. Essas reportagens de perfil eu não lia.

Só lia a parte policial porque aquilo me abalava muito. Foi uma forma de defesa não saber a história de vida das pessoas. Mas, mesmo assim, naquele contato diário é muito difícil de não se emocionar. E a dificuldade de não ter informação, dificuldade de apurar informação, por que, normalmente, a gente recorre a quem? A gente recorre às autoridades, a gente recorre à Brigada [Militar], Defesa Civil, Polícia e, nessa situação, ninguém tinha nada para dizer. A única coisa que eles tinham para dizer eram informações vagas porque eles também estavam investigando ao mesmo tempo em que a gente. Não tinham muita coisa para dizer e a gente tem aquela urgência, aquela necessidade de entrar ao vivo e dizer alguma coisa para o telespectador. Então eu acho que são esses dois pontos: tu trabalhares em um ambiente que é o caos, que é cena de guerra, ter que conseguir informação de alguma forma e ter que falar com as pessoas que estão chorando desesperadamente. Tu tens que tentar conversar com elas porque tu também não podes sentar e ficar esperando o mundo se resolver.

ONEIDE: Eu lembro que na chegada [em frente à boate] eu não sabia que tinha morrido bastante gente. Eu liguei pra Silvana [esposa], que tem umas vizinhas que moram no prédio e elas eram do curso da Veterinária, onde morreu bastante gente. Eu disse:

- Silvana, bate no apartamento das gurias.

- Por que eu vou bater no apartamento das gurias?

- Bate lá e depois me diz se as gurias estão em casa ou não. Deu um incêndio aqui na Kiss e morreu muita gente.

As gurias faziam churrasco no salão do condomínio pra depois ir pra boate e as meninas não foram. Eu lembro que eu liguei lá pra casa, liguei pro meu sobrinho, liguei pro Cláudio, liguei pro Airton [colegas de trabalho com filhos jovens]. Tem horas que não tem como tu não te emocionares, mas tu tens que dar aquela segurada, respirar e tocar de novo, porque a função da gente é essa. A partir do momento que se torna público, as pessoas querem ligar a TV e querem saber a informação. Se a TV ficasse 24 horas dando [a cobertura da] Kiss, seriam 24 horas as pessoas ligadas porque tinha um monte de informações e as pessoas queriam saber. E a gente não podia fraquejar em uma hora dessas. A gente é ser humano também, a gente se emociona, a gente dá aquela choradinha escondida.

As experiências anteriores

ONEIDE: Nessa vida de cinegrafista eu tive vários momentos que tu tens que ser forte. Um foi quando teve aquela chacina da Lorenzi [em que seis jovens foram mortos em janeiro de 2001 em Santa Maria]. A gente estava fazendo uma pauta de virada de ano. A gente estava no calçadão e alguém ligou pra gente:

- Parece que teve um crime na Vila Lorenzi. Parece que teve cinco mortos.

Fomos ver o que era, multidão de gente também, muita informação desencontrada. Ninguém podia entrar que estava isolada a área. O delegado de polícia disse:

- Oneide, te deixo entrar porque não tem fotógrafo aqui no momento e eu preciso das imagens pra gente incluir no laudo da perícia.

Liguei e o Júlio [Cargnino, coordenador de telejornalismo da época] atendeu.

- Tudo bem, pode fazer.

Eu tive que fazer detalhes de todos os corpos. Depois, eu soube que a menina que morreu estava grávida, não sei se era de quatro meses, cinco meses. Tudo isso vai te dando mais bagagem para saber lidar com essa parte emocional. Depois de vários acidentes que a gente fez e cobertura de incêndios, mas nada tão forte como a Kiss.

JULIANA: Eu acho que em situações de crimes, de situações tensas, tenho a vantagem de permanecer calma. Depois da Kiss eu comecei a lembrar de outras situações. Em 2009, teve um conflito na desocupação de uma fazenda que estava ocupada pelo MST. Eles iriam sair da fazenda e eu estava como "abelha", como cinegrafista e como repórter. Estava tudo tranquilo e, de uma hora para a outra, começou um conflito e, como eu estava de cinegrafista, eu gravei esse conflito [o sem-terra Elton Brum da Silva, de 44 anos, morreu durante o conflito]. No mesmo ano, teve a gripe A em São Gabriel, era a primeira vez que tinha aparecido a doença e já tinha morrido gente. Eram muitas entradas ao vivo, no RBS Notícias, no JA [Jornal do Almoço], foram várias entradas pra Globo News. Depois teve a queda da ponte [na RSC 287 em Agudo em janeiro de 2010]. Eu estava voltando de férias. Voltei às dez da manhã. A uma da tarde eu fui pra Agudo e fiquei dois dias lá. Era uma situação muito dramática porque cinco pessoas tinham morrido e tinha aquele desespero dos pais na beira do rio esperando o resgate e acompanhando o trabalho. Então foi uma situação bem difícil e eu fiquei meses fazendo matérias de lá. E depois da queda da ponte, a Kiss. Eu acho que, de alguma forma, esses fatos trágicos me prepararam. Claro que a Kiss, eu acho que nem um repórter com 30, 40 anos de experiência estaria pronto pra trabalhar em uma situação da Kiss. Mas eu acho que, de alguma forma, essa experiência me ajudou a me deixar mais calma, talvez de ter o jeito para chegar às pessoas em uma situação tão triste.

ONEIDE: E ajuda a controlar o lado emocional.

JULIANA: Eu acho que isso serviu de experiência, mas ninguém nunca está preparado para uma situação dessas.

O trabalho de equipe

JULIANA: Eu acho que o trabalho de equipe é fundamental porque naquela hora a gente trabalha realmente junto. Eu estava conversando com

as pessoas e o Oneide tinha descoberto que, não sei quem, tinha um vídeo da hora do incêndio. Daí, o Eduardo já me passou o que ele tinha. O [cinegrafista Manoel] Vicente também já passou uma ideia. Então, numa hora em que tu não tens informação, todo mundo trabalha pra pegar essa informação. Nas próprias entradas ao vivo, que, às vezes, eu não tinha tempo nem de saber quem eu ia entrevistar, porque a produtora só me fazia um sinal e eu olhava para o lado e chamava a pessoa sem saber quem era. Duas pessoas eu entrevistei sem saber quem eram. Eu perguntei qual era o envolvimento delas na tragédia porque eu não tinha a menor ideia. Mas, nesses intervalos, o Vicente que estava comigo ia dizendo:

- Parece que terminaram de identificar [os corpos].

Como eu não podia sair do vivo, a produtora, a Mariana de Porto Alegre, Mariana Soares, ia atrás de informação. Então todo mundo trabalha junto para conseguir o máximo de informação. Trabalho em equipe é fundamental. Não existe aquela coisa: o cinegrafista só vai cuidar da imagem, o repórter só vai cuidar de apurar a informação. Acho que nem no dia a dia não é assim, mas em uma situação de tragédia a equipe fica ainda mais importante.

ONEIDE: Há uma sintonia entre cinegrafista, repórter e produtora, no caso que a gente tinha ali. Funciona e isso ajuda bastante porque, às vezes, tem coisas que a repórter enxerga e eu não consigo visualizar fora do meu campo, tem coisas que eu estou enxergando e ela não está vendo, está nas costas dela ou está do lado dela. Se a pessoa está focada no que está fazendo, facilita mais pra todo mundo e um trabalho árduo, por exemplo, fica um pouco mais leve.

JULIANA: Teve uma entrada ao vivo que a gente ia entrar pra dizer que a perícia estava trabalhando na boate e eu estava de costas pra boate e um pouquinho antes o Oneide me avisou:

- Estão saindo.

O que eu iria falar, já mudei:

- E a perícia, como a gente pode ver...

Já virei pra trás pra dizer que estavam saindo. Se não tivesse o Oneide, como eu estava de costas, eu iria dizer que estavam trabalhando lá dentro. Então isso mostra bem o trabalho em equipe.

As mudanças após a tragédia

ONEIDE: Eu acho que isso que aconteceu tem que servir de lição. Mas eu acho que a gente consegue, com tudo isso, ser mais humano. Às vezes, a gente perde o controle por algumas coisas que são bobagens. Tu vês que a vida é tão curta. Então tem que ser maleável, tem que ser mais humano. Eu acho que Santa Maria não vai ser mais a mesma, até pelo comportamento das pessoas. Então as pessoas devem se envolver mais com as coisas da sociedade,

do próprio bairro que a gente mora, da própria rua que a gente mora, do próprio condomínio que tu moras, da própria casa que tu moras. Pelo menos eu acho que, na minha concepção de ver as coisas, mudou bastante. Espero que não aconteçam outras dessas [tragédias] no mundo.

JULIANA: Pensando como profissional, eu acho que eu descobri uma capacidade que eu não sabia que tinha. Eu acho que em uma situação de perigo, de tragédia, a gente aprende a superar os próprios limites mesmo porque se alguém me dissesse assim:

- Tu consegues ficar um dia inteiro ao vivo, das dez e meia da manhã às sete da noite?

- Não, imagina. Jamais eu vou conseguir fazer isso.

E eu acho que, em uma situação assim, a gente puxa forças, não sei de onde, e tem aquele objetivo de fazer o melhor pra hora, o melhor dentro do possível. A gente olhando as participações, eu fico pensando assim, meu Deus, que ruim isso, mas na hora era o que deu pra fazer. Então a Kiss me ensinou que a gente tem capacidade de fazer as coisas em uma situação de puro extremo, a gente encontra forças. E pra vida pessoal eu mudei completamente a minha ideia de valorizar a família, de valorizar as pessoas que estão ao meu lado, simplesmente porque a tragédia mostrou que daqui a dez minutos tu podes não ter a pessoa do teu lado. Isso mudou, passei a valorizar mais a minha família, passei a rever prioridades. Hoje eu tenho a Maria Gabriela [filha], eu valorizo mais o tempo em casa com ela. Não só o tempo, a qualidade do tempo, eu valorizo meus amigos, as pessoas que estão ao redor. Eu passei a agradecer muito. Às vezes eu me pego durante o dia, minha vida está tão boa, eu estou tão feliz, vou agradecer. Vou rezar e vou agradecer porque eu tenho tudo que eu preciso. Então isso, com certeza, foi a tragédia. É triste pensar que tudo isso precisou acontecer para eu mudar certos valores, mas isso eu mudei completamente, porque a gente não sabe se vai estar vivo amanhã. Não adiar a felicidade, não deixar para fazer amanhã, eu não sei se eu vou estar amanhã.

As mudanças nas festas após a tragédia

JULIANA: Eu acho que só nos primeiros meses [aconteceu a mudança]. Agora eu acho que voltou tudo a ser como era antes. Logo depois da tragédia, teve aquele boom de fiscalização em boates. Fecharam boates em todo o país. E agora, eu tenho a sensação de que está tudo igual. Até uma amiga compartilhou no Facebook uma foto de uma festa em Santa Cruz [do Sul]. Ela fez a foto justamente porque lembrou da Kiss: era toda a festa fechada com pano, as pessoas fumando dentro e uma pessoa encostada na outra, era muito cheio. Quando eu vi aquilo, pensei:

- Meu Deus do céu! É a Kiss e vai acontecer tudo de novo. O que precisa acontecer para mudar essa postura?

Claro que é uma questão de fiscalização, mas não é só fiscalização, não é só autoridade, eu acho que é consciência da pessoa. Eu acho que hoje os pais [das vítimas] são, muitas vezes, vistos como um estorvo, como pessoas que todo dia 27, lá vêm eles lembrar de novo dessa tragédia. Eles contam que são discriminados, que acham eles incomodam. Na verdade, todo mundo tinha que dar apoio pra que isso não acontecesse mais. Eu acho que voltou tudo que era antes. Nas formaturas, o meu marido tem uma produtora de vídeos e muito antes da exigência ele começou a colocar pulseiras para controlar [a lotação]. Vocês não imaginam o que ele ouve nas entradas das formaturas porque esgota a lotação, acabam as pulseiras e ninguém mais entra. As pessoas não aceitam que os lugares têm que ter uma lotação e que esta lotação tem que ser respeitada. Aqui em Santa Maria isso jamais poderia acontecer. As pessoas tinham que ter essa consciência.

O papel da imprensa para evitar novas tragédias

ONEIDE: Eu acho que isso é uma bandeira que a gente vai carregar para o resto da vida, orientando que as pessoas têm que se ajudar. Tem que ter envolvimento da sociedade. Se todo mundo virar as costas, vai acontecer outra tragédia novamente. As pessoas tem que se envolver, não tem essa de que "não é comigo", é contigo sim. O papel da imprensa entraria na cobrança de quem deve ser cobrado, das autoridades que têm o poder de fiscalizar.
JULIANA: Eu acho que é nosso papel não deixar que essa tragédia seja esquecida, mas não com o intuito que algumas pessoas falam: ficar explorando esse assunto. Com o objetivo de lembrar: isso aconteceu, não pode acontecer mais, as pessoas foram punidas, não foram, como está o processo. No início, se tem muita informação, agora a gente fica um pouco restrito ao andamento do processo. A gente acompanha todo o processo, qualquer novidade a gente dá, mas eu acho que é nosso papel também, de repente voltar a fazer reportagens na noite em Santa Maria, ver se o pessoal está voltando a ser um pouco consciente ou se já voltou a ser tudo como era. Eu acho que a imprensa tem o papel de lembrar sim dessa tragédia com esse objetivo de conscientizar e cobrar atitudes de responsáveis por essa fiscalização se for o caso. Eu acho que é papel do jornalismo.

Mensagem para os futuros jornalistas

JULIANA: Quem vai entrar para o jornalismo tem que aprender a ser uma pessoa calma. Por mais que o mundo esteja caindo, tem que tentar ser calmo, mas eu acho que não pode também se deixar embrutecer pela profissão porque é muito fácil a gente começar a ter uma visão um pouco automática. O jornalismo passa pela visão do repórter, ele está falando da vida das pessoas, ele não está falando de números, ele tem que saber que 242 pessoas morreram e essas pessoas têm vida, têm pai, têm mãe, têm amigos. Então eu

acho que não dá pra deixar a profissão tirar a sensibilidade do repórter. Eu acho que esse é o exercício principal: não perder a sensibilidade pra ver as coisas, pra falar com as pessoas.

ONEIDE: Eu participei uma vez de um Uniglobo [curso para profissionais da Rede Globo] e o Pedro Bial deu uma palestra pra gente. Perguntaram:

- Bial, você que cobriu várias guerras, o que te fez estar vivo até hoje?

- Uma coisa muito importante é você ter calma e ter medo. Se você não tem medo, vai para o fronte. E do que adianta ir para o fronte? Você é atingido e não conta a história, acaba encurtando a história.

Eu pensei em entrar na boate. Então se não tem alguma coisa que te freia... É aquela velha história: conta até cinco. Se achar que está errado conta até dez. Tem coisas que tu tens que centrar, focar naquilo que tu estás fazendo, respeitar as pessoas, ter calma e sempre saber que do teu lado tem um ser humano. Eu sempre digo quando eu vou fazer algum tipo de matéria, que eles sabem que está complicado pra gente interagir com a pessoa:

- Passa para o lado dele. Assume a dor que ele está sentindo que ele vai acabar te contando.

Geralmente, quando chamam a gente, imaginam que vamos resolver o problema. Eu sempre digo: nós que trabalhamos na imprensa, nós somos a voz do povo, porque o João lá do bairro, dificilmente ele vai chegar ao gabinete do prefeito e vai entrar. A gente consegue entrar em todos os lugares, então a gente é a voz do povo, mas a gente tem que saber que o cara que está ali, ele está com problema, tu tens que conversar com ele, tu tens que interagir com ele e você vai construir uma grande matéria.

JULIANA: Importante saber ouvir porque às vezes um repórter chega a um lugar e só quer perguntar. Tem que saber ouvir.

Alcides Henrique Zappe

Formado em Comunicação Social pela UFSM (1981), o publicitário e radialista Alcides Henrique Zappe, 68 anos, atuou na cobertura como repórter pela Rádio Imembuí – AM. Zappe é diretor-superintendente da Rádio Imembuí desde 1997

As primeiras informações

Foi uma coisa estranha. Parecem aquelas coisas que a gente não consegue compreender. Normalmente, no fim de semana eu vou para fora. Ali na Boca do Monte [distrito de Santo Antão] e lá é horrível o sinal [de telefone celular]. Até botei uma antena externa, mas era horrível. Sábado pra domingo. Três e meia da madrugada, quatro horas, o que não deveria acontecer e não sei como aconteceu: tocou o telefone. Normalmente, eu deixava comigo, botava na janela, que, em alguns pontos distantes da casa, tinha um sinal razoável e lá na entrada da chácara, na porteira, era melhor. Lá que eu conseguia fazer as ligações quando estava lá fora. Três e meia. Toca o telefone na parte de cima da casa. Era a Márcia Elisa, que é minha sobrinha e me chama de padrinho:

- Padrinho, padrinho, está aí fora?

- Estou!

- Tentei ligar para o Cláudio, meu pai, não consegui.

- Que houve Márcia?

- Deu uma tragédia!

E caiu o sinal. Será que deu alguma coisa na praia? [parte da família estava na praia na época]. Levantei, apavorado, fui à porteira, deu um sinalzinho e tentei ligar para o Cláudio [Zappe, diretor-presidente da rádio Imembuí] e não atendeu. Retornei para ela, não atendeu. O que será que houve? Lembrei: será que é alguma coisa em Santa Maria? Pode ser que seja em Santa Maria. Liguei para os bombeiros. Eram quatro horas da madrugada.

- Aconteceu alguma coisa em Santa Maria? Uma afilhada ligou da praia que houve uma tragédia. Não sei se foi lá, estou preocupado, ou em Santa Maria?

- Houve. Incendiou a Boate Kiss e já tem 30 mortos no estacionamento do Carrefour [supermercado em frente à boate].

Arrumei-me à bala e vim para a cidade. Cheguei aqui eram umas quatro e meia, quinze para as cinco [da manhã]. Chamei o Jorge, técnico, e botamos a rádio no ar. Foi assim que eu fiquei sabendo. Por esse motivo a rádio entrou mais cedo [no ar]. Já estava aqui na rádio o Schmidtão [radialista Fernando Adão Schmidt]. Já haviam ligado para ele também. A rádio entrou no ar às cinco e meia [da manhã]. Todo mundo se integrou e a cobertura não parou mais.

A chegada ao local da tragédia

Quando eu cheguei lá, estava aquela loucura. Já haviam feito inclusive um isolamento. A rádio já estava no ar transmitindo, o Schmidtão já estava aqui e basicamente [buscando] quantos haviam falecido, tinha 30 [vítimas] no estacionamento [do supermercado]. E a rádio sempre tem uma preocupação muito grande com essa questão de dar a notícia para não revelar nomes e a quantidade também era uma coisa que [estava] só na expectativa. Por volta das sete horas da manhã, o Vargas [tenente-coronel João Ricardo Vargas, vereador e ex-comandante do BOE, Batalhão de Operações Especiais] entrou lá e me falou no ouvido:

-Alcides, passa de cem [mortos] com certeza. Eu entrei nos banheiros e fiquei impressionado. Tem pilhas de jovens, do chão até o teto, amontoados, mortos. Passa de cem.

Aí passei a revelar. Já estavam várias rádios em rede conosco. A gente passou a transmitir de forma ininterrupta. Quem é que vai chegar? Vem governador? Como é que estão os bombeiros? Houve falta de atendimento? Dali um pouquinho chegaram os caminhões baús da Brigada [Militar] e da Base Aérea para retirar os jovens de lá. Eu contei 80 [vítimas]. Eu estava uns 30 metros longe da porta de entrada que eles isolaram. Um pegava pelas mãos e outro pelos pés e levavam pra dentro daqueles baús.

Tinha que botar a rádio no ginásio [Centro Desportivo Municipal, local para onde os corpos foram levados]. O major [Cleberson] Bastianello passou a comandar as informações em coletivas, da quantidade e dos nomes, da lista dos nomes que nunca saía. Já tinha nome por aí, mas a gente não dava. Ele [o major] começou a dizer que passava de 150 vítimas e foi indo. Pelas duas da tarde, uma senhora aqui da Tancredo [bairro Tancredo Neves] foi chamada para identificar. Ela estava sozinha e me conhecia.

- Tu entras comigo lá?

- Entro.

Entrei naquele primeiro anexo, ali eu tinha contado duzentos [corpos]. Todos enfileirados. Já tinham levado todos os corpos para lá. As meninas em uma fila e os meninos em outra fila. Aí vem a listagem oficial. Primeiro vieram outras listas que não fechavam, quantidade menor, repetiam nomes... Eles tiveram dificuldades em identificar o nome das pessoas. E a rádio ficou transmitindo todo o dia. Começaram a entrar várias rádios em rede conosco. Foram umas 20 rádios que entraram em rede conosco e muitas, que não entraram em rede, pediam boletim. Foi um trabalho bem intenso.

As prioridades da cobertura

A prioridade no início era saber quantos tinham falecido e depois - que a gente demorou para dar, inclusive, já tinha saído alguma coisa extra oficial - foi o nome dos que morreram. Nós só fomos dar a listagem oficial quando saiu às quatro e meia, cinco horas [da tarde]. Até lá não divulgamos nenhum nome. Essas foram algumas das preocupações da rádio.

A dificuldade de narrar uma tragédia

No início eu me imaginava como pai, avô, se tivesse alguém lá da família, porque também tem jovens na família, vários jovens e uns frequentadores de lá. Inclusive a minha filha que frequentava. Não sei se estava na cidade, sei que [a filha] não foi. Mas, no decorrer do tempo, a família foi se contatando, não teria ninguém falecido ligado diretamente por laços sanguíneos. Pra mim já foi um alívio. A dificuldade mesmo era a falta de informações, que, às vezes, vinham de uma forma oficial, pra dar uma informação segura. Senão tu tinhas que pegar alguém e provocar uma entrevista senão tu não tinhas [informação]. A gente ficava repetindo, muitas vezes, as coisas que a gente sabia para poder segurar [a cobertura]. Ligavam muito pra rádio. Os familiares ligavam e muitas dessas ligações entravam no ar, foram mantendo a transmissão no ar.

A lição deixada pela tragédia

Eu sempre me preocupei, sempre foi uma coisa que ficou enfatizada e valorizada que é a questão de ficar sempre antenado. Se eu estivesse na cidade,

o que iria acontecer? Um barulhão na cidade, duas e meia [da madrugada] estaria em Santa Maria, estaria ouvindo a sirene e a rádio entraria no ar. Então isso, que mais uma vez entendo, que, no nosso meio, se tu não estás ligado, tu não consegues fazer as coisas andarem. Infelizmente, a rádio não entrou no ar mais cedo porque eu não estava na cidade. Se eu estivesse, a rádio entraria no ar porque eu moro lá perto, moro no Itararé, tinha ouvido o movimento. Tu imaginas nessa ocasião: jornalismo é assim, se tu não tens gente antenada e comprometida, perde ponto. Vocês, que são jornalistas, têm que estar antenados e bem informados. Pra ficar bom, tu tens que estar mudando.

As mudanças depois da tragédia

O que mudou é a cidade. A cidade ficou sentida, ainda vai demorar para mudar isso. Ainda continua menos, mas continua e vai continuar mais tempo. Esses ambientes de muito movimento eu não frequento, não sei te dizer, mas, pela percepção, acho que diminuiu bastante, diminuiu bastante nos primeiros meses. Acho que já começou a voltar, sem essa mesma preocupação de segurança, de zelar. Acho que começaram já a esquecer os jovens. Preservaram-se no início, já está começando de novo a ficar bem frequentado, por informações, pelo sentimento, não de que eu tenha conhecimento.

Todo mundo sentiu e, além de tudo, a cobrança muito grande da associação dos pais ajuda a manter viva essa ferida, porque se não fosse a associação cobrar, essas manifestações todas, a cada mês, cada aniversário, a cidade já teria arrefecido um pouco. E ela não se arrefeceu mais, primeiro porque são atuantes [as associações] e, enquanto não tiver um julgamento final, vai continuar. Pelas entidades e mais também a cidade se ressentiu porque todo pai sentiu, mesmo que não tivesse um filho perdido, por isso que ela [a cidade] se abalou, eu acho.

O trabalho da imprensa

O que eu acho que a imprensa não deve tentar, como foram feitas algumas campanhas, no sentido de motivar a cidade. Por que regrar sentimento, eu não imagino isso. Acho que não dá pra criar norma de fazer a cidade se erguer, a autoestima melhorar.

Eu acho que a própria lei está mais rigorosa. Lugares e grandes ambientes de concentração ela [a lei] é bem mais exigente do que era. E a questão da fiscalização. Então a imprensa bateu nisso. Até essa lei nova [lei Kiss] que aconteceu foi por parte dessa tragédia. Eu acho que [a imprensa] ajudou e pode continuar ajudando falando disso ainda. Quando têm essas audiências, [na justiça] a rádio tem acompanhado.

Mensagem para os futuros jornalistas

Pra nós do interior tem que ser um jornalista bem versátil, isto é, para quem vai para o microfone, além de ter um bom conteúdo, tem que ter certa dicção, certa entonação da voz, certa melodia na voz, porque o rádio exige um pouco isso, não tanto. E fazer as coisas de forma profissional. Quem utiliza o rádio tem que ter esses macetes e saber entonar a voz, a melodia, dar o tom, afinação. Infelizmente, isso não faz a faculdade. Então tem que procurar aprender a ouvir as rádios que fazem isso. Para o rádio e, no geral, para o interior tem que ser meio versátil e ser comprometido, muito atualizado, sério, ter muita confiança. Acho que o jornalista exige um pouco disso pra ficar o mais isento possível. Até por uma expressão que tu usas, em uma brincadeira, tu já vais perdendo um pouco da tua independência, da tua credibilidade. Então para um jornalista que é reconhecido, acho que se mantém muito discreto, não se abre muito, para facilitar sua independência. Acho que o jornalista tem que ser assim: discreto e muito atualizado. E, no interior, tem que ser mais ou menos versátil. Em rádio tem essas coisas de saber colocar um pouco a voz. Não é tudo. Já foi muito mais antes. Quem não tinha voz não trabalhava.

Ananda Müller

Formada pela UFSM (2012), Ananda Müller, 30 anos, trabalhou na cobertura da tragédia pela Rádio Gaúcha de Santa Maria. Desde 2014, Ananda atua na Rádio Guaíba em Porto Alegre

As primeiras informações

ANANDA: Na época, obviamente eu ainda morava em Santa Maria e, por coincidência, eu morava no centro, na [rua] André Marques, a uma quadra da boate. Apesar da proximidade, eu não ouvi nada, em um primeiro momento. Eu estava dormindo, eu acho que como todo mundo que não tinha saído e o telefone começou a tocar, só que como eu tinha combinado, é muito bizarro isso, com os amigos de sair naquela noite, eu pensei: é o pessoal ligando, perguntando por que eu não fui. Não vou atender. Algumas ligações se sucederam e, no meio do sono, você não pensa que é alguém querendo te avisar para uma pauta às quatro da manhã, alguém resolveu mandar uma mensagem de texto, e essa mensagem de texto dizia exatamente isso: Fogo na Kiss, parece que tem mortos. A partir dessa mensagem, eu peguei a primeira roupa que tinha pela frente, que eu tinha usado na pauta anterior - eu cheguei em casa por volta da meia-noite e meia porque eu tinha ido cobrir a escolha da rainha do carnaval de Santa Maria daquele ano - então eu peguei a mesma roupa que eu tinha usado nesse evento e fui. Subi a [rua dos] Andradas e quando eu saí no portão de casa, eu já vi as pessoas correndo,

polícia, e tudo o mais, mas foi, na prática mesmo, através de uma mensagem de texto que o nosso, na época, jovem aprendiz, mandou para a gente.

A situação em frente à boate

ANANDA: [Fui] uma das primeiras pessoas da imprensa [a chegar ao local], porque já tinha muita gente, tinha polícia, tinha bombeiros, tinha alguns curiosos e quando eu cheguei não estava isolada a área na frente da boate ainda. Eles tinham isolado a entrada, ali pela [rua] André Marques e pela [avenida] Rio Branco, para não descer carro, enfim, a polícia estava fazendo um cordão de isolamento, mas isso nas entradas da rua, na quadra. Na frente da boate estava tudo ainda aberto, a gente conseguia ficar na frente, quando eu cheguei lá tinha ainda fumaça saindo, tanto que, quando eu entrei [ao vivo] a primeira vez, na época ainda pela Rádio Gaúcha, a primeira entrada, se eu não me engano, foi por volta das cinco da manhã, eu não tenho bem certeza do horário, eu lembro que o rapaz, o Paulo Rocha me perguntou:

- Mas Ananda, o que você está vendo, o que tem?

Eu disse:

- Olha, eu acho que ainda tem fogo lá dentro.

[Uma] coisa que depois a gente pode perceber, pelos relatos dos socorristas, que não era verdade. Mas muita fumaça saía lá de dentro, e a gente, em um primeiro momento, não tinha como ter certeza, se aquilo de fato ainda era fogo, se aquilo era fumaça do fogo apagado, mas a impressão que dava, de fora, era de que havia chamas ainda. O cenário era de gente desorientada, os bombeiros, eles pareciam obviamente em pânico, porque ninguém está preparado para isso, tinha sobreviventes ainda ali na frente, muitas pessoas que conseguiram sair em um primeiro momento e que ainda estavam por ali. Eu acho que a coisa mais chocante de todas... eu cheguei e fiquei exatamente em frente da saída do estacionamento do Carrefour, que dá na porta da boate, e eu parei ali - até para não atrapalhar o trabalho de quem estava fazendo o socorro, o resgate. Parei e liguei para a central da Rádio Gaúcha. Eu disse:

- Olha, estou aqui, mas não tem ninguém ainda para falar conosco, está tudo muito incipiente.

- Tem mortos?

- Tem, mas eu não sei quantos.

Daí alguém passa, uma pessoa desconhecida me cutuca no ombro e diz:

- Estão ali.

Daí eu olho para o lado, na própria rampa de acesso ao estacionamento tinha alguns corpos estendidos com uma lona por cima. Eu tive que fazer uma coisa absurda, mas eu contei quantas cabeças eu consegui identificar, naquele momento não era nem jornalisticamente, era mais pelo pânico que a

gente tinha: meu Deus, tem muita gente morrendo. No primeiro momento eu contei sete pessoas mortas, e eu falei:

- Eu acho que tem sete mortos.

E passou outra pessoa desconhecida:

- Não! Ali tem mais.

Eu olho para o outro lado e tinha mais outra rampa, com mais gente e mais lona, tinha mais dez pessoas ali. Foram as primeiras 17 pessoas que foram tiradas, já sem vida, ou que acabaram morrendo ali na calçada mesmo, mas não tem como saber isso, foram as primeiras cenas que eu enxerguei ali. Foi chegar, fazer contato com a rádio e contar as pessoas que estavam ali no estacionamento do Carrefour. Não tem como a gente esquecer, e é muito nítido ainda, a fumaça saindo, a impressão que a gente tinha que o prédio podia até desabar, porque era chama, dava a impressão de que era chama.

A cobertura

ANANDA: A academia ou quem quer que seja não prepara para isso, não prepara mesmo, porque você tem muitas aulas de teorias da comunicação, de redação, mas ninguém vai te dizer: no momento em que uma boate pegar fogo e 242 pessoas morrerem você deve agir assim. Nesse momento, vai muito do instinto, e quando a gente fala em instinto a gente tem que pensar que isso varia muito de pessoa para pessoa. Muitos vão pensar: mas a ética? A questão da ética? Tem aula de ética na faculdade, você deve lembrar do que você aprendeu. Mas, no momento em que você se encontra em uma situação como essa, antes de qualquer coisa, você tem que pensar como um ser humano e se você for um ser humano que não se preocupa com o seu próximo, você não vai conseguir fazer um bom trabalho, independente de quantas cadeiras de ética você viu na faculdade. O que eu posso te dizer, com toda a franqueza e absoluta certeza, é que nas primeiras 24 horas, a gente trabalhou quase que de forma ininterrupta, em nenhum momento nos pediram para fazer qualquer coisa, simplesmente um relato do que vocês estão vendo. A gente tentou fazer isso da melhor maneira possível, dentro das condições que nós tínhamos. Eu fui parar lá na frente, sem saber o que estava acontecendo, eu não consegui voltar para casa ou ir para a rádio para pegar mais um celular, para pegar um smartphone que "twittasse", para qualquer coisa. Até porque em janeiro de 2013, em Santa Maria pelo menos, a gente ainda não tinha essa cultura de "twittar" tudo que vinha pela frente, botar no Facebook. Claro que isso já existia, a rádio, a TV, o jornal trabalham muito com isso, mas eu, particularmente, a nossa equipe não tinha o hábito de colocar tudo no Twitter, então o que a gente fez foi pegar um telefone e relatar o que a gente via. Muito do que a gente fez, foi permanecer na frente da boate. A gente dividiu depois a equipe, mais pessoas foram chegando, a

Viviana Fronza foi para o CDM, onde os corpos foram levados, eu fiquei ali, o Cristiano Magrini foi pra frente do Hospital de Caridade e até o Lucas Amorim que, na época, era o nosso operador e fazia faculdade, tinha curso de locutor, ele foi para a UPA, também ajudar, ou seja, muita gente que nem era de microfone, num primeiro momento, também nos ajudou.

Tudo isso para poder, o mais rápido possível, levar informação para as pessoas. As pessoas queriam informação, e, nesse momento, eu acho que é o primordial do jornalista levar esta informação para quem está pedindo e também o rádio é o veículo mais instantâneo e a gente acredita que fez esse nosso trabalho, a gente levou o mais rápido possível a informação que as pessoas estavam precisando naquele primeiro momento. O nosso trabalho nas primeiras 24 horas foi ininterrupto, a gente segurou [a cobertura] muitas horas até chegar reforço de Porto Alegre com uma equipe diminuta que nós tínhamos aqui em Santa Maria e foi sem parar, sem parar mesmo. Enquanto um entrava, o outro aguardava, pegava mais informações e assim a gente foi por horas, e horas e horas. E era um trabalho de repetição mesmo. A primeira pessoa que conversou comigo foi o delegado Marcelo Arigony, ele também estava dentro da boate ajudando naquele primeiro momento, quando ele saiu era por volta das seis da manhã, se eu não me engano, ele já nos deu esse panorama de que poderia ter até 120 mortos em uma primeira contagem que fizeram e a gente não acreditava, que isso não, isso é um exagero, eles devem estar impressionados, como nós estamos. Conforme o dia ia clareando e os trabalhos não cessavam, isso foi se tornando cada vez mais explícito. Acredito que, por volta de umas já oito da manhã, o tenente coronel [João Ricardo] Vargas saiu também de dentro da boate e disse:

- É uma cena de guerra, em "xx" anos que eu tenho de BOE eu nunca vi nada parecido e pode ter certeza que tem no mínimo mais de 180 mortos ali dentro.

Ali a gente começou a ter a dimensão da tragédia. Eu lembro que uma hora eu olhei para a Ana Bittencourt e eu disse:

- Ana, isso vai mudar a nossa vida.

Não no sentido jornalístico, no sentido população Santa Maria, população brasileira. Em um primeiro momento, a gente não tinha - isso eu te garanto, quem te disser ao contrário vai estar mentindo - a gente não tinha dimensão da tragédia. Ninguém tinha. Eu acho que a coisa começou a ficar mais explícita nesse momento quando os caminhões do exército, eu acho, começaram a tirar as pessoas lá de dentro. Ali a gente percebeu que o nosso trabalho não se encerraria ali ou no próximo dia de forma alguma e esse trabalho se seguiria assim por muito tempo, como segue até hoje, claro que agora um pouco menor, mas aquilo iria se estender e muito. No primeiro dia a gente passou se revezando entre a boate e o CDM, depois no outro dia teve

a questão dos enterros, o velório coletivo que ainda foi naquela madrugada, outra coisa absurda demais, imensurável o tamanho daquela dor, daquelas pessoas todas. E na semana seguinte foi basicamente isso: O que aconteceu? Quem fez? Quem são os culpados? Quem não são? Como vai o trabalho de investigação? Como estão os feridos? Começou a se suceder também o acompanhamento das pessoas que acabaram falecendo depois, porque no dia, se eu não me engano, foram 231 ou 233 mortos, e os outros falecimentos acabaram acontecendo no decorrer [dos dias], então teve mais esse trabalho de acompanhar as pessoas, que infelizmente ainda foram falecendo.

A primeira semana foi crucial, a gente não parou, a semana toda falando basicamente disso e todos tiveram que lidar com o seu próprio luto, claro que a gente não está comparando a dor da gente que trabalhou - seja como jornalista, como socorrista, como enfermeiro, médico - com a dor dos familiares e com a dor de quem sobreviveu, isso é incomparável e não é isso que eu estou fazendo. Mas a gente também sentiu aquilo, a gente também teve que lidar com aquilo e se fala muito em midiatização da tragédia, como vocês mesmo fizeram esse trabalho, eu acredito que sim, pode ter havido isso, mas, num primeiro momento, e eu falo do meu trabalho, isso não aconteceu, a gente não quis midiatizar nada, a gente simplesmente se deparou com uma situação de catástrofe e a gente precisava relatar isso para as pessoas, era a nossa missão naquele momento e a gente não podia se furtar disso também, e qualquer coisa que a gente fez não foi a pedido de um ou de outro, ou de qualquer chefia. Eu não tenho mais nenhuma ligação com a Gaúcha, poderia muito bem fazer um desserviço, dizer: ah, me pediram para falar isso, me pediram para focar nisso. Não, o que eu fiz, naquele momento, foi simplesmente relatar o que eu via e isso se seguiu nos próximos dias também, não houve qualquer espetacularização daquela tragédia, em um primeiro momento por parte do trabalho que a gente vinha fazendo. Nós simplesmente relatávamos o que nós víamos, o que nós acreditávamos ser o certo. Se houve qualquer excesso no que deveria ter sido feito de acordo com as teorias do jornalismo e da comunicação, foi simplesmente por um desvio emocional ou pessoal nosso, ninguém nos pediu para fazer nada, o que foi feito, acho bem importante ressaltar isso, foi feito com o coração, foi feito com a alma de quem estava ali, não tem como mensurar, porque eu falo por todos nós que estávamos lá naquele primeiro momento, todos sentimos a dor daquelas pessoas também. Pra mim, especificamente, e eu não posso falar pelos outros, foi muito difícil superar aquilo, muito difícil mesmo. Eu precisei de medicação controlada, depois das primeiras 24 horas eu fui parar no hospital, nem todos precisaram, mas não sou tão forte assim, acabei parando no pronto socorro da Unimed, porque foi demais, pra gente foi violento e, mais uma vez, isso mostra que ninguém está preparado. Mas, sendo um pouco mais sintética, a primeira semana foi basicamente de rescaldo da tragédia, de

muitas dúvidas e incertezas, porque a gente dependia do trabalho da perícia, para poder formalizar qualquer tipo de certeza sobre o próprio incêndio, foi de acompanhar o trabalho da polícia e acompanhar a evolução dos feridos e, é claro, infelizmente também alguns trabalhos referentes aos falecimentos que ainda aconteciam e que acabavam engrandecendo o número da tragédia.

As prioridades da cobertura

ANANDA: A minha prioridade era informar as pessoas, porque as pessoas, ali no local onde eu estava, elas me pediam o que estava acontecendo e muitas pessoas falavam também: eu preciso saber onde está o meu filho. A gente queria, de qualquer forma, informar para as pessoas onde estavam os filhos delas, e era difícil fazer isso, porque a gente precisava esperar que os corpos fossem retirados e que as famílias pudessem fazer essa identificação. Eu acho que o principal era alertar as pessoas que havia acontecido uma tragédia muito grande, imensurável. E, de certa forma, também era o nosso trabalho fazer um acompanhamento com as pessoas que não estavam dentro da boate, porque se você recebia, por exemplo, o relato de alguém: ah, eu estou bem, por exemplo, através de redes sociais, você poder passar isso adiante também era importante. Ou seja, a gente não estava trabalhando só para ajudar, de alguma forma, a informar as famílias que tinham perdido alguém, ou que poderiam ter algum ferido. Eu trabalhava também para acalmar as pessoas, eu lembro muito bem do relato do Cristiano [Magrini], do [Hospital de] Caridade que as pessoas se aglomeravam em frente do hospital e queriam saber se tinha alguém ali. Obviamente, se no hospital, a pessoa estava ferida é porque estava viva, era a principal notícia que se queria naquele momento: meu filho, meu amigo, meu namorado está vivo. E as pessoas pegavam bolsas, sapatos, qualquer coisa, paravam na frente do hospital e diziam:

- Olha, a dona desse sapato está aqui, está viva. Algum de vocês é parente desta pessoa?

Então a gente fazia também esse trabalho de dizer que no Hospital de Caridade estavam os feridos, para os familiares irem pra lá e verificar se tinha algum ferido. Na UPA a mesma coisa. Então a gente [repassava] também a informação de que muitas pessoas estavam sendo levadas para Porto Alegre, no HPS, pra outros hospitais aqui da capital, para as pessoas também serem informadas para onde estavam sendo conduzidos os feridos, para procurar os seus neste momento. Claro, aquele trabalho que a gente não queria fazer, mas tinha que fazer, informar as pessoas: se você sabe que o seu familiar estava na boate e ele não está em nenhum hospital, você precisa vir no CDM reconhecer o corpo. O nosso trabalho, inicialmente, foi o de ajudar, a nossa tentativa era informar o que estava acontecendo, porque sim, é o nosso dever como jornalistas e seria uma irresponsabilidade tamanha, você simplesmente fazer uma entrada de 30 segundos, na maior rádio do estado, que é a Rádio

Gaúcha, que eu estava trabalhando na época, e simplesmente dizer que teve um incêndio em Santa Maria, tem umas pessoas mortas e só isso. Isso seria uma irresponsabilidade, as pessoas querem ser informadas a esse respeito, elas têm o direito de ser informadas sobre isso. Então o nosso trabalho foi informar o que estava acontecendo, acompanhar o trabalho que estava sendo feito de resgate e também informar esse passo a passo, porque naquele momento ninguém tinha certeza do que estava acontecendo. Ninguém poderia afirmar que não teria mais uma pessoa viva lá dentro, nos primeiros momentos, nas primeiras horas, ninguém poderia fazer isso, seria uma irresponsabilidade. O meu trabalho foi basicamente esse, de informar as pessoas e tentar fazer isso da melhor maneira possível, ainda que não tivesse nenhum professor, nenhum teórico, ninguém para nos dizer: Ananda fala isso, ou fala aquilo. Como eu te falei no início, foi muito de feeling, trabalho de informar e, dentro do possível, levar algum conforto através da informação ... Precisa responder para as pessoas que nos ouviram, as dúvidas que elas têm agora, a respeito do que vai ser feito com a boate, o que vai ser feito com o Kiko [Spohr] e com o Mauro [Hoffmann], com o Luciano [Bonilha Leão] e com o Marcelo [de Jesus dos Santos], os quatro que foram presos em um primeiro momento. Passar para as pessoas também a questão que outros lugares estão em risco, como estão os locais em Santa Maria - muitos foram fechados depois da tragédia por questão de PPCI, de alvará. O nosso trabalho depois desse primeiro contato com a tragédia, as primeiras 24 horas, foi de verificar como estão os locais, o que fechou, o que não fechou, como vai seguir a investigação daqui para adiante ... e buscar muito nesse primeiro momento, respostas, que a própria sociedade obviamente queria e que tinha o direito de ser informada sobre isso.

As principais dificuldades

ANANDA: A principal dificuldade, obviamente, foi lidar com a morte, sem sombra de dúvida. Até como jornalista que trabalha com [editoria de] polícia ou que trabalha com [editoria de] geral, que vai acabar cobrindo algum acidente, algum assassinato, alguma coisa assim, você acaba, de certa forma - não se acostumando e nem se habituando - mas você passa, de certa forma, a encarar aquilo como parte do teu trabalho. Mas você não está preparado jamais para lidar com a morte, nunca é legal fazer uma pauta como essa. Mas quando você está diante de 242 mortes, de pessoas sendo retiradas de dentro de uma boate que pegou fogo e sendo colocadas dentro de um caminhão frigorífico para serem conduzidas a um ginásio, onde, curiosamente, havia sido feita a escolha da rainha do carnaval, que eu te falei no início, foi no mesmo CDM, se você fosse observar com cuidado, era possível encontrar serpentinas ainda certamente dentro do CDM, porque havia tido uma festa poucas horas antes naquele local. Como você se depara com a morte de uma

forma tão cruel, de uma forma tão vil, de uma forma tão ... volumosa, você não vai conseguir fazer o teu trabalho de uma forma decente, isso é impossível, nenhum policial, nenhum bombeiro que é treinado para isso vai conseguir. Você imagina uma quase foca, eu tinha um ano de formada, menos até, fazendo aquilo, sem qualquer tipo de preparo específico para lidar com situações como essa. A maior dificuldade, sem dúvida, foi lidar com a morte, foi lidar com o sentimento e a dor que aquela morte acabou levando para as pessoas, porque, de um lado você tinha os corpos, e de outro você tinha mães chorando, você tinha pais chorando, você tinha pessoas desmaiando, pessoas lidando com uma dor que a gente nunca vai conseguir dimensionar. Então eu acho que a pior parte, sem dúvida, sendo bem simplista, foi lidar com a dor e com a morte, eu acho que isso vai ser uma resposta quase que unânime. Eu não fui preparada para isso, por mais que a gente tenha um crescimento em que a morte faz parte, ela ainda é um tabu, e a morte em acidente é um tabu e não tem como a gente se livrar disso e naquele momento, com certeza, ver aquelas pessoas sem vida, foi o principal dificultador, digamos assim, do trabalho, pessoalmente pra mim.

Experiências anteriores

ANANDA: Não, nenhuma, nada, nada, absolutamente nada. Acredito que a última tragédia semelhante que a gente teve aqui no Rio Grande do Sul, semelhante eu digo em proporção no número de vítimas fatais, foi o acidente com o avião da TAM [em 2007, que saiu de Porto Alegre e colidiu contra um edifício da própria TAM em Congonhas], mas naquela época eu ainda nem fazia faculdade de jornalismo, estava muito longe do trabalho nas redações. Às vezes, a gente cobre algum acidente ou um homicídio, ou alguma coisa nesse sentido, mas nada nessas proporções, nada, absolutamente nada.

Momentos mais marcantes

ANANDA: Acho que todos os momentos foram muito difíceis, mas pra mim, um dos momentos em que eu quase desisti, faltaram as palavras, eu precisei que, na época o André Machado, que está na [Rede] Bandeirantes hoje, desse uma ajuda para o estúdio em Porto Alegre, foi no momento [em que] eles começaram a retirar os corpos e os caminhões foram deixando o local e eu lembro direitinho, que eu perguntei para um policial, aliás para um militar, um soldado:

- Quantas pessoas foram levadas neste primeiro caminhão?

- 67.

- O caminhão vai voltar?

Eu perguntei para ele, ele me disse que vai. Quando o caminhão encostou a segunda vez e partiu, eu perguntei para ele:

- O caminhão foi cheio?

- Foi.

- Vai voltar?

- Vai.

Ou seja, 140 vítimas fatais nós já tínhamos. Quando o caminhão voltou a terceira vez e partiu eu perguntei para ele:

- Pelo amor de Deus, esse caminhão vai voltar de novo?

- Vai.

Ou seja, 210 pessoas já tinham sido retiradas de lá de dentro. Quando esse terceiro caminhão foi e voltou para fazer a quarta viagem, por algum motivo, que a gente não sabe, os bombeiros liberaram para a gente descer, para fazer imagens, ou qualquer coisa parecida. E o pessoal [do estúdio] eles me plugaram de novo e disseram:

- Agora é contigo de novo.

- Então pessoal, a gente está aqui, estamos voltando, eles nos abriram essa passagem e a gente vai acompanhar de perto agora o trabalho de retirada desses corpos.

Eu jamais imaginei que eles permitissem que a gente chegasse tão perto. Pra tu teres uma ideia, eu fiquei do lado do caminhão, de frente para a porta, muito perto, para quem conhece lá vai saber que é muito perto. Os socorristas que estavam trabalhando, eles colocaram as luvas, pararam em uma espécie de fila indiana, todos muito, muito, muito abatidos e alguém deu uma ordem como: vai, qualquer coisa nesse sentido. Eles entraram por um lado das portas e voltaram pelo outro com as pessoas sendo carregadas, cada duas pessoas carregavam um corpo, mais ou menos, e naquele momento eu achei que eu não iria conseguir seguir... Você olhava para o chão... eram centenas de luvas descartáveis, claro que eles iam trocando as luvas, copos de água, e muitos sapatos, muitos, muitos, muitos sapatos. No primeiro momento que eu percebi os sapatos, que é algo que eu não consigo esquecer, porque as pessoas no desespero de saírem correndo, perderam sapatos e até na hora de retirar isso também foi perdido, e os copos d'água obviamente do pessoal que trabalha lá, que estava precisando disso. Era um cenário de guerra, obviamente, eu nunca estive em um, mas, pelos relatos, isso era muito semelhante e você estava no meio daquilo e as pessoas sendo retiradas de lá de dentro, ainda com roupas de festa, ainda maquiadas, enfim, e sendo carregadas para dentro daquele caminhão e amontoadas. Eu não vou condenar aqui o trabalho, porque o que precisava ser feito era retirar as pessoas e levar para o CDM, as famílias precisavam terminar com essa angústia. Mas naquele momento em que eu acabei relatando as pessoas sendo retiradas de lá de dentro, eu achei que não iria conseguir terminar. Achei o momento

mais impactante. Quando alguém me pergunta alguma coisa sobre esse dia, eu falo que eu posso viver mil anos, eu nunca vou esquecer as pessoas sendo retiradas, tão jovens e tão bonitas, sendo amontoadas em um caminhão frigorífico para serem reconhecidas pelos familiares.

As mudanças após a tragédia

ANANDA: Muitas. No primeiro momento, eu comecei a perceber que a vida é muito curta, a gente deveria sempre ter essa certeza, mas, naquele momento que eu fui me dar conta disso e que a gente pode fazer mais pelo outro e a gente precisa ser uma pessoa melhor. Isso pode ser clichê, mas é verdade, eu mudei muito a forma como eu vi, via e hoje eu vejo o mundo e a forma como eu penso o mundo e como eu penso as relações entre as pessoas e, principalmente, as relações de consumo e as relações de governo. Como assim? No sentido de que, querendo ou não, a ganância levou a essa tragédia, não venha me dizer que não, porque sim, foi isso, a vontade de colocar cada vez mais gente em um lugar, de lucrar cada vez mais, etc. Sim, o governo também tem culpa, e não estou aqui dizendo que é o prefeito, o governador ou a Dilma presidente, não é isso, mas a forma como está colocado hoje o sistema governamental que a gente tem, tanto município, estado, país, essa coisa de um empurrar para o outro, essa burocracia imensa, essa possibilidade de driblar muitas vezes essa burocracia com o suborno, ou qualquer outra coisa, fez sim com que essa tragédia acontecesse. Se não houve um indiciamento específico, se não houve uma punição específica, é uma questão que não cabe a mim aqui julgar, porque nós não estamos aqui para isso. Mas eu não consigo acreditar que não houve uma responsabilidade da Prefeitura de Santa Maria, de quem fez os trabalhos de liberação, de alvarás e tudo o mais, eu não consigo acreditar nisso. E para mim, como ser humano, mudou a forma como eu vejo as relações entre as pessoas e as relações que são do capitalismo. Usando o sistema que a gente tem, de certa forma, foi a ganância e a vontade de ganhar cada vez mais que fez todo esse problema. Então pra mim aquilo foi um choque de realidade, veja o que o mundo está fazendo única e exclusivamente para lucrar mais, ou por conforto ou por comodismo, eu comecei a ver as coisas de uma forma mais crítica depois disso.

Hoje fazendo essa pergunta eu consigo ver isso claramente. Em um primeiro momento foi tudo muita confusão, mas hoje eu percebo: houve sim uma grande mudança da forma como eu me comporto como ser humano e também como profissional, porque naquele momento, a gente, de certa forma, se abraçou, os jornalistas, os profissionais, a gente se abraçou e foi um momento de muito, eu não sei qual seria a palavra adequada, mas de compreensão eu diria, e é óbvio que isso acabou interferindo no trabalho que a gente foi fazendo depois. Não sei se a palavra mais forte seria a adequada, mas eu me tornei um pouco mais, eu acho que vou usar a palavra forte. No

primeiro momento a gente cai, depois que a gente se recupera disso, a gente aprende a lidar. Eu acho que até uma dor muito grande, deve sim para a gente tirar algo de positivo. Não estou dizendo tirar algo de positivo da tragédia, não é isso, mas algo positivo da dor que, eu também te falei, senti. Eu acho que, até de certa forma, isso fortaleceu não para me tornar uma pessoa mais fria, mas, para justamente, me tornar uma pessoa melhor. Eu acho que o contato tão próximo com a dor e com a morte fez com que eu olhasse o jornalismo de uma forma diferente, e se, num primeiro momento, como vocês mesmos estão fazendo este trabalho, houve algum tipo de espetacularização ou algo do gênero, num segundo momento isso serviu para a gente repensar o nosso próprio trabalho, e eu tenho certeza que não foram nem uma e nem duas pessoas que pensaram em largar o jornalismo naquele momento. E eu fui uma delas. Eu pensei seriamente, eu não quero mais fazer isso, não quero ter que passar por isso de novo, mas como a gente sabe, luto é um processo também e, de certa forma, nós também vivenciamos uma forma de luto, isso se passou, se reconstruiu e, com certeza, fez com que eu enxergasse o meu trabalho de uma forma diferente, mais responsável. Eu percebi ali, o tamanho da responsabilidade que o jornalista pode ter, a gente sabe disso, mas às vezes precisa perceber empiricamente e eu acho que eu me tornei uma profissional melhor, mais cautelosa, mais cuidadosa e mais preocupada com os fatos que eu estou relatando com as pessoas envolvidas.

As mudanças nas festas após a tragédia

ANANDA: Num primeiro momento houve uma política de contenção de população, vamos dizer assim, nas festas muito grande, mas eu preciso te dizer que já nesta época eu não frequentava muito casas noturnas. Sou da época do DCE [Diretório Central dos Estudantes], que os mais antigos vão lembrar, e o DCE, eu lembro que eu pensei também que se tivesse acontecido lá, iria morrer muito mais gente, porque era um brete para descer para a Catacumba, até para adentrar na boate era muito complicado, porque era sempre muito cheio e eu nunca curti muito festa cheia. Empiricamente eu não posso te responder isso, porque eu não frequentava mais esses espaços, no entanto, pelo que a gente acompanhava, em um primeiro momento, parecia que começou a se respeitar um pouco essa questão da lotação máxima.

O papel da imprensa para evitar novas tragédias

ANANDA: Acredito que quando a imprensa começou a noticiar os problemas que havia na casa noturna e em outras casas noturnas também, tu podes de certa forma, em um mundo ideal, obviamente, fazer com que os proprietários se conscientizem, que a prefeitura se conscientize, que as pessoas se conscientizem a não frequentar locais que não estejam em conformidade ou adequados com as normas de segurança, mas, para isso, a gente precisa

de um mundo ideal que a gente não tem. O trabalho da imprensa é importante sim porque se a gente consegue conscientizar uma pessoa, se a gente consegue modificar a forma como opera uma boate, já é um grande ganho, porque a imprensa sozinha não consegue modificar as coisas, isso seria uma pretensão até, porque a gente trabalha com um sistema político falido, a gente trabalha com um sistema extremamente ganancioso e a gente sozinho não vai conseguir isso. As pessoas muitas vezes pensam: ah, mas se tu colocares no jornal, se colocares na TV, no rádio, as pessoas vão tomar vergonha. Não, as pessoas não tomam vergonha por isso. Muitas pessoas só se adequaram com medo mesmo da punição de receber uma multa, ou alguma coisa parecida, não porque elas acreditassem que deveria ser o correto a se fazer isso, é uma minoria. Falo isso por uma situação óbvia, ninguém está preocupado imediatamente com isso, senão teriam se preocupado antes da tragédia, as pessoas que estavam em desconformidade com as normas legais sabiam disso, então se muitos modificaram depois, é porque houve uma cobrança mais forte, só que talvez essa cobrança mais forte tenha vindo em virtude do trabalho que a imprensa fez. Talvez se a gente não tivesse feito esse acompanhamento, não tivesse batido tanto nesta tecla da segurança, dos PPCI's e tudo o mais, não houvesse uma fiscalização mais rigorosa, neste primeiro momento, porque aí sim as pessoas se sentem, de certa forma, obrigadas. Se não tivesse havido esse bater em cima dessa tecla, talvez essas normas, que já deveriam ter sido cumpridas antes, não tivessem sido cumpridas ou levadas a cabo imediatamente depois da tragédia. Houve um aumento na fiscalização, leis, mas, com certeza, nesse sentido o trabalho da mídia ajudou, porque se a gente não tivesse feito, não teria tido este tipo de retorno por parte do Legislativo, no caso de criar as leis e do Executivo, no sentido de cumprir a fiscalização.

O acompanhamento do assunto

Se gente não fizer este acompanhamento, se a gente não der voz para [o movimento] Do Luto à Luta, se a gente não der voz para esses pais que foram processados pelo Ministério Público porque reclamaram, isso não vai dar em nada, ou vai dar a impressão de não estar dando em nada. Se a gente não der voz para essas pessoas, simplesmente essa tragédia vai passar impune. Tanto que teve na Romênia de novo, acredito que aproximadamente 30 pessoas morreram numa boate, ou seja, isso se repete. Se a gente não ficar em cima, se a gente não der a atenção necessária, outra tragédia vai passar. Daqui a dez, 15 anos, a gente vai estar contando isso para as novas gerações: aquela boate que morreu um pessoal em Santa Maria... E o pessoal que realmente deveria ter sido responsabilizado pode ter esquecido isso e não é justo, não é correto e não seria ético também, a gente ter noticiado tudo aquilo, ter passado as informações para as pessoas e depois esquecer disso. A gente tem uma obrigação moral, ética e humana em seguir falando sobre isso e seguir cobrando respostas e quem tem que dar essas respostas porque elas não existem, ainda.

Mensagem aos futuros jornalistas

ANANDA: Não pensem que vai ser fácil em um primeiro momento porque não vai. Não pensem que a única alternativa é trabalhar em um veículo A, B, C ou D, e não pensem que o local onde você trabalha, vai fazer o trabalho de vocês. Você pode estar trabalhando no melhor lugar do mundo, quando acontece algo deste tamanho, por exemplo, ninguém vai mostrar para você como você deve fazer. O principal mesmo é você, desde o começo da graduação, se munir de conhecimento técnico, teórico também, mas humano. Você precisa ser, antes de qualquer coisa, uma boa pessoa e não estou falando aqui de ser um cidadão de bem, definitivamente não, estou falando de uma pessoa que compreende o próximo, que tenha respeito pela sua fonte, que tenha respeito pelo seu entrevistado, que tenha respeito pelos fatos que estão sendo levados ao público. A gente como jornalista tem uma missão muito bonita, mas uma missão também dolorosa, uma missão muito mal paga - sim a gente ganha muito mal para fazer tudo isso - mas é uma missão que é bacana, porque você tem a possibilidade de contar histórias muito bonitas, muitas vezes, histórias tristes em outras, que também é o nosso trabalho, o nosso dever, mas você tem, de certa forma, o poder de levar para as pessoas uma forma diferente de ver o mundo e de ver os fatos. Como eu falei, se a gente conseguir conscientizar uma pessoa de que entrar em uma boate cheia não é legal, está valendo. Se a gente conseguir fazer com que uma boate se adeque, depois do nosso trabalho, já é meio caminho andado. A gente tem uma tarefa muito bacana nas mãos, uma tarefa bonita, muito importante e muito, muito, muito impactante. A gente precisa se preparar para isso. Durante muito tempo, eu faço a meia culpa aqui, eu achei que era super legal simplesmente ter um rostinho bonito na TV, por exemplo. E o jornalismo é muito mais, o jornalismo é se preocupar com o próximo, o jornalismo é levar a informação com credibilidade, com critérios, com responsabilidade. Acho que a principal dica é: seja uma pessoa preocupada com o seu próximo. Jornalismo nada mais é do que você realizar um trabalho de informação para os demais. Se você não for, repito, uma pessoa bacana, uma pessoa humana, uma pessoa preocupada com o próximo, você não vai conseguir fazer nada.

Referências bibliográficas

BALTZ, Tiago. Entrevista. [mar. 2015]. Entrevistadora: Renata Franciele Grzegorek. Santa Maria, 2015. 1 arquivo.mp3 (38 min.)

DUTRA, Deivid Rodrigues. Entrevista. [mar. 2015]. Entrevistador: Renata Franciele Grzegorek. Santa Maria, 2015. 1 arquivo.mp3 (18 min.)

GODOY, Vilceu. Entrevista. [abr. 2015]. Entrevistador: Renata Franciele Grzegorek. Santa Maria, 2015. 1 arquivo.mp3 (58 min.)

MAIA, Antônio Augusto Rodrigues. Entrevista. [jul. 2015]. Entrevistador: Renata Franciele Grzegorek. Santa Maria, 2015. 1 arquivo.mp3 (17 min.).

MOTTA, Juliana; MOURA, Oneide. Entrevista [out. 2014] Entrevistadores: Clarissa Schwartz e Renata Franciele Grzegorek. Santa Maria, 2014. 1 arquivo.mp3 (82 min.).

MÜLLER, Ananda. Entrevista. [nov. 2015]. Entrevistadora: Renata Franciele Grzegorek. 2015. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo.mp3 (43 min.).

RAMOS, Fernando; ANTONELLO, Lizie. Entrevista [nov. 2014]. Entrevistadores: Clarissa Schwartz e Renata Franciele Grzegorek. Santa Maria, 2014. 1 arquivo. mp3 (87 min).

RORATO, Germano. Entrevista. [set. 2015]. Entrevistadora: Renata Franciele Grzegorek. Santa Maria, 2015.

VARGAS, Nilson. Entrevista. [nov. 2014] Entrevistadora: Anelise Dias. Porto Alegre, 2014. 2 arquivos. mp3 (44min).

ZAPPE, Alcides Henrique. Entrevista. [out. 2014]. Entrevistadores: Clarissa Schwartz e Renata Franciele Grzegorek. Santa Maria, 2014. 1 arquivo.mp3 (49 min.).

Posfácio

Associação dos Familiares das Vítimas e Sobreviventes
da Tragédia de Santa Maria AFVTSM

A preservação da memória se torna cada vez mais onipresente na atualidade. Mas quando se trata de uma memória dolorosa para muitas famílias e impactante para uma sociedade inteira, se torna imprescindível a luta para que ela não seja esquecida. As famílias santamarienses e gaúchas ganharam atenção do país e do mundo: durante dias e meses, todos conheceram aqueles que seriam os "futuros promissores" e seus sonhos, que foram arrancados de forma brusca na Kiss. Além da luta para que não se caia no esquecimento, a busca por Justiça se torna cada vez mais presente, por vezes desesperançosa, com manobras e ações colocadas em prol das famílias na tentativa da indução à desistência.

Seja nos quatro anos passados do sinistro, seja no dia 27 de Janeiro de 2013, muitas experiências foram e ainda são compartilhadas por familiares, amigos, sobreviventes, voluntários, psicólogos, profissionais da imprensa e de outras tantas áreas que se envolveram de uma forma ou de outra. As Associações e Movimentos de luta formados após a tragédia sofreram grandes críticas de parte da imprensa local e de determinados profissionais inseridos nela. Apesar disso, é inegável ressaltar a grande importância do trabalho jornalístico para manter a memória pública do ocorrido, assim como os desdobramentos realizados pelos profissionais da área para a realização da cobertura da tragédia.

O vazio em cada família, junto de todas as informações, relatos, dificuldades de logística e trabalho, fotos estampadas em impressos e notícias veiculadas, fazem parte da nossa história. Fernando Pessoa já disse que "A memória é a consciência inserida no tempo". Estejamos nós, conscientes de nosso papel na sociedade, sendo ele um profissional na busca por informações com integridade, sendo ele um cidadão cobrando e exigindo respostas justas em um sinistro de dimensões imensuráveis.

Sobre os autores

Ada C. Machado da SILVEIRA é professora titular da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), integra o quadro permanente do Programa de Pós-graduação em Comunicação. É pesquisadora do CNPq como Bolsista Produtividade. Graduada em jornalismo pela Universidade do Vale do Rio dos sinos (Unisinos), é mestre em Extensão Rural pela UFSM, magister en Ciéncies de la Comunicació e doctora en Periodisme pela Universistat Autònoma de Barcelona. Possui estágio pós-doutoral na Sorbonne III e na Universidad Nacional de Quilmes. Lidera o Grupo de Pesquisa Comunicação, identidades e fronteiras. E-mail: ada.machado@pq.cnpq.br

Clarissa SCHWARTZ atuou como professora colaboradora do Departamento de Ciências da Comunicação e bolsista de estágio pós-doutoral (Capes PNPD Institucional) no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) junto ao grupo de pesquisa Comunicação, Identidades e Fronteiras, atuando no projeto Brasil, mostra tua cara: Ambivalência de fronteiras e favelas na cobertura jornalística de periferias. (2014-16). Graduada em Jornalismo, mestre e doutora em Extensão Rural pela UFSM. Foi repórter e editora da RBS Tv Santa Maria durante 15 anos (1998-2013). E-mail: clarissaschwartz@yahoo.com.br

Anelise Schutz DIAS é mestre e doutoranda em Comunicação e Informação no Programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), onde foi voluntária no grupo de pesquisa Comunicação, Identidades e Fronteiras. E-mail: anelisesdias@gmail.com

Renata Franciele GRZEGOREK é graduada em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), onde foi voluntária no grupo de pesquisa Comunicação, Identidades e Fronteiras. E-mail: renataf.grzegorek@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA

Reitor
Paulo Afonso Burmann
Vice-reitor
Paulo Bayard Dias Gonçalves
Diretor do CCSH
Mauri Leodir Löbler
Chefe do Departamento de Ciências da Comunicação
Viviane Borelli
Editoração
Clarissa Schwartz
Capa, projeto gráfico original e diagramação
Bibiana Silveira
Revisão
Suélen de Lima Lavarda , Bernardo Abbad da Rocha

FACOS - UFSM

Comissão Editorial
Ada Cristina Machado da Silveira (UFSM)
Aline Roes Dalmolin (UFSM)
Eduardo Andrés Vizer (UBA)
Eugênia Maria Mariano da Rocha Barichello (UFSM)
Flavi Ferreira Lisbôa Filho (UFSM)
Gisela Cramer (UNAL)
Maria Ivete Trevisan Fossá (UFSM)
Marina Poggi (UNQ)
Monica Maronna (UDELAR)
Paulo César Castro (UFRJ)
Sonia Rosa Tedeschi (UNL)
Susana Bleil de Souza (UFRGS)
Valentina Ayrolo (UNMDP)
Veneza Mayora Ronsini (UFSM)

Feito em Adobe Garamond e Freight Sans Pro,
em Santa Maria - RS. Impresso por Gráfica Pallotti.